

REVISTA DO BRASIL

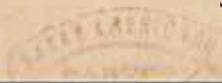
DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

SU M M A R I O

CLASSIFICAÇÃO PSYCHOLOGICA DO HOMEM (I) . . .	Villar Belmonte	97
SOBRE ARTE	Lasar Segall	104
MEALHAS ETYMOLOGICAS	Francisco Luiz Pereira.	111
DA FADIGA INTELLECTUAL	Mario de Andrade	113
DESARRAIGADA	Renata Luiza	122
QUANDO FALA A VOZ INTERIOR	Aulio.	140
EXTRANHO OCCASO	Mario Sette.	143
A CAÇA _____	Bento Arruda	146

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES
E PESQUIZAS — AS CARICATURAS DO MEZ "

EDITORIA :
COMP. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÈ, 34 SÃO PAULO



Holmberg, Bech & Co. LM

IMPORTADORES E INDUSTRIAES

RUA LIBERO BADARO', 169

8 . F A X I I V O

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, Hew-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".



"REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA"

Fundador: SILVIO DE ALMEIDA

Diretor: MÁRIO BARRETO

p u b l i c a ç ã o m e n s a l

Colaboração dos maiores filólogos e literatos
do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem pa-
ginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clás-
sicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL:

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NÚMERO AVULSO	3J000

Pedidos à

NOVA ERA, Emprêsa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO



REVISTA

DO

BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

CLASSIFICAÇÃO PSYCHOLOGICA

DO HOMEM

HESITAM sociólogos na especificação dos factos sociaes...

O mesmo deve acontecer quanto ás acções individuaes.

Nós, porém, fugindo aos methodos em cujo dédalo, as mais das vezes se perdem os observadores, não tememos as conclusões simples e fazemos como os botânicos — não classificações, mas ordenamentos. Nisto baseados é que ousamos tentar as duas especificações.

I

Phenomenos derivados da funcção:

d? nutrição	j propriedade
	(direito
de reproducção	^ família
	I governo
de relação	dever
	(sciencia



Seus aspectos evolutivos (nas diferentes épocas):

Factos sociais	I) religiosos	{ Arte de impor a vontade aos grupos, pelo terror do occulto: <i>escravidão</i> instituindo o trabalho e <i>guerra</i> organizando as nações.
	II) artisticos	{ Arte de interpretar o bello: <i>religião</i> combatendo o cannibalismo e <i>moral</i> regulando a propriedade.
	III) políticos	{ Arte de acasalar os typos em beneficio da familia: <i>enfeites e blandicias</i> attrahindo os grupos e <i>governo</i> evitando-lhes os possíveis attritos.
	IV) economicos	{ Arte de produzir bens em relação ás necessidades dos grupos: <i>politica</i> , ordenando as actividades e <i>direito</i> limitando os arbitrios.
	V) scientificos	{ Sciencia de interpretar o universo: <i>vistrucção</i> aperfeçoando os indivíduos e <i>justiça</i> destruindo os erros e as violências.
	VI) ethicos	{ Sciencia da coexistência humana: <i>organizando</i> costumes e catalogando experiencias em normas.
	VII) estheticos	{ Sciencia do raciocinio: prolongando a vida, melhorando o mundo e dilacerando as esferas da razão e do sentimento.

Até aqui, como nebulosas, os grupos dos principaes factos sociais.

Veiamos agora os aspectos mais definidos dos actos individuais.

Lá — sociologia; cá — psychologia.

II

Categorias cerchraes	a)	{ <i>Calculistas</i> , em cujo grupo se encontram emprehendedores, commerciatites e outros políticos.
	b)	{ <i>Imaginosos</i> (artistas, religiosos, burocratas, altruistas, etc.)
	c)	{ <i>Logistas</i> (inventores, reformadores, scientists e philosophos).



Em primeiro lugar, a categoria dos calculistas, porque a comparação e a contagem surgem como operação primaria no mundo da intelligencia: o infante, por exemplo, observa material e empiricamente; em regra imagina pouco e quasi nada pensa... Mas já calcula e mede, já calcula mais ou menos o perigo e mede tanto quanto possivel as consequências...

Só depois de profundos exercicios automaticos de ideação é que lhe nasce a imaginação ponderada e muito depois a memoria segura e o raciocínio logico.

Todo o "processus" psychologico a isto se reduz: o instincto desdobrando-se em intelligencia; a memoria desdobrando-se em vontade; e o pensamento desdobrando-se em consciência.

A pratica nos ensina que muito instincto dá acção, audacia; e que ao contrario, muita intelligencia dá timidez, modéstia.

Do mesmo teor, a muita memoria, que deixa os mnemonicos sem vontade; e o pouco pensamento, que deixa os individuos inconsequentes, exaggerados e pouco dados á equidade, ou ao perdão.

A categoria dos imaginosos é a mais geral e numerosa. Explica-se: de todas as operações da intelligencia — o calculo, o raciocínio e a imaginação — esta é a mais fácil. A observação quotidiana nos demonstra que "quanto mais se imagina menos se pensa", e que "grande memoria é sempre grande imaginação somente" ou então grande distracção ou excentricidade, como de ordinário se vê nos músicos e nos mathematicos.

O artista, commummente, é um visionário: tendo uma boa dose de intelligencia, mas uma vontade fraca, recua dos problemas práticos do mundo e por preguiça physica, entra com o seu mínimo esforço a gosar a vida imaginosa e mental dos phantasis-tas. Por isso é que as crianças, os poetas e as mulheres — criaturas profundamente sentimentaes — adoram a lenda, o romance, rs religiões, as modas, o bizarro, o inaudito, o fabuloso...

E os calculistas? são homens-machinas: para elles não ha sentimento nem razão quando o seu interesse está em jogo...

Resta-nos ver o logista. Ah! não o é quem quer, quem estuda e se esforça para tal, mas aquelle que, por predisposições naturaes (equilibrio exacto entre a inducção e a deducção) tem o cerebro como um aparelho de precisão: nitido, aperfeiçoadissimo, trabalhado secularmente por successivas gerações seleccionadas...

Não é o que nasce exclusivamente Byron, ou exclusivamente Ford, ou exclusivamente Einstein, ou exclusivamente Felipe de Macedónia... Não são os Christos ou os Rockefellers, os Alexandres ou os D'Annunzios, que todos se repellem, mas de todos é que são feitos os logistas!



Ah! os raciocínios logicos — essa operação-synthese, em que o pensador, sendo ao mesmo tempo emotivo e sentimental, não perde a sua característica!

Observai os tres typos: o calculista é concentrado, neurasthenico, quasi sempre inimigo das multidões e das explosões affectivas... O imaginoso é entusiasta, vibrante, verboso, gesticulador, exhibicionista...

E o logista? — Claro, medido, harmoniso, equitativo, dominador!

Vejamos a medida normal, psychologica:

Calculistas	C	emotivid;de=1
		sentimen"alidade=2
	L	logismo=3
Imaginosos	}	emotividade=2
		sentimentalidade=3
Pensadores	}	logismo=4
		emotividade=3
		sentimentalidade=4
		logismo—5

Por onde se vê que o.; imaginosos são mais logicos do que os calculistas e menos que os logistas,

Pode, porém, o calculista elevar o seu logismo a 6, ser millionario (emotividade 0, sentimentalidade 0, e logismo 6), mas arrepende-se e torna-se philanthropo, como Rokefeller, elevando os coefficients 0 a mais do normal: 2 emotividade e 3 sentimento.

Do mesmo modo, o imaginoso pode elevar tanto o seu logismo a ponto de subir de categoria; como o pensador — baixal-o tanto, até tornar-se imaginoso puro, como Comte.

Exemplos elucidativos:

I) O jogador é calculista emotivo; o benemerito — calculista sentimental e o millionario — calculista logico.

II) O guerreiro é imaginoso emotivo; — o santo imaginoso sentimental e o artista — imaginoso logico.

III) Todo pensador emancipado é logista.

Ha, pois, calculistas logistas, os mais evoluídos; ha imaginosos sentimentaes, os mais equilibrados; como ha pensadores emotivos, isto é, os mais rudimentares na sua escala evolutiva.

Essas anomalias ou retrocessos são de base congenita ou educacional: delias só estarão livres os cerebros robustos e eugenicos do futuro.

Pensadores da estatura de Spencer e Conte exorbitaram do campo da metaphysica, como Kant e Locke se perderam na dialéctica da extraphysica.



O autor da "Philosophia Positiva" emotivou-se pela perda da esposa, cuja imagem em vão tentou continuar em Clotilde; e o fundador do criticismo foi sempre um sentimental: amando muito, nunca se casou... Detestava a mulher nas mulheres de sua cidade, da qual nunca sahiu durante os oitenta annos que viveu.

Também por illogismo nas grandes generalisações ou sentimentalidade no excessivo dos detalhes de observação — desviaram-se deploravelmente de suas concepções geniaes os Spinosas e os Leibnitz...

Um philosopho nunca se apaixona: isso é próprio dos sábios que se enamoraram perdidamente de suas próprias theorias, agarrados a uma ou a um grupo de sciencias e polarizados pela sua especialidade technica.

O philosopho ou o logista puro, não estuda o applicação das sciencias, mas — scientista e critico ao mesmo tempo — delias extrai o substracto de suas correlações com a vida em conjuncto, a significação lógica de suas leis e finalidades: — não as sciencias, mas a Sciencia nas suas syntheses, que classifica e passa para o mundo phenomenologico da philosophia.

Do sentimentalismo philosophico de Sócrates com a emotividade affectiva de Platão surgiu a primeira etapa do logismo ou racionalismo de Aristóteles.

Dois mil annos durou a Escolastica... até que o "Novum Organum" de Bacon lhe viesse abalar o profundo systema. Ainda em plena madrugada das sciencias, o "Organum" do sábio grego se integrou no seu compendio de "Lógica", mas Bacon o reconstroe, Locke o remodela no "Ensaio do Entendimento Humano" — esse terceiro "Organum" que século e meio depois — um quarto — a "Philosophia Positiva" iria modernisar e corporificar para phanal dos pensadores. O "obumbramento do mestre", porém, não permittiu; sobreveio-lhe o golpe emocional... e a obra ficou em meio, á espera de terminação ou substituição por um quinto "Organum"...

O máximo pensador iniciou a obra genial, na sua gloriosa juventude, systematisando os conhecimentos humanos, mas — pobre do viuvo apaixonado! — desnorteou-se e entrou a systematisar também as crenças humanas.

A philosophia não é empirismo letrado, phraseologia abstracta, ponteada de duvidas e interrogações, mas exegese pura, interpretação authentica dos phenomenos naturaes: não é metaphysica de palavras, mas "metaphysica de experiencia" (Ingenieros), servindo-se das hypotheses nas sciencias e das crenças nos conhecimentos, como dos andaimes se servem os architectos nas suas construcções palacianas...



Foi por isso que Hobbes, certa vez, ao assistir ao incêndio de uma bibliotheca, mãos no bolso, exclamou:

— "Si abi não ha mathematica, deixem-na arder, que só beneficio trará á civilização."

A metaphysica de pensamento (idealismo orgânico de Oliveira Vianna) é a que fructuosamente nos conduz a hypotheses previsíveis, realisáveis, a inventos e descobertas utilitarias — ao passo que a de palavras nos desorienta e perde nos oceanos ethereos da imaginação sem lógica, na "insania verba" — esterilização psychica, como offuscamentos de luz excessiva. Taes as bibliothecas literarias modernas. Taes as obras de ficção: os exaggeros da arte, os imperialismos de classe, os desmandos de certas leis illogicas, impostas á força...

Assim como as habitações infectas contaminam os moradores, o "idealismo utopico" (Oliv. Vianna) envenena os povos e engana os governos.

Eram mais lógicas as obras antigas, porque os seus sábios autores as bebiam espontaneamente nos campos e jardins: não se padecia do mal metaphysico das bibliothecas imaginosas. Os proprios deuses eram menos mythologicos do que os de hoje: symbolisava cada qual uma força ou manifestação viva da natureza.

Os extraphysicos (emotivos e sentimentaes) não podem comprehender que não é integral a verdade contemporânea, que ella não resume sinão resultados parciaes do conhecimento (um quasi nada do pensamento, da posteridade) e se apegam á "ultima palavra" de um systema ou á "verdade intangível" desta ou daquella época. Não percebem que, pretender paralyzar a investigação é privar a natureza humana da sua mais nobre funcção: — "o ver para crer" da consciência.

Da crença podemos partir para o conhecimento, mas não deste para aquella. A verdade — crystalisação metaphysica de factos transitórios — não conhece "preceitos infalliveis" de arte, "conceitos absolutos" desciencia ou "leis immutaveis" em religião ou politica.

O futuro certamente possuirá novas geometrias, novos pesos especificos, outras objectivas astronômicas, outras microbiologias...

Causas, factos, acções, objectos e individuos, tudo tem suas mysteriosas raízes e actuações no passado remoto — antes da historia — com significações e frutificações inimagináveis no mais longínquo porvir, cujas proporções e características transcendem ás cogitações dos tempos presentes. Pois bem: o calculista polarisa-se supinamente pela actualidade; e o imaginoso se aferra, como um fanatico, ao passado ou ao futuro; e só o pensador —



compara as épocas, mede os factos, analisa as pessoas, p aquilata as acções, sem todavia transigir com as suggestões ambientes. Sua característica sui>erior é a elevação: das causas geraes extrai as leis, as ideias-syntheses, os sentimentos-forças, os pensamentos-acções: não é nem um inconsciente psychologicamente, como o emotivo, nem um egotista como o sentimental.

Até aqui, a classificação psychologica do homem sob o ponto de vista intellectual. Vamos tental-a agora sob o ponto de vista moral.

VILLAR BELMONTE





S O B R E A R T E

(Conferencia realizada na Villa Kyrial)

O DESEJO de comunhão entre "eu" e "tu", ou, mais geralmente, entre homem e homem, homem e sociedade, povo, mundo, provoca a arte. A língua é necessária como um meio de comunhão, meio de expressão da vida interior e da concepção do mundo, da humanidade, da época e da religião. O mundo animal tem a sua língua, como o mundo vegetal: sons, mímica e formas. Cada um falia sua língua; o poeta escreve, o pintor pinta. A pintura é um dos meios de comunhão entre "eu" e "tu".

O desejo de comunhão origina-se em forças cegas da natureza e realiza-se em uma ou outra espécie de linguagem. O homem é uma parcela da natureza. Ele gira na infinidade da natureza e dela, como de única fonte, tira os elementos de toda criação. Quanto mais forte é o desejo de comunhão, mais profunda e mais sincera é a sua expressão. Faltando esta necessidade interior, faltando, portanto, paixão, extase, a obra do artista não é mais um grito de dor, é apenas um efeito técnico, um brilhante falso.

Cada homem é filho de seu tempo e a sua expressão é a expressão desse tempo. Os seus cinco sentidos estão abertos à percepção de tudo o que acontece no mundo exterior e que penetra no seu mundo interior. Em tais, estas impressões logo desvanecem; em outros, elas começam a agitar-se, e tomar formas e buscar uma saída. A expressão revestida de formas é a criação. A criação tem um valor para o seu tempo, mas pode também ter um valor eterno. O artista, não obstante sua dependência das condições sociais, econômicas e culturais da época, não se perde nelas e possui uma força instintiva que lhe dirige o olhar sempre para diante e que cria novas necessidades e novos caminhos. *A língua do pintor é a pintura.* A pintura são formas e cores e, como a filosofia e a religião, é a expressão exacta do estado espiritual da humanidade. Nas épocas que possuem um profundo sentimento do mundo e do inconcebível do ser, a *arte é metafísica e não óptica.* Em outras épocas, quando domina uma concepção racionalista do mundo, um ponte

de vista materialista, a arte torna-se óptica. Nas primeiras, ha o desejo de livrar-se do jugo da terra, a sede do suprasensível, a tendencia á abstracção; nas segundas, o sentimento de satisfação do mundo, a tendencia ao naturalismo.

Ceguei acjui a um ponto onde se torna preciso voltar-me á arte de tempos longinquos. Sabemos que nunca poderemos comprehender completamente o espirito daquelles tempos, mas também eu sei que existe uma similhaça entre as formas de arte da nossa época e as dos tempos em questão, formas que provêm dos mesmos estímulos internos. Escolherei as épocas mais importantes da pintura para estudal-as quanto o tempo permittir; então chegaremos á conclusão que a aspiração ás formas foi provocada em todas as grandes épocas de arte em uma atmospha espiritual semelhante e nela mesma necessidade interior de que já fallei.

A arte não precisa de analyse e comparação e sim o publico, que está de olhos fechados deante da vida de seu tempo; e não tem portanto, confiança em sua creação na arte. E' necessário no interesse delle escolher factos das grandes épocas de arte, comparal-os e mostrar o parentesco entre elles e as nossas tendencias na arte, afim de que seja esclarecido o valor destas ultimas.

Cada período de arte distingue-se de outro. Assim, por exemplo, entre uma primeira época forte e uma quinta fraca, podem existir uma segunda e uma terceira fracas e uma quarta forte ou vice-versa. As épocas fortes de arte, embora distantes uma de outra de centenas de milhares de annos, sempre são concordantes entre si nas suas aspirações, sempre têm um ponto commum, como todas as grandes religiões e todas as demais manifestações do espirito collectivo.

Não ha na arte progresso systematico; ha um alvo consciente ou inconsciente de que cada época se aproxima ou se afasta, mas que nunca se alcança. De um certo ponto de vista, as causas destes movimentos alternados de aproximação e afastamento são, de um lado, a concepção metaphisica do mundo — tendencia á abstracção — de outro lado, a concepção racionalista — tendencia ao naturalismo. Estes dois momentos determinam a vida da arte em todas as épocas. Isso vemos claramente quando damos um golpe de vista nos tempos passados.

O historiador de arte muito nos ajuda nesta tarefa, mas, infelizmente. Pela sua profissão, está em geral só cavando o passado. O olhar de um delles perde-se na infinidade do espaço; o do que é myope fica parado no periodo do Renascimento ou, talvez, chega até a arte antiga; se, porém, fôr mais longe, os resultados das investigações podem ter interesse para a historia da cultura, mas do ponto de vista da arte, carecem de importancia. Só poucos historiadores de vistas mais largas, penetrados do espirito do nosso tempo depois de terem visto a falta de formas e de fim na arte dos últimos séculos, sentiram a sede da arte verdadeira, abriram os olhos e enxergaram um horizonte mais largo.

Indo bem além da arte hellenica, o olhar desses abraçou todo aquelle espaço, comprehendeu o homem no espaço, seus desejos, suas expressões, sua arte, e comprehendeu a arte dos egypcianos, dos hindus, a arte exótica, a arte dos primitivos.

Sim, o negro é um artista; sim, uma criança ignorante pode ser artista original e convencedor. No entanto *toda esta arte pouco tem que ver com a natureza!* E' justo, porque a arte nada tem que ver com a natureza, nem esta nada tem que ver com a arte. As grandes épocas o demonstram.

ARTE DOS PRIMITIVOS. Primitivo significa o que está completamente livre da influencia do intellecto. Na arte primitiva, não ha passado



nem futuro. O homem primitivo é impotente perante os phenomen s do mundo exterior, o qual é para elle um chãos. O divino são as forças cegas da natureza. Elle quer crear novas formas, novos organismos, que possa collocar ao lado da natureza como um mundo independente, seu mundo. Os seus meios technicos são rudimentares. Fugindo do mundo exterior, elle encontra o repouso na contemplação das formas por elle creadas. O objecto é-lhe incomprehensivel. Tudo é mistério para elle. Elle liberta o que vê de tudo que é accidental, produzido por movimento, como de todos os demais elementos fortuitos, e o exprime em formas que possuem uma influencia immediata. Tudo isso é instinto das forças da natureza.

ARTE DOS EGYPCIANOS. Esta arte foi um produto do dualismo consciente — homem e mundo. Lucta eterna. Explicações com o mundo. O mundo verdadeiro está atrás do mundo visual e este mundo visual não é tudo para o egypciano e sim apenas um meio para o fim. Elle sente a infinidade; elle aspira ao transcendental; seu sentimento é largo e profundo. Influenciado por tal atmospheria espiritual, elle crea formas harmonicamente ligada? entra si que possuem uma extraordinaria força de plastica. Elle procura a abstracção como a única possibilidade de exprimir sua idéa de dimensões gigantescas, crear valores acabados, estáveis, em contradicção com a apparencia passageira do mundo exterior. Elle toma o homem, como tudo o que é visível, da corrente dos phenomenos, liberta-o de tudo que é accidental e, pela força de construcção, crea um valor eterno. — A sua criação é o resultado do dualismo entre o transcendental e a realidade, dualismo que encontra sua -ynthese em sua obra de arte. Assim é também a plastica dos hindus, como, em geral, toda a arte da Asia Oriental. Constroem-se mundos. Dos elementos de uma concepção religiosa, surgem creações, elevadas pela forma até a divindade. Conheceis a plastica de Buddha nas suas diversas variantes? Elle está sentado diante de nós como revelação, como Deus, como infinidade. Elle nos falia. Quem o creou? O homem. O necessário, concentrado em formas elevadas, adquiriu aqui um valor eterno. Que proporções enigmáticas! Aqui, como na arte dos egypcios, o terrestre, em sua aspiração ao celestial, adquiriu uma forma que permanece como tal para todos os tempos e cuja influencia penetra a humanidade. — Uma sensualidade fogosa, uma vida febril manifestam-se nessa arte; porém, não se tomam em consideração as relações de espaço, as proporções naturaes, mas, graças á força de conôtrucção, as dimensões colossaes e á organização das formas, tudo que é banal, passageiro, se elimina, como na arte dos egypcios, e se consegue criação de imagens sobre-naturaes. De novo, temos aqui um forte dualismo que se transforma em unidade.

Também é importante a época bysantina. Uma expressão immediata, original. Aqui também, o dualismo — homem e mundo — surgiu de um forte sentimento religioso. Concepção do mundo fortemente symbolistica e metaphisica. Impotência diante do mundo exterior. O homem estava longe da naturalidade; a natureza era considerada como um meio para o >fim. O mysterio das proporções, quero dizer, as relações entre as formas, atinge a sua mais forte expressão e influencia a humanidade pelo seu quasi infantil de criação, ficando eterno e inolvidável. De um forte sentimento religioso, surgiu a aspiração primitiva, extranha a todos os problemas. O sentimento religioso provocou a necessidade de communhão e sua expressão foi um exagero tanto no augmento como na diminuição de formas individuaes da natureza. Surgiram novos mundos, nova expressão, novas formas.

Tomei taes exemplos porque essas épocas foram as mais importantes sob o aspecto de criação de formas. Um movimento incessante de a^cenção a culminancias de mais a mais altas. Concepção metaphisica do mundo. —



Certamente, ha differenças entre estas épocas. Assim, a arte da Asia Oriental possui uma fantasia mais forte de que a arte dos egypcianos, enquanto esta é muito mais ascética do que aquella. A arte primitiva distingue-se pela >ua instintividade, enquanto a bysantina pelo seu forte conteúdo religioso e seu modo infantil de expressão. Mas todas estas épocas têm um ponto commut. que já mencionei — aspiração ás formas, independentemente do mundo exterior, aspiração provocada pelos mesmos estímulos. — Obras de arte a^im fazem extasiar o espectador, penetram-no. Poderá elle explical-as? Não. Que o atrahe? Elle não sabe. Que vê em taes obras? O mundo em formas. *Toda a questão está concentrada aqui.* Nestas obras, não ha artistas individuais, ha o espirito de collectividade cuja arte nos falia.

Quero ainda mencionar a arte medieval que é também forte e convencedora em sua expressão, tendo sua origem nas mesmas causas. A mesma aspiração exprimiu-se também aqui em formas. — A arte gothica, embora procurasse as mesmas alturas que as épocas precedentes, ficou longe de atingir o mesmo grau. Falta-lhe o sentimento de uma forte necessidade interior. A technica domina a forma, ha muita cousa supérflua. Falta uma grande cois-trucção concentrada. Falta tensão. A arte perde-se aqui em coisas secundarias. O dualismo que, na cração das grandes épocas, se resolvia em unidade, aqui supprimiu a concentração.

Os homens de todos aquelles tempos, occupados com a sua vida interior, não comprehendiam o mundo visual, mundo optico. A sua arte nada de commum tem com a imitação da natureza, apresentando assim um contraste violento com o naturalismo, que encara o mundo visível como algo bem simples e comprehensível e para quem a arte é uma reprodução da natureza.

A partir d'aqui, a arte começa a cahir e chega, em seu desejo de assimilar-se ao aparelho photographico, ao naturalismo mal entendido. No mais elevado grau do naturalismo, estava o grego antigo. O seu mundo exterior era-lhe perfeitamente comprehensível. Elle apanhou o rythmo orgânico de tudo que vive. Elie idealisou seus proximos elevando-os a deuses, ou, mais exactamente, attribuindo aos deuses formas humanas. Elle e o mundo eram uma só coisa. Deus estava na terra; o grego via-o e deu-lhe suas forma-. A sua criação era mais racionalista. Elie via tudo com os olhos de um homem satisfeito e tudo parecia-lhe bello. Elie mesmo era a natureza, era deus. Claro é que smelhante attitude materialista para com o mundo, semelhante satisfação da realidade amortece a tensão dinamica (que se manifesta plenamente quando se evita o que a natureza nos impõe) e a criação do grego é limitada e menos profunda. O grego não tinha as grandes aspirações precedentes, a sua escola era muito mais reduzida.

Já do ponto de vista theorico, deve parecer claro e logico que a procura da belleza absoluta na realidade, isto é, nas formas dadas p:lo mundo exterior, e a tendencia de idealisar pela força de criação a belleza sentida devem sempre conduzir a resultados menos importantes de que a abstracção do visível na natureza e a expressão do substracto err. formas. *A primeira tendência é uma repetição, melhoramento, embelle-amento, idealisação; a segunda e a cração de novos valores pela necessidade interior.* A primeira vê o mundo através de vidros rosados, a segunda procura vêr a substancia do mundo.

O Renascimento relaciona-se com a arte antiga. Os desejos e aspirações do Renascimento encontram-se integralmente na arte hellenica. Comparado com este, o Renascimento é uma tentativa de imitação do antigo, emquarto, comparado com as grandes épocas de arte, é uma decaderu'ia. Aqui — superficialidade do sentimento, muita technica, descripção, falta de formas; ali — simplicidade, profundidade do sentimento, formas.



Não lia necessidade de fallar nas épocas que estão comprehendidas entre as mencionadas ou posteriores a ellas. Nellas a arte cambaleia, levantando-se imm pouco para cahir novamente. Eu quieria somente mencionar a arte classica do periodo entre os fins do século XVIII e a metade do XIX, arte que novamente procura formas mais fortes.

Vou citar aqui algumas palavras do Dr. P. F. Schmidt, de seu livro "A Arte Moderna": "Orgulhosos que somos, estamos habituados a considerar pedaços de *exercidos* de arte da Europa occidental e meridional como a *Arte*. Ora, é um grande erro attribuirmos a taes exercidos o primeiro lugar na cultura da esphera terrestre. Considerada do ponto de vista de arte, a Europa é apenas uma província da Asia, limitada no esoaço t jio tempo, e suas obras são de pouca importancia comparadas com valores millenarios dos grandes povos cultos da Asia".

Hasta ver originaes ou reproducções de obras d'aquellas grandes épocas e livrar-se de preconceitos para convencer-se da verdade destas palavras.

Eu poderia agora passar a examinar o valor da arte moderna, nossa arte, que suscita tantas discussões no mundo inteiro. Devemos viver, devemos crear, devemos trabalhar de mãos dadas para que se forme uma atmosphera de arte como uma expressão do nosso tempo. O philosopho Okakura Kakuso diz no seu "Livro sobre o Chá". "Eu quieria que amassemos mais os antigos mas que os copiássemos menos". Um voto espirituoso e avisado.

Eu poderia, como já disse, occupar-me do nosso tempo, mas devo ainda accrescentar poucas palavras sobre o que nada tem de commum com a arte. Realmente, não é absurdo dizer o que é a negação da arte para determinar pouco mais ou menos o que é a arte.

NATURALISMO MAL ENTENDIDO. Com excepção de curtos períodos durante os últimos séculos, sabia-se que a arte nada tem de commum com a fiel imitação da natureza. O naturalismo mal entendido procura asiniilar-se a um apparelho photographico. Mas o apparelho photographico é util e tem seu valor, emquanto o pretendido naturalismo não tem nenhum valor e é inútil. O naturalista acredita que a arte pode ser apprendida, portanto, frequenta a escola, mas afasta-se de mais a mais da arte. Elie confunde a arte com a imitação e nisso encontra toda satisfação. O espectador aprecia o quadro do ponto de vista da fidelidade da imitação da natureza e os quadros de naturalistas em geral lhes agradam. A procura de taes quadros é grande, procura da belleza, marca "doce", e o naturalista pinta, pinta tudo. Elie sabe tudo, pois que estudou tudo, estudou especialmente a technica e com esta pode apresentar tudo, desconhecendo difficuldades. Elie ignora o estímulo interior de expressão. Formas, imagens, criação, tudo isto é extranho ao naturalista. Durante muitos annos copiou fielmente a natureza, possui portanto a technica. Sabe que a herva é verde, que uma vacca pode ser branca com manchas pretas ou preta com manchas brancas: Elie não tem nenhuma attitude para com o mundo, quer consciente quer inconsciente. Para que? Elie pinta tão bonito, com embellecamento. Elie pode pintar cincoenta figuras num só cuadro. Podem-se retirar essas figuras, cada uma separadamente, sem que as demais sejam perturbadas. Pode-se apagar uma parte do quadro, o quadro ficará, pois pode ser visto parcelladamente. Semelhante naturalismo é um apparelho photographico de má construcção com má objectiva. Mas a marca "doce" tem sempre sahida. As salas de muitas galerias e palacios ostentam quadros desta especie e os proprietários delles se ufanam e acreditam ter feito muito para o seu tempo e para o futuro.



Lembro-me da conversa, a respeito de uma exposição, que tive com o Director da Academia Superior de Artes de Berlim, Dr. Anton von Werner, fornecedor da Corte Imperial. O Kaiser Guilherme era seu Mecenas. A sua pergunta sobre o que me agradara mais na exposição, respondi ter gostado muito do quadro "Mãe e Filho". Porquê? Porque o quadro é muito modesto, humano e, sendo resultado de uma necessidade interior, convence e extasia o espectador pelas suas tres ou quatro formas harmonicamente ligadas entre si. O Director objectou severamente que, do ponto de vista da arte, o quadro em questão estava abaixo de toda critica. Observou a proposito que, pelas regras de perspectiva, a creança que repousava no collo da mãe, delia estava distante quasi dois metros. A cara da mãe é tão pobre, tão feia que logo se vê que o pintor simplesmente não possui technica sufficiente para pintal-a no estylo das Madonnas. O referido Snr. Director foi educador de uma geração e ha muitos como elle. Aparecem, desaparecem. Mas felizmente são logo esquecidos.

O ultimo grito antes da grande revolução actual na arte foi o impressionismo, de todos conhecido e apreciado. O impressionismo está expirando e foi quasi esquecido, o que é a melhor prova de sua superficialidade. Sem duvida, o impressionismo era apenas a expressão de seu tempo, mas o homem, convencido do valor do momento, creava muito e fez alguma coisa de bom, embora tudo isso pouco tivesse de commum com a arte. Tudo consistia em technica, "raffinement", no elemento do interessante, de modo que as obras do impressionismo têm o cunho da superficialidade. Muito brilho, muito effeito, muita pressa. Os movimentos sublinham-se particularmente. Cores sem formas faliam só em coisas passageiras. Como parecerá uma linda mulher vestida de vermelho á luz do sol? E como parecerá a mesma mulher, vestida de verde, ao luar? Era a arte apenas para a retina e não penetrava mais longe. Alegria passageira, jogo, e ao mesmo tempo o perigo de que o artista acabe por ficar alegre e perca o senso de coisas mais serias.

Foi um grito do derradeiro desespero e ao mesmo tempo foi preparado e terreno para a grande revolução. De repente, coiffprehendeu-se a impotência da arte durante muitos e muitos séculos. Dominou-se o sentimento de medo do largo e profundo abysmo que se extendia entre nós e as grandes épocas e, de repente, encaramos as obras de arte primitiva, dos egypcianos, bysantinos da Asia Orieiital, arte medieval com o sentimento de um parentesco interior. O nosso coração começou a bater fortemente e o nosso sangue a circular com maior intensidade. Sentiamos que tínhamos as mesmas aspirações. A sede do espiritual na arte, sede de uma attitude espiritual Para com o mundo, sede do transcendental, irracional, provocou uma grande luetta pela arte no começo do século XX. Os povos europeus, de vistas mais largas, adheriram a esta luetta como de commum accordo. Quem podia resistir? A voz do adversario era muito fraca. A onda crescia e tudo arrasava comsigo. Compreendeu-se que não se podiam abordar as beatificas coisas espirituaes e exprimir-as só pela technica e imitação da natureza. A aspiração ás formas e construção resultou de todas as forças producivas como de commum accordo. Todos estavam de olhos abertos diante do mundo, diante da vida e todo o vivido e sentido foi creado de novo. Era necessário crear lllll mundo novo. Compreendeu-se que a arte não é a technica, mas a verdade revestida de formas, exprimida por meios elementares. O feio, reproduzido em formas, também é arte. A essencia da arte é uma expressão immediata provocada pela necessidade interior. A technica é um meio mas nenhum fim por si mesma. O que penetra o espectador é o elemento espiritual, não technico. A technica não commove, apenas faz admirar e é ape-



nas uma parte da arte. — Excitou-se a sede do espiritual na arte, sede de formas e cores. Cores como uma expressão do espirito. — Cada cõr tem como tal sua influencia espiritual e esta influencia não deve ser enfraquecida pela busca de misturas tendentes a uma fiel imitação da natureza. Deixe-se de lado todo o fortuito, secundário e passageiro. — Resuscitou novamente a aspiração ao valor absoluto. Nunca o dualismo entre o homem e o universo foi tão forte como agora. Manifestou-se novamente uma forte vontade artística. A nossa vida deve tomar outras formas. Deve crear-se uma nova atmosphera artística, deve crear-se uma communhão colossal. — Assim estamos diante da arte das grandes épocas com um sentimento de parentesco interior na aspiração ás formas, ao espiritual. A arte resuscitou.

Para terminar, quero resumir em poucas palavras tudo que precede. O cumulo mais artístico da arte é a pura abstracção, pois por meio delia poderemos nos libertar completamente da natureza e crear valores inteiramente novos que nada terão de commum com o mundo exterior. Mas o homem está ligado estreitamente á terra, sendo uma parcella da natureza, e nunca poderá livrar-se delia ou de sua vida material, afim de se esquecer no transcendental, afim de exprimir-se nos quadros de tela de um modo perfeitamente abstracto. A pura abstracção só é possível na architectura ou no que se costuma chamar a industria artística, podendo alli attingir a mais pura arte.

Embora estejamos de pé firme na terra onde domina uma concepção do mundo fortemente materialista, onde as machinas são o principal factor do nosso progresso, de outro lado, manifesta-se uma forte aspiração ao inconcebível. Que é o inconcebível? Religião, collectivismo, amor fraterno? E' o mesmo: tudo se reduz ao transcendental. Assim, de um lado, uma forte tendencia ao naturalismo (não falíamos aqui do falso naturalismo), de outro lado uma tendencia á abstracção. Como já mencionei, a pura abstracção nos quadros de tela, isto é, pensada como um quadro, é impossivel, com excepção talvez do jogo esthetico de formas, enquanto o naturalismo, amarrando-nos á terra, tira-nos a força de creação de novos valores, circumscrevendo-nos estreitamente aos dados exteriores immediatos. Esta lucta entre o instineto e o intellecto provoca um desejo irresistível de encontrar uma synthese destas extremidades e nessa direcção deve ser dirigido o nosso olhar; o que significa que, em nossa aspiração á abstracção, devemos crear em formas a essencia de nossa vida, do mundo exterior. O expressionismo, cubismo, constructivismo e outros "ismos" são tendencias jia arte de nosso tempo. Uma é mais individual, mais humana; outra é mais objectiva, mais geral; mas todas estão penetradas do mesmo desejo, consciente, de encontrar um meio entre as duas extremidades. Nesta direcção trabalhamos e alli está o supremo alvo da arte.

LASAR SEGALL





MEALHAS ETYMOLOGÍCAS

JURO

SÃO unânimes os léxicos portugueses em registar o vocábulo *juro* com a significação de *direito* e a de *rendimento de dinheiro mutuado*, dando-lhe, em qualquer dos casos, coir.o etyrno, o latim *jus, júris*.

Não ha duvida que com ambas estas significações elle figura, de ha muito, no nosso idioma, sendo certo que a primeira delias se obliterou, mantendo-se hoje, unicamente, na locução *de juro e herdade*.

Mas, tendo o vocábulo latino *jus, júris* nada menos de sete acceções differentes, a nenhuma das quaes, nem mesmo figuradamente, corresponde a de rendimento ou lucro, licito é presumir que, apesar da identidade morphica, outra seja a etymologia do vocábulo, diversa da rme lhe consignam os léxicos na segunda das mencionadas significações.

Note-se que, no investigar a origem de um vocábulo, mais que á analogia ou identidade da forma, se deve attender á paridade ou affinidade da significação, preceitos que os lexicographos parece terem a pecha de, muitas vezes, descurar.

Ora, correspondendo, no Latim, ao vocábulo *juro* as dicções *foeniis* e *usura* [*pecuniam dare focnore* (dar dinheiro a juros) e *pecuniam sub júris mutuum dare* (o m. s.)], é evidente que nenhuma relação morphica existe entre o nosso *juro* e a primeira daquellas dicções, que, aliás, não passou para o Português, im-



pondo-se, em tal caso, a conjectura de que seja a segunda — *lisura* — o etymo do vocábulo de que nos occupamos.

Deve ter sido esta, de facto, a única forma empregada na antiga linguagem portuguesa para representar particularmente a ideia de rendimento ou lucro de dinheiro mutuado, pois que da outra nem os mais ligeiros vestígios se lobrigam no nosso vocabulário.

O *s* mudou-se, nesta palavra em *j*, como em *cceja* de *cera-sum*, em *beijo* de *basium*, em *igreja* de *ecclesiam*, em *queijo* de *cascum*, em *cerveja* de *cervisiam*, em *feijão* de *phaseolum*, etc., em virtude do valor phonetico que, na prolação vernacula, tinha o *s* intervocalico, muito semelhante ao do *j*, como ainda hoje se observa nas províncias do norte de Portugal, especificadamente, nas Beiras e em Trás-os-Montes, onde é flagrante a semelhança.

Achou-se assim o vocábulo *usura* transformado em *ujura*.

Ora, quando um vocábulo começa por *a*, *o* ou *u* atonos, é frequente tomar o povo estes sons pelo artigo e desagregal-os, phenomeno que na Linguistica se denomina *deglutinação*.

Assim temos *zarcão* por *azareão*, *batina* por *abbatina* (vestimenta de abbade), *relogio* por *liorologio*, *cajom* ou *cajão* por *occa-sião*, *liado* por *oleado*, *bitacida* por *habitacula*, e... *juro* ou *jura* por *usura*.

A mudança da desinencia em *o* é naturalissima, visto como o artigo *o* assignala o genero masculino dos nomes a que se antepõe, e é sabido que por esta vogal terminam, em regra, os nomes masculinos, assim como os adjectivos biformes que com elles concordam.

Temos, pois, em conclusão, que o etymo de *juro* é o vocábulo latino *usura*, que, sem alteração morphica, permaneceu no vocabulário portuguez para representar a ideia de juro exorbitante, anteriormente representada pelo vernáculo *onzena*, hoje quasi inteiramente obsoleto.

Juro e *usura* são, pois, formas divergentes de um mesmo typo latino, ao passo que *juro*, nas duas accepções que os léxicos lhe attribuem, é forma convergente dos typos latinos *jus* e *usura*.

S. Paulo, Junho de 1924.

FRANCISCO LUIZ PEREIRA





DA FADIGA INTELECTUAL

(Anotações sobre a poesia moderna)

AFADIGA intelectual é sem dúvida um dos factores que provocaram certas maneiras de se manifestar do lirismo contemporâneo. Mas Angelo Mosso generaliza, parece-me, apressadamente quando afirma que "a fadiga é a base de toda criação quer nas sciencias quer nas artes." Epstein no seu livro sobre a "Poesia de Hoje" excede-se também e dá ao cansaço cerebral uma parte predominante no lirismo e na poética dos modernistas. Essa fadiga existe. Nós todos somos fatigados intelectuais. A expressão de fadiga presta-se mesmo admiravelmente para uma criação artistica. Todo "A Rebours" não é mais que uma exageração romantica e muito pouco realista do cansaço intelectual de Des Esseintes. No fim das "Pâques a New York", Cendrars se aproveita da fadiga para criar um final excelente :

"Seigneur, je rentre fatigué, seul et très morne...

Seigneur, je ferme les yeux et je claque des dents (*)
Je suis trop seul. J'ai froid. Je vous appelle...
Cent mille toupies tournoient devant mes yeux...
Non, cent mille femmes... Non, cent mille violoncelles...
Je pense, Seigneur, à mes heures malheureuses...
Je pense, Seigneur, à mes heures en allées...
Je ne pense plus à Vous. Je ne pense plus à Vous."

(1) Vide Mosso "I,a Fatica" ed. póstuma a pags. 232, 238 e scgs.



Num dos livros mais curiosos da moderna literatura inglesa, o "Ulysses" de Joyce, todos aqueles tipos de Dublin são afinal uns mornos fatigados, duma realidade quasi fotografica. O passeio de Mr. Bloom, é capitulo único na literatura universal, como expressão da fadiga quotidiana de pensar. "In Westland row lie halted before the window of the Belfast and Oriental Company and read the legends of leadpapered packets: choice blend, finest quality, family tea. Rather warm. Tea. Must get some from Tom Kernan. Couldn't ask him at a funeral, though. While his eyes still read blandly he took of his hat quietly inhaling his hairoil and sent his right hand with slow grace over his brow and hair. Very warm morning. Under their dropped lids his eyes found the tiny bow of the leather headband inside his high grade ba. Just there. His right hand came down into the bowl of his hat. His fingers found quickly a card behind the headband and transferred it to his waistcoat pocket. So warm. His right hand once more more slowly went over again: choice blend, made of the finest Ceylon brands. The far east. Lovely spot it must be... etc." E a notar ainda a mistura simultanea de autor e personagens; emaranhando-se, sem nenhum método retorico, pensamentos desta e descrição daquele. Sinal indiscutível de fadiga, ou por outra, aproveitamento duma das manifestações da fadiga para adquirir notável aproximação da realidade e expressão energica.

*
* *

Certos modernistas, *boxeurs e blagucurs* de saúde perfeita, irritam-se porque reconheço em mim, em nós, a existência da fadiga intelectual. Esclareço um tanto o caso. Levados pelo cansaço intelectual certos poetas, precursores nossos, construíram uma poesia aparentemente louca, em que foram abandonadas, no máximo possível, duas das funções da inteligência: a razão e a consciência. Isso foi no tempo em que se exclamava ainda: — "A gramática não existe!" E mesmo antes, com Rimbaud, Laforgue, Lautreamont... Hoje êsse cansaço está diminuído, pela terapêutica esportiva e bélica. Pode não existir em alguns. Na maioria existe. Mas certos processos técnicos, empregados por aqueles precursores, — *processos derivados do cansaço intelectual em que viviam* — elevaram-se agora a receitas. Usam-se quotidianamente. Hoje, período constructivo, o poeta, com estudar a prática dêsses processos, reconheceu nêles meios extraordinariamente expressivos da naturalidade, da sinceridade, e o que é mais importante ainda, *os únicos capazes de concordar com a verdade psicológica* e com a natureza virgem do lirismo. I) 'aí fa-



zer-se emprego diário desses processos. Portanto o cansaço intelectual deve ser apontado como uma das causas geratrizes da poética modernista.

O cansaço intelectual é intermitente nas suas manifestações. Seu efeito, quasi sempre periférico, epidérmico. Não prejudica ou modifica o pensamento, sinão a *forma* dentro da qual êsse pensamento se manifesta. Nós pensamos ideas do autor dos Araniaca, ideas de Tales de Mileto, ideas de Santo Agostinho, de Descartes, de toda gente. A farinha, em que o pensamento se amassa, é a mesma. Os grãos tirados dos mastabas egípcios deram trigo igual ao argentino. O pão é que tem forma diferente. Nietsche serviu o ágape humano com uma dessas broas de imigrantes, pesadíssimas, indigestas... Provocadoras de pesadelos: Guilherme II. Veio a guerra. O poeta modernista oferece pãesinhos concentrados, sobre os quais influiu a lição de economia e o *desejo de fazer coisa nova*. Nisto também ha prova do cansaço intelectual. A procura do novo, da originalidade, de que se faz cavalo-de-batalha contra nós, é desejo legítimo, que nas sciências produziu Euclides, Galileu, Newton e Einstein; e nas artes Sófocles, Giotto, Dante, Cervantes, Vitor Hugo, Edschnid (1). Tantos e tantos! A inovação, em arte, deriva parcialmente do cansaço intelectual produzido pelo já visto, pelo tédio da monotonia.

*
* *

Mallarmé tinha o que chamaremos sensações por analogia. Nada de novo. Poetas de todas as épocas as tiveram. Mas Mallarmé percebia a analogia inicial, abandonava a sensação, o lirismo, preocupando-se unicamente com a analogia criada. Contava-a, e o que é pior, desenvolvia-a intelectualmente, obtendo assim enigmas que são jóias de factura, mas desprovidas muitas vezes de lirismo e sentimento. Assim quasi todos os seus famosos sonetos de amor. Onde o artista está sempre presente, mas o poeta só aparece em lampejos rápidos: "Quelle soie aux baumes de temps", "Surgi "e la croupe et du bond..." etc. E confesso que foi Thibaudet quem me ensinou a *sentir* o primeiro destes sonetos. Inegavelmente, com êsse processo de desenvolver pela intelligencia a imagem inicial, com estar sempre *ao lado do sentimento*, em continuas analogias e perifrases, a obra de Mallarmé apresenta um aspecto de coisa falsa, de preciosismo, muito pouco aceitavel para a since-

(1) "Tendo sempre em vista a originalidade — pois é falso para consigo mesmo lueu se aventura a abandonar uma fonte de interesse tão obvia e facilmente attainvel..." *Poe.*



ridade sem vergonha dos modernistas. Cocteau apresenta poemas em "Vocabulaire", nos quais a sensação metafórica inicial se desenvolve. Mas ha uma cambiante por onde sua sinceridade se justifica. Mallarmé desenvolvia friamente, intelectualmente, a analogia primeira, produzida pela sensação. Ninguém negará que a maioria das obras de Mallarmé é fria como um livro parnasiano — o que não quer dizer que todas as obras parnasianas sejam frias. Mallarmé caminha por associações de ideias conscientes, provocadas. Cocteau deixa-se levar, scismativamente, por *associações alucinatórias*, originadas da imagem produzida pela primeira sensação. Associações alucinatórias provocadas evidentemente por uma razão que deixa de reagir, súbitanea obnubilação a que a personalidade se entrega, exausta. Tem-se falado muito em associações de imagens e de ideias... As associações alucinatórias são uma curiosa fonte de lirismo. Fenómeno em que acredito piamente, observando-o em mim mesmo. Uma imagem faz gerar dentro de nós uma sensação. Esta nos conduz a sensações análogas. Todo um novo ambiente se forma, para o qual nos transportamos em rápida alucinação. Temos então toda uma série de sensações, que não são produzidas pela realidade, mas pela memória de factos passados, despertados pela analogia inicial. O cheiro do peixe cru lembra-nos o mar. E *sentimos*, temos a sensação do mar, a sensação das larguesas, corremos na areia, nadamos, banhistas, vapores, Santos. Nada pois mais natural que o poeta registrar o novo ambiente.

Exemplos :

BAIGNEUSE

Bon negre, ce qui vous effarouche.
C'est de croire madame nue en plein air;
Or c'est son éventail en plumes d'autruches
Que vous prenez pour l'écume de mer.

L'océan n'est pas un troupeau d'autruches.
Bien qu'il mange des cailloux, des algues;
Ce serait facile de devenir riches
En arrachant toutes les plumes des vagues.

Ses initiales sont sur l'éventail;
Il ne s'agit pas de sa mer rare terre.
Ne voyez vous pas d'où s'éance sa taille?
C'est le bal de l'ambassade d'Angleterre. (1)

Exemplo ainda imperfeito. O novo ambiente (a banhista nas espumas do mar) não destrói totalmente a realidade que o pro-

(1) Cocteau.



duziu (a mulher largamente decotada, com o leque de plumas, repousando sobre os seios). Mas eis Moscardelli :

NAUFRAGIO

Naufraghi immani
(l'un ntibifragio aroceleste
pendeno disperatamente :
d'intorno va e viene la gente
piangente.
Feroci cannibali rapaci
elle vennero di lontano
sventrano i cadaveri,
finiscono i morenti.
Soffia il maestrale
se passa in fretta un uomo.
Si capovolge l'universo
per un respiro de pigmeo asiatico :
la grassa preda que seminò la Morte
ai rapaci
giace :
ma d'un colpo é spazzata
dispersa
dalle casalinghe parche igieniche :
s'ammassano le vele che al vento
alzavano le braccia pendenti.
Tutto tace
in face :
l'universo ripiglia il suo cammino.

Cosi mi balzarono dinanzi
ai primi geli d'inverno
i cadaveri scheletrici delle mosche
sui vetri ove i ragni le disossano.

Estas associações serão fatalmente curtas, alucinações momentâneas que qualquer coisa perturbará, trazendo de novo a realidade.

Luis Aranha que irritou muita gente porquê teve a pretensão de, com 20 anos, escrever coisas admiraveis, empregou às vezes estas associações alucinatórias. Creio mesmo que fez uma certa sistematização delas.

No "Poema Giratório", em que ainda por cima evoca doença grave, essas associações alucinatórias abundam. Vejam bem que falo de sistematização de tais associações, como novo processo de lirismo.

Só na enfermaria.
O colégio era na rua Florêncio de Abreu
Bairro turco de São Paulo...
Cansava de lembrar o film que passava fugazmente no
[meu cérebro



A janela

Com a doença perdi a noção da arquitectura
 O Palácio das Industrias era uma mesquita.
 A Estação da Luz a Catedral de Santa Sofia
 Olhava o Braz que era um fragmento da Turquia.
 Camelos passavam 110 horizonte
 E as torres, chaminés, minaretes com muezins abrindo os
 [braços para o céu

Nos domínios da Turquia
 Era um *súbito* rebelde do sultão
 Comandava tropas livres de um oásis do Saará
 Tamareiras e tamarindeiros
 No chão tufos de verdura encharcados de areia branca
 Do rochedo um jacto de agua fresca
 Serpentes fugindo na folhagem
 E o calor morno rolando no chão esmagado pela luz pesada.

Cada um de *nós rei*;
 Trono das dunas brancas l
 Protegíamos os beduinos dos salteadores de caravanas
 As palmeiras archotes marcavam os limites do nosso dominio
 O acampamento longe das populações
 Ao redor das tendas pastavam os cavalos e deitavam-se os
 [camelos
 A' noite rodavam os chacais devorando ossos e residuos..."

Tomei a liberdade de chamar a atenção para certas expressões. O proprio poeta verifica os seus cansaços. Conduzido pela visão do bairro turco de São Paulo ei-lo, por associação alucinatória, rebelde do sultão e o resto. Toda associação alucinatória é sintoma característico de fadiga pois que diminue a rapidez de reacção, de atenção, e se verifica a incapacidade de *compreender* as sensações, fenomenos enumerados por Janet no tratado de Psicologia de Dumas (1923) como característicos da fadiga. Observem-se ainda os "passos falsos de elocução" (Janet) que assinalai.

* *

As associações de imagens... Ainda outra manifestação de fadiga intelectual. Hoje estou convencido que o seu emprego sistemático deve ser condenado. Sistematizado é apenas tuna retórica fácil de peguizoso.

O moto lirico (inspiração) deve ser naturalmente forte, pois é um transformador de energias. Sua actividade desperta em nós o desejo de agir e a atenção. Esta, por sua vez, verifica a existência do moto lirico e o determina, classifica. As associações de imagens são como pequenos eclipses da atenção produzidos pela fadiga. Mas a atenção logo retoma seu império reconduzindo o poeta ao movimento lirico inicial ou a um outro que dêle se derive ou a



êle se aparente. 1.º: A associação é psicológica. E' real. Tem sua razão de ser em nossa poesia, pois que nossos princípios são, em última análise, realísticos e estamos ligados á verdade psicológica. 2.º: Eis, de Luis Aranha, uma associação, que tem como principal defeito lembrar outra anterior de Blaise Cendrars.

"Paris
Bailarinas de café-concerto rodopiando na ponta dos pés
Ou então a casa dum chinês esquecimento da vida
Antro de vícios elegantes
Morfina e cocaina em champanha
Opio
Haschich
Maxixe
Todas as dansas modernas
Doente perdi um baile numa sociedade americana de S Paulo
Minha cabeça girava como depois de muito dansar
E o mundo é uma bailarina de vermelho rodopiando na ponta
[dos pés no café-concerto universal
Gosto de bailes e de matinées
E os jornais trazem anúncios de chás dansantes
La Prensa diz
"A Argentina proibiu a exportação do trigo"
Nova lente no observatorio de Buenos Aires
Estudo astronomia numa lente polida por Spinosa
Judeu
Uma sinagoga nos Andes
Não sei si a cordilheira cai a pique sobre o mar
E os barcos de minha imaginação nos mares de todo o
[mundo..."

Trecho que evidentemente olxxlece ao principio de unidade instavpl, em que não ha propriamente criação. Cendrars exagerando também numa associação (já citada por mim nesta revista, no artigo que sobre êsse poeta escrevi) vê-se obrigado a interromper a evolução do poema, para verificar o estado psicológico em que está. E assim termina uma aliás interessantissima, longa série de associações :

"Autant d'images-associations que je ne peux pas déve-
[lopper dans mes vers
Car je suis encore fort mauvais poète" etc.

para voltar de novo ao assunto lírico do poema. Retorno violento em demasia. Interrupção sem motivo. Quebra do extase. Desequilíbrio. Sob êsse aspecto o trecho de Luis Aranha é superior ao do modernista francês, pois que o poeta paulistano faz como cüie uma digressão de associações, que dá volta mais longa que de costume, mas que o conduz de novo, sem interrupção, concatenadamente, ao entrecho do poema :

"Os barcos de minha imaginação nos mares de todo o
[mundo!



Manhã
A lampada azul empalidecendo" etc.

Também Sergio Milliet. Em "Visions" põe-se a descrever sua alma "pays de luxe et de mensonge". E:

O féériques Babylones
Empires décadents
Extases et opiums
Et quelle richesse en philosophies audacieuses, explications inédites de l'univers, poèmes absolus dans la relativité du temps... Et quels tombeaux insondables de douleurs toutes saignantes
rouges
bleues
blanches
Vive la France I
Marseillaises enivrantes,
enthousiastes, symphonies diaphanes, operas dadaistes dans des décors subconscients... en jouir dans ma solitude!... etc"

Um cansaço da atenção produziu a associação : "saignantes, rouges, bleus, blanches, Vive la France!, Marseillaises enivrantes, enthousiastes" que o reconduz de novo ao assunto lírico, descrição do que tem na alma, que não pode esquecer Rimbaud e Baudelaire. Esse retorno, tal como o praticaram Luis Aranha e Sergio Milliet, é perfeitamente científico. A ideia primeira, o moto lírico, o princípio afectivo, que nos leva a criar, é tão enérgico que não pode ser abandonado. A mais longinqua relação entre ele e uma das imagens numa associação, desperta de novo a atenção e nos reconduz ao tema. 3.º : O princípio da associação é utilizado pela música ha séculos. O que em linguagem técnica musical se chama um "divertimento" nada mais é do que isso. Exposto um tema o músico deixa-se levar por uma série de associações de imagens sonoras, que o reconduzem ou ao mesmo tema (rondó, fuga) ou a um segundo tema (allegro de sonata).

* *

Somos homens numa imaginação dominadora, quasi feroz. Inegável. Apesar disso críticos, estudiosos, esfomeados de ciência, legitimamente intelectuais. D'onde vem pois esse estado de scisma (rêverie) contínua, exaltada ou lassa, que apresentam muitas vezes (lllll demasiado numero de vezes!) as criações dos poetas modernistas, sinão da fadiga intelectual? Basta consultar um tratado de psicologia. Surbled: "La rêverie est um de ces états de relâchement ou de désagrégation partielle de la vie encéphalique qui mettent l'imagination en branle, le sous-moi en liesse, sans le contrôle et la direction de la froide raison". Mas o que ha de melhor sobre a fadiga é ainda o trabalho do grande Angelo Mosso. "Più

specialmente la sera, ma anche di giorno, la mente comincia a distrarsi e si vendono comparire delle immagini. Appena l'attenzione si ridesta le immagini scompaiono, ma lasciano una memoria dei loro passaggio, e poi per un certo tempo ci lasciano ripigliare il lavoro. Sopraviene una nuova distração, e quella stessa figura od un'altra ricompare di nuovo, e la si vede distintamente; di rado è una persona nota od un paese veduto..." Os exemplos são infinidade. Kurt Heynike ás vezes. Afinal os poetas da Sturm em grande parte. Já em Whitman aliás. Que não se encontra nê! Suas enumerações. O grande gênio deixava-se levar em longas scismas. Lembro principalmente o estranho "Out of the Cradle Endlessly Rocking": — esse heroico scismar que recorda uma associação alucinatória. Os modernos porém, mais libertos da tese, mais *pequeninos* também, são mais característicos. Km Whitman tudo é gigantesco e se transfigura. Infelizmente não tenho direito de citar todo o "Soneto" de Manuel Bandeira, porquê ainda inédito.

"A noite... O silencio...
Si fosse só o silencio!
Mas esta queda d'agua que não para! que não para!
Não é de dentro de mini que ela flúi sem piedade?
A minha vida foge, foge

Tenho vontade de beijar esta aranhazinha...
...No entanto em cada charuto que acendo cuido encontrar o
[gosto que faz esquecer.
Os meus retratos... os meus livros... O meu crucifixo de
[marfim...
E a noite..."

Os desenhos dadaístas provam o mesmo estado de scisma. As obras de Kandinsky, sem teoria cubista que as intelectualize e torne conscientes, são puras *rêveries* plásticas.

Deveremos reagir contra isso? E' muito provável que sim. Será possível, humano? Talvez sim. Talvez não. O que importa agora é verificar o emprêgo de certos estados de alma e processos técnicos provocados pela fadiga intelectual. Explica-se por este lado uma das manifestações características do multiface modernismo. Não se procurou com estas digressões defender o modernismo. Observá-lo porém é dos maiores gosos que pôde ter quem estima a inteligência. O modernismo não precisa de defesas, precisa de explicações. Aliás é cousa que se defenda uma perplexidade?

MARIO DE ANDRADE





DESARRAIGADA

XI

Nunca imaginei que aquelle professor severo e triste, de olhos perscrutadores, fosse a creatura alegre e doce que é na intimidade.

Parece uma creança; tem maneiras quasi infantis, quando fala com sua mãe.

Casou-se por paixão com uma rapariga de classe inferior á sua.

Viveram juntos dois annos de inferno, sem se comprehendem, em luctas terríveis. Ella sonhava, ao deixar a sua classe, que entraria num mundo de luxo sem fim, que sua mente ambicionava.

Não encontrou nada disso, e revoltou-se, num odio louco, julgando-se enganada pelo marido.

Um bello dia desapareceu. Fugira com um negociante que lhe promettia mundos e fundos.

Abandonada logo pelo amante, de degradação em degradação, cahiu de uma vez.

O marido requereu divorcio e voltou a viver com sua mãe, que com o casamento da filha ficára muito sozinha.

A' noite lia alto para ouvirmos, e como um dia estivesse rouco, promptifiquei-me para substituil-o, e desde essa occasião o substitui definitivamente na leitura.

Gosto muito de piano. Minha madrasta, que tem o gosto educado, fez-me estudar e guiou-me perfeitamente.



Na casa do meu professor eram melomanos todos; mas desde o casamento de sua irmã, que se viam privados do seu divertimento predilecto. Também eu, depois que papae foi para a Europa, nunca toquei, e foi com vivo prazer que recordei minhas velhas musicas.

D. Gertrudes, então, parece até que se transfigura quando ouve trecho predilecto.

A "Marcha Fúnebre", de Chopin ou aquella "Gotta d'Agua", de melodia tão estranha que junta á magestade profunda do canto gregoriano o doce murmúrio continuo da gotteira a cahir... infiltrando na alma tão grande melancholia, arrebatava-a.

Deliciosos serões!

Outras vezes conversávamos. Meu professor tem o dom da palavra. Recordo-me de um sonho que tive uma noite, naturalmente em consequência de uma dessas conversações.

Falavamos de autores modernos e antigos e discutíamos as obras de uns e outros, porque, como já declarei, tenho lido muito, leituras feitas ás tontas, sem methodo e sem guia.

Disse elle:

— E' difficil hoje apparecerem trabalhos perfectos, que os séculos conservem como, por exemplo, o D. Quixote e muitos outros, que são sempre novos. A razão disso está em que os autores, hoje, só têm um fito: causarem effeito.

Para isso, tornam-se artificiaes, pedantes, absurdos, na fúria de serem originaes. Na arte, como em tudo, a belleza está na naturalidade.

Pegue-se, por exemplo, numa paizagem de D'Annunzio, o grande, o maior poeta contemporâneo. Tem-se a impressão de estar no palco. A natureza, os personagens, não têm essa realidade que commove. Faliaem uma linguagem diversa, sentem diversamente, vivem também da mesma forma.

Entretanto, ninguém melhor do que elle, plasma as idéas e tem o sublime da concepção quando a preocupação não o absorve.

Naturalmente, para os que seguem a mesma trilha, isso é admirável.

Estamos no século da acção e o sentimento foi banido como cousa antiquada.

Adormeci após essa conversa e senti que era arrebatada pelo espaço. Fechei os olhos e só os abri quando meus pés tocaram o sólo. Estava num logar desconhecido, uma cidade immensa, majestosa, cheia de estatuas, palacios e monumentos. E vi, então, que avançava para mim uma estranha procissão de homens de todas as éras, de todas as edades.

Cada um trazia uma lanterna na mão e a luz delia variava de individuo para individuo. Era uma visão apocalyptica. O interessante é que uns procuravam de toda fôrma occultar sob o manto a sua luz, outros carregavam-n'a descuidados; em uns era brilhante, viva, forte, quasi cegava; em outros, mortiça. Alguns a traziam com immensos reflectores...

— Que é isso, meu Deus! — exclamei cheia de confusão.

E o espirito que me guiava respondeu:

— "Filha do homem, até quando has de ver sem enxergar?

Passa a Humanidade. Aquella lanterna é o valor real de cada individuo.

Vê: os de luz intensa, são os sábios que, alegres, com os dons que Deus lhes deu, mostram a todos, descuidadamente, o seu gênio. Aquelles que envolvem a lanterna no manto são os modestos, mas, por mais que a occultem, a sabedoria é uma cousa tão sublime que sempre apparece. E aquelles que trazem os reflectores são as míseras gralhas enfeitadas com as pennas do pavão. Quantos!... A Maioria, como vês, é de médiocres..."

E atraz passava a multidão desgraçada, de olhos fechados e lanternas apagadas, e seu grito — luz! luz!.. era como uivo desesperado...

Meu Deus! pensei, como será a minha luz? Será que também eu estou nessa pavorosa mediocridade?

E o espirito disse — "E' excusado tentar; nada poderás ver. Porque está escripto que pessoa alguma ha-de conhecer-se a si própria.

A sua vaidade levanta entre ella e seu talento uma barreira mais alta que o Hymalaia e a menor luz que possua toma ao seu olhar interessado as porporções da luz de um sol..."

XII

Afinal, fui nomeada.

Que me fez escolher uma pequena villa a beira marr

Não sei; talvez o resto de affecto que consagro á minha ma-drasta, porque ella nasceu aqui.

Já estou em minha casa, mas não vim só; d. Gertrude[^] acompanhou-me.

E' a minha companheira fiel e bôa. Em pouco tempo nos ligamos de tal forma, que me parece incrível tivesse vivido tanto tempo longe delia.

Quando veio minha nomeação, sem dizer uma palavra apromptou as malas para seguir-me: considerava-me como filha e procedia como mãe. Quiz agradecer-lhe o sacrificio que ia fazer por mim: abraçou-me e fez-me calar.

Meu professor fica com a Felisbina, velha creada, e nas férias irá visitar-nos, visto que, tanto eu, como d. Gertrudes, não tencionamos tão cedo voltar a S. Paulo.

Na estação me disse:

— Lourdes, mamãe precisa mais de uma filha do que de um filho, e eu sei que você é a única pessoa no mundo que pode ser verdadeiramente filha para ella.

E cuidadoso entregou-me sua mãe com idêntica recommendação, aliás desnecessária.

E assim ambas, na certeza absoluta de que precisamos uma da outra, na plena confiança do nosso affecto mutuo, vivemos, numa alegria sem fim, só perturbada pelas saudades do meu professor.

Pensamos continuamente nelle.

Que estará fazendo? Em que pensa?...

"Mamãe e Lourdes

Que saudades tenho de ambas! Como a nossa casa está vasia! O piano tem um ar de mau humor que me assusta; parece perguntar-me sempre:

— Que é d'ellas? Onde estão as mãos pequeninas e macias que me faziam vibrar?

Nos quartos frios e tristes, aranhas laboriosas já começaram a estender suas teias. Felisbina não as vê, e eu sigo curioso o seu trabalho paciente.

As violetas que Lourdes transplantou já estão floridas e enchem de perfume o nosso jardim. Lourdes foi, aqui em casa, qual uma violeta; discreta, modesta e bôa, perfumou a nossa existência com a sua alegria e mocidade.

Nunca pensei que as estimasse tanto, que lhes estivesse tão identificado como estou.

E' incrível! Já me separei de tanta gente, a quem me julgava hVado, e nunca soffri tanto como agora!

E' que estou velho também. Talvez seja essa a razão...

Denso continuamente no que estão a fazer. Fecho os olhos e veio "iam?e saltitando com o seu passinho de passarinho, e Lourdes O" -«'a ou a lidar na casa. Às vezes até me parece que a ouro falar.

Morro de saudade, escrevam-me logo.

Carlos."

"Meu professor

¹⁷ n n-meira carta que lhe escrevo depois que cheguei, mas temos tido tantos, tantos affazeres, que apezar de tel-o continua-



mente no pensamento, só hoje posso dispor de um pouquinho de tempo.

A viagem, muito fatigante, correu sem interesse; a nossa Mãesinha valente nada se cançou e da-me constantemente exemplo de coragem e bom humor.

Ella é o anjo da guarda, que me fez voltar ao coração a fé perdida; que me faz ter confiança na vida, e, mais que tudo, perdoar aos que tão cruelmente me offenderam. Acredita que ás vezes os abençoo. E' que si não fosse a sua crueldade não seria feliz como sou; teria passado perto da felicidade sem vel-a! E dizer que foi meu professor quatro annos, e que em todo esse tempo, eu que passava diariamente uma hora por dia perto do sr., e que além disso me julgava observadora, não o conheci!

Não será preciso dizer que o sr. é o nosso assumpto obrigatório.

Tudo o que vemos de bello e de bom, tudo o que nos alegra o coração e encanta o olhar, nos faz lembrar de si. — Oh! si si elle visse isto!...

Nossa casa é grande; um casarão antigo, colonial, e, ao que o povo diz, mal assombrado. Mas, como já sabe, a nossa valentia nos ampara de tal forma que creio até que os espíritos errantes nos respeitam. Mas a maior vantagem delia é abrir para o mar, que de manhan á tarde nos canta, qual poeta enamorado, a sua eterna canção...

Não imagina a belleza destas madrugadas, a paz dos dias, o encanto das tardes e a suave calma das noites!...

Mesmo quando ha tempestade, que felicidade sentimos neste casarão, cercado de roseiras, venerandas, mas sempre gentis e amaveis na offerenda abundante de flores!

Ao que parece, antigamente aqui existiu um jardim; pretendo fazer uma exploração a sério e ver si o faço resuscitar deste tumulo de hervas que o encerra.

Gosto muito da escola, e até já me habituei á vida de professora.

Aliás nunca duvidei desse meu gosto, porque, como o senhor sabe. adoro as creanças; ellas são para mim uma emanação directa de Deus, uma benção celestial.

Quando virá aqui? Deus queira que logo.

Envio-lhes minhas saudades muito affectuosas.

Sua alumna muito amiga

Lourdes.

Meu filho

Aproveito a carta de Eourdes para te escrever também umas linhas; poucas, ai! que minha vista já não me dá licença.



Deus te pague pela bôa inspiração que tiveste, trazendo para casa essa creatura toda bondade, dedicação e affecto.

Graças a ella encontro na minha velhice o carinho que tanto sonhei.

A's vezes ponho-me a refazer a nossa vida, como si o passado tosse uma cousa que se pudesse destruir. Emfim... tolices de velha.

Abraço-te com muitas saudades e peço a Deus que te abençoe

Tua mãe"

"Mamãe e Lourdes

Tenho-as tão dentro do coração que não as posso separar para escrever.

Como sua carta, Lourdes, me deu vontade de largar tudo e ir aonde meu pensamento me leva, aonde estou, pelo coração, pelos sentidos!

Tenho pensado muito na minha vida, nestes últimos tempos, e quem sabe?

Talvez ainda tome uma grande decisão.

Pobre mamãe! Eu também, como a senhora, gosto de sonhar, mas o passado não se refaz.

Destinos... e desatinos, ou, antes, desatinos a que depois chamamos destino!

Emfim, a sabedoria nos ensina o contentarmo-nos com o que a graça infinita de Deus nos reservou.

Ouvi dizer, Lourdes, que o banco em que a sua madrastra tinha o dinheiro, quebrou-se, dando um prejuizo quasi total.

Ficou-lhe muito pouco para viver. Não sei lastimal-a, ainda que reconheça que lhe devo a nossa maior alegria destes últimos annos. Isto é, a sua vinda para casa.

Pensem sempre em mim, que não as esqueço, e aqui fico neste desterro a suspirar pela formosa Chanaan.

Abraços do

Carlos."

XIII

Oh, a alegria que me causaram essas cartas! Li-as, reli-as tantas vezes — que me parecia até sabel-as de cór: — "Eu também gosto de sonhar... mas o passado não se refaz!" Que queria elle dizer com isso? Minha alma vibrava tão intensamente, que eu tinha a impressão de ter dentro de mim um bando de canarios a trinar, nessa alegria estonteante dos passaros.



Temos tido muitas visitas.

O inspector escolar, um rapaz de modos cinicos, vem quasi diariamente visitar a minha escola. E' antipathico; no seu olhar noto um não sei que de animal, de felino, que me faz correr um frio pela espinha.

Suas amabilidades, seus elogios me fazem tremer.

Junto delle parece que um perigo estranho me ameaça.

Entretanto, só tenho que elogial-o pelo seu modo... São as taes cacophonias de alma, cousa inexplicável, ainda mais porque não é mutua, é só da minha parte.

Como nos pesa a amabilidade deste povo! Visitas e mais visitas, a população inteira que vem trazer-me os seus cumprimentos.

A curiosidade...

O medico, o padre, o escrivão, o pharmaceutico, o professor, as senhoras presidentas de irmandades e não sei quê mais.

Vieram separadamente, com ares severos, cada qual a fazer o auto-elogio, a falar mal do vizinho e da antiga professora, a dar conselhos sobre as relações que devo ter, sobre o modo de empregar a minha vida!

Cacetes! Só gostei do medico; delle e da sua senhora, que é encantadora. Educados, instruídos, proporcionaram-nos uma hora de grande prazer intellectual. Prometti-me cultivar essa amizade mas também é a única; aos outros nos limitaremos a pagar simplesmente a visita e isso bem mais tarde.

Também não pretendo filiar-me a associação alguma; gosto de fazer minhas esmolos, mas não em commum: reservadissimamente.

Não ha necessidade de envergonharmos um pedinte com a ostentação da dadiva.

Pretendo, além de tudo, viver o mais retrahida possivel.

Como já disse, sou egoista.

A minha casa é um santuario, onde estranhos não podem penetrar.

Não gosto dessas pessoas que franqueiam o lar a toda a srente. D. Gertrudes também pensa do mesmo modo.

Sou religiosa, mas nunca fui frequentadora da igreja. A religião de^e ser intima. Toda ostentação de credo occulta, no minimo, vaidade.

Deus reina em nosso coração, em nosso lar: E'l» é nara nós como o ar oue resoiramós; aoezar dr inv^sive¹ sabemos nue existe, sentimos a sua existencia e não podemos viver se nos falta.

Eu tenho semnre sent'ido sobre mim S"a mão. q"e me guiou



firme e segura, tirando-me daquelle espinheiro em que vivia e me perdia, para levar-me para o porto seguro de paz.

Adoro-O do intimo de minha alma, mas não O comprehendo absolutamente nem tento comprehendel-O.

XIV

Numa tarde sahimos a passear, como de costume.

O mar parecia uma enorme opala viva, beijada pelos últimos raios do poente, que fazia estremecer a onda arrepiada pela viração da tarde. Barcos de vela, longe, no horizonte, pareciam immoveis...

Soffro a attracção do mar. O mysterio das aguas tem um encanto que me seduz. Quando era creança, na fazenda do meu avô materno, ficava horas e horas debruçada á beira do rio, para ver a Mãe d'Agua, e sonhava ir com ella ao seu castello de crystal, no fundo dos lagos, e lá ficar eternamente...

Minha mãe reprehendia-me e muitas vezes assustava-se com a minha phantasia exaltada, a ponto de prohibir aos creados o contarem-me historias. Mas o que não fazia eu para que suas ordens não fossem cumpridas!

Achei um geito de abrir o bahuzinho onde Vovô guardava fumo, e tirava pedaços, que dava a um preto velho, o Ládislau, antigo escravo de casa, em troco de suas historias; e assim ia enchendo a imaginação de figuras encantadas de reis e princezas, bruxas e fadas malfazejas, cavallos sem cabeça e quanta cousa niais...
üj

O peor, depois, era o medo. Uim medo louco, que me fazia em pleno verão dormir com a cabeça coberta por não sei quantos cobertores...

D. Gertrudes e eu tiramos os sapatos e fomos por dentro tl'agua, aproveitando os beijos das ondas que vinham morrer aos "ossos pés.

Andámos muito.

Longe de nossa casa encontrámos uns pescadores que tiravam a rede. Ficámos a observal-os. Era bello o esforço que faziam.

Quatro homens de cada lado puxavam as cordas mestras, que se firmavam numa corrediça, presa á cintura.

E puxavam sempre. Firmes, musculosos, tinham movimentos elegantes naquelle esforço de musculos retezados.

Já vinha perto a rêde e bandos de martim-pescadores gulosos, de vôo malandro, seguiam-na de perto.

Emfim os pescadores foram para dentro d'agua, a segurar a rede, onde o cardume de prata se debatia afflicto, llo esforço supremo.



Como o apetite do homem é cruel! pensava eu, olhando aquellas innumeradas vidas sacrificadas ao estomago. Mas apesar desses pensamentos altruisticos, foi com prazer que aceitei um bello robalo, offerecido por um pescador, rapaz forte, moreno, de feições ousadas.

Era quasi noite; o mar tinha perdido a côr de opala e apparecia agora como uma grande esmeralda. A estrella do Pastor já brilhava no céu. Fazendo vibrar o ar e repercutindo ao longe pelas serras, os sinos tocavam á Ave-Maria, e um desejo de paz infinita e de amor nos invadia a alma. E eu senti mais uma vez a mão de Deus sobre mim e tive a sensação vaga de que meu espirito adquiria força para novas luctas.

Uma surpresa nos esperava.

Meu professor tinha chegado e, entrando por uma janella aberta, visto que tínhamos levado a chave da porta, deitara-se na rêde e adormecera, com um somno tão pesado que nem a nossa chegada, nem o rumor da nossa surpresa o acordou.

Rimo-nos baixinho, alegres. Corri ao jardim, colhi uma braçada de rosas e, chegando á rêde, flori-a toda. Depois, contentes ambas, nos dirigimos á cozinha afim de preparar o robalo, que naturalmente seria muito apreciado pelo viajante.

Estavamos com o jantar quasi prompto quando, por uma risada estrepitosa, percebemos que elle tinha despertado e ria-se de ver-se florido como um fauno...

Corremos ambas. Abraçou-nos com frenesi, com carinho.

Sob a sensação desse abraço, o primeiro que recebia de um homem, senti estremecer meu corpo todo.

Tive um desejo louco de que elle me aniquilasse, me absorvesse completamente dentro de si. De deixar de ser eu, e ser só elle. O coração batia-me fortemente, dando-me, nitida, a verdadeira sensação da vida.

Oh, o desejo de me encostar em seu peito possante e de caminhar para sempre unida a elle!...

E a alliança de Mamãe, bella e symbolica, brilhou na minha mente em toda a sua pureza!

A eterna hypocrisia humana.

Era preciso que eu, que o amava sobre tudo, que via nelle o ideal sonhado, o companheiro único, fingisse não perceber esse amor, porque uma mulher não deve nunca ser a primeira a manifestar seus sentimentos!

Despertou-me das minhas reflexões a voz do professor:

— Lourdes, você está mais gorda, mais bonita!

— Bonita!... então é grande novidade...



— Realmente, observou d. Gertrudes, eu ainda não tinha notado, mas você está tão rosada, e tem tal brilho nos olhos que parece transfigurada.

Bem ouvira eu muitas vezes de minha madrastra que o amor deixa as raparigas bonitas...

XV

Meu professor resolvera aposentar-se. Queria dedicar-se á litteratura. O pequeno ordenado que receberia, visto que só tinha vinte annos de trabalho, daria para viver, ainda mais que a casa de S. Paulo era própria e render-lhe-ia alguma cousa, alugada.

Foi o que fez. Despachou os moveis, alugou a casa e veio installar-se connosco.

Que alegria! Mas ao mesmo tempo, que decepção! Percebi que me evitava o mais possivel e que vivia triste, differente. Porque? Quando tudo nos deveria sorrir, porque essa tristeza?

D. Gertrudes também perdera em parte a sua bella alegria.

Hontem não me contive, fui-lhe ao encontro. Havia de dizer-mê o que havia para socego do seu coração e do meu. Estivesse em mim a causa do mal-estar e deixal-os-ia.

Estava resolvida a todos os sacrificios para vel-os tranquilos e alegres, novamente.

De longe o avistei. Estava sentado num barranco, e com uma vara, dfetrahido, escrevia na areia da praia.

Ceguei-me tão devagarinho, que elle não percebeu, e sobre seus hombros li meu nome escripto muitas vezes.

Era em mim que elle pensava! Uma alegria louca invadiu-me toda de tal forma, que não pensei, não raciocinei cousa alguma!

Cerquei-lhe o pesçoço com meus braços, sem dizer nada, na satisfação intensa de ver meu amor correspondido. Foi tão espontâneo meu gesto, tão natural, que elle também, sem raciocinar, apertou-me nos seus. Mas immediatamente, quasi brutalmente empurrou-me.

— Que é isso, Lourdes?

Era o raciocínio que voltava e vi que tinha que lutar com a razão fria, que não se deixava dominar pelo sentimento, e que saberia occultal-o, extinguil-o, á força de querer.

Desandei, então, a chorar. Que podia fazer?

— Desculpe, Carlos, mas é que eu não posso viver assim...

Contei-lhe o meu soffrimento desses dias, de como eu o amava, e de como o meu nome escripto alli na areia dera-me a illusão de ser correspondida; que eu viera dizer-lhe que se era minha pessoa Que os entristecia, eu ir-me-ia embora. Afinal, que direito tinha de estar a incomodal-os eternamente?



— Escute, Lourdes. E' melhor, mesmo, uma explicação entre nós. E' verdade que a amo, que é para mim a única mulher que existe, que a felicidade maior da minha vida seria ficar livre para fazel-a minha. Mas você sabe que não sou livre. A minha desgraça fez-me casar com uma mulher indigna, de quem me divorciei, sem cogitar em annular o casamento, que é o que devia ter feito... A sua situação, o meu caracter, tudo me impede que deixe florescer este amor. Seu nome é tão sagrado para mim como o de Mamãe. E antes que qualquer suspeita a offenda de leve, preferiria mil vezes desaparecer. Ahi está porque a tenho evitado. Ahi está porque me arrependi de ter vindo. Minha pobre Lourdes! Que posso fazer?...

— Carlos, você, um homem superior, liga ás apparencias? Que importa a mim que o povo fale? Eu o amo absolutamente; parece-me ás vezes que o amei sempre, que quando me dirigi a si, na situação dolorosa em que estava, já era o amor que me inspirava a confiança...

Não pense, Carlos, nos outros, pense em mim. Pois você lia-de me sacrificar ás convenções sociaes? Nós somos moços, nada nos separa: porque havemos de soffrer por amor da "senhora sociedade", que nada, afinal, fez em nosso beneficio?

Depois, você sabe, eu sou livre; os meus, expulsando-me, perderam todo o direito sobre mim. E eu o amo, Carlos. Amo-o acima de tudo no mundo e morro se você me abandona.

— Você teria coragem, Lourdes?... Mas... não pode ser. Mamãe soffreria muito. Seria enganar-a na confiança que poz em nós, em nosso caracter.

Depois, nem você calcula o soffrimento, as humilhações sem nome que soffreria... e eu, que a conheço, não devo poupar á minha amada tanta dor? Vamos fazer isto. Vou consultar um advogado, a ver si consigo a annullação do meu casamento. E...* fica combinado, somos noivos. Eu confio em si, assim como Lourdes confia em mim.

D. Gertrudes espantou-se muito quando nos viu chegar de
• ãos dadas.

— Mamãe, apresento-lhe minha noiva. Vou tratar da annullação do meu casamento e hei de conseguil-o. Por emquanto o nosso noivado será secreto, pois ninguém o comprehenderia, mas logo, muito logo, tenho certeza que tudo ha de mudar!

A boa senhora riu-se e, abençoando-nos, respondeu:

— Confio que ambos terão muito juizo. Lembrem-se que não devemos de forma alguma dar razão á avó de Lourdes.



Ter jiiizo! como é difficil ter juízo quando se ama verdadeiramente!

Eu, apesar de dar-lhes razão, não posso deixar de revoltar-me contra essas instituições tolas e absurdas. Dois entes se amam: pois que vão viver juntos em santa paz, que gosem a sua mocidade, e estou certa que Deus não os amaldiçoará.

Lembrei-me hoje de um facto da minha meninice. Certa ocasião mamãe deu pouso e esmola a uma cigana velha, que me leu a sina:

— "Você vae desviar-se do trilho, mas voltará mais tarde. Terá em amor a maior felicidade possível; no começo de sua vida, porém, soffrerá muito."

Desviar-me do trilho! Não parece: só amo ao Carlos e não será elle quem me fará descarrillar.

XVI

Ha dois dias que d. Gertrudes descança no cemiterio da villa. Uma gripe pneumónica a levou. Que lucta, que desespero! Carlos, abatidíssimo, cahiu em profunda prostração; eu só tive energia por vel-o nesse desespero; a sua dor dava-me coragem para agir.

Entretanto, soffri muito. Perdi a mais carinhosa das mães, boa, indulgente e santa. Acolheu-me com carinho na peor epocha da minha vida. Vivemos juntas quasi um anno, sem que a menor nuvem viesse offuscar a nossa amizade. Espirito altamente cultivado, fez de sua vida um apostolado de caridade e amor. Dias de lucto, de lagrimas e tristeza em que nossa dor nos amparava no nosso mutuo affecto...

XVII

Parece-me que fui concebida em dia de tal revolta de Mamãe, que tudo no mundo para mim é ás avessas do direito, isto é, do que se chama direito. Achei affectos só em estranhos; lar, fóra de minha casa, e justamente fui amar a um homem que não pode ser meu marido porque é casado!

Seria tão natural, tão direito, que eu amasse o inspector escolar, rapaz acceitavel, que só procurava meios de agradar-me e que se não se declarou ainda é porque o tenho evitado de toda a forma.

Entretanto, só penso em Carlos, elle é tudo para mim!



XVIII

A prophécia da cigana realisou-se.

Tornei-me amante de Carlos. Declaro isto com a maior satisfação do mundo, sem o menor acanhamento, na convicção absoluta de ter procedido bem, de não ter-me em nada desviado das leis de Deus.

Deus creou as almas aos pares. Uma a completar a outra. Na natureza inteira vibra intenso o amor. O amor é criação divina; o casamento, instituição humana. O "crescei e multiplicai-vos" synthetisa e consagra o amor. Amar só em espirito não é de pessoa ;sã; só os hystericos, os doentes é que podem admittir tal absurdo. Amar é o desejo da eternidade da vida, na vida que se dá aos filhos. E' o goso eterno de ser também creador.

E' tão sublime que faz certos insectos criarem asas e voar para as núpcias. Amam e morrem!

Tenho absoluta confiança em Carlos. Sei que sou para elle o que elle é para mim, isto é, o mundo inteiro.

Só uma tristeza me perturba: o castigo social que meus filhos soffrerão.

A palavra *bastardo* é uma offensa que se atira, cruel como uma bofetada, á face da pobre victima.

Deus que me inspire, que me faça saber crial-os de tal forma, que, sabedores da minha posição perante a sociedade, não se envergonhem de mim.

Tenho confiança no futuro.

E dizer que foi o inspector, a insistência delle, que fez nosso amor triumphar de toda hypocrisia, de todo preconceito!

Cançado de nunca poder falar-me do seu amor, visto que eu sempre desviava a conversa, resolveu dirigir-se directamente ao Carlos.

Fez-lhe oficialmente o pedido.

Carlos respondeu-lhe que eu era livre, e que só a amizade nos ligava, e que em virtude dessa mesma amizade elle não se achava com direito de intervir na minha vida. Poderia fazer-me ver, simplesmente, as vantagens de um bom matrimonio; porém não aconselhar-me. Dar-me-ia parte do pedido e em tempô responderia.

E cumpriu a promessa. Chamou-me ao seu gabinete e, como havia promettido, fez-me ver as vantagens que eu teria nesse casamento, as qualidades do rapaz, a protecção e o amparo seguro de um marido e, emfim, a difficuldade que havia da annullação de seu casamento. Eu não ouvi nada: senti como que uma zoadá no ouvido, e uma só idéa me veio a latejar nas fontes:



— Elie quer que eu case com outro... não gosta de mim...

E um desespero tão grande me invadiu que desatei a chorar como criança, aos gritos.

— Lourdes, que é isso!?!... Acalme-se, não chore, não faça assim! Não vê que eu soffro...

E inconscientemente passou o braço pela minha cintura, para fazer-me levantar o busto, que tinha quasi dobrado sobre os joelhos; naquelle movimento ambos estremecemos e... o sentimento que nos unia, mais forte do que a razão, mais forte do que tudo, venceu-nos.

XIX

São passados quatro mezes. Como eu sou feliz! Vou pedir demissão. Não sou capaz de occultar o meu amor, nem saberei dissimular, inda que o quizesse, o meu estado.

Tenho um prazer immenso em sentir vibrar dentro de mim um novo ser!

A concepção! Lamartine disse que o útero é um sacrario. E é. Quem jamais poderá descobrir esse mysterio sagrado da concepção?

Carlos, conforme promettera, respondeu ao inspector dando minha resposta. Elie não me disse nada. Mas li nos seus olhos, quando veio á escola, que o seu offendido orgulho de macho não me perdoaria.

Hontem apresentei-lhe meu pedido de demissão, visto que todos os requerimentos devem ir por seu intermedio. Riu-se e depois me disse:

— Vou fazer-lhe uma proposta, á qual não tem direito de recusar. Sei que não cjuiz casar-se commigo porque é amante do Carlos. Toda gente está ao par disso. A senhora sabe que sempre a amei; pois seja minha, só hoje. Não faça papel de tola, não peça demissão, continue na escola, que eu a protegerei contra toda a calumnia. Si não me quizer, prendo o seu requerimento e farei que seja demittida a bem do serviço publico. Seu nome, o nome de sua família, tudo será manchado; mesmo Carlos cahirá no desprezo de todos. Também, não sei que necessidade tem a senhora e exhibir assim essas relações. Olhe, aqui, são muitas as senhoras, e mesmo moças que fazem o mesmo, sem que ninguém o saiba. Essas cousas manda a sociedade que as occultemos e se, como me parece, surgem consequências, uma boa parteira resolverá tudo: a senhora fará uma pequena viagem e voltará boa. A vida é isto e devemos gosar-a emquanto somos moços e podemos.

E assim falando, quiz abraçar-me.



Não sei como ouvi tanta cousa! A principio a indignação me paralysoou; depois, a curiosidade de saber até onde ia tanto cynismo!

Mas quando elle, naturalmente convencido de que eu o attendia, em vista do meu silencio, quiz abraçar-me, toda a revolta do meu ser se desencadeou: esbofetei-o com frenesi e retirei-me indignada.

No dia seguinte, como eu sahisse a fazer compras, segundo o meu costume, vi pela cara dos conhecidos que o inspector tinha trabalhado. Todos me viravam o rosto e um typo ousou dizer-me uma chalaça obscena.

Oh! si elles soubessem como meu desprezo me encourça, como não me attingem esses salpicos de lama!

Só o medico e sua senhora conservaram-me a boa amizade, mesmo sabendo de tudo. E' que são superiores a esses preconceitos.

Fui demittida a bem do serviço publico! Porque? — Porque não occultei um amor legitimo, natural e puro, ainda que não permitido pelas leis; porque não me sujei em ser a amante de algumas horas do senhor inspector, porqile não quiz provocar um aborto, que me livraria de um filho, e porque não occulto a ninguém, com artificios, essa gravidez que me deforma o corpo, me santifica a alma e me enche o coração da mais santa ventura! E para meu filho, e por meu filho, eu quero viver e sacudo as injurias que me atiram.

Certa da minha innocencia, com a consciência tranquilla, sigo o meu caminho, amparada nos braços de Carlos, que, sei, procurará afastar os espinhos que me tentam ferir.

Papae morreu! Não sei chorar por elle... Entretanto, uma profunda tristeza me invade.

A passagem de um egoísta na terra é triste... só sabe semear dores em seu caminho. Deus o perdõe.

Seu character irresoluto, seus caprichos absurdos, fizeram um vazio a seu lado. Só não o abandonou minha madrasta, que até á ultima hora foi a esposa dedicada e bôa, carinhosa e meiga.

Lydia casou-se. Não sei se é feliz; sei pelas noticias mundanas que é uma mulher chic. Suas recepções são nomeadas. De vovó, quem fala? Ninguém; é como se não existisse.

XX

Meu filho! Já nos alegra a casa com os seus vagidos...

A pobre Felisbina corre o dia todo, numa lufa-lufa, com o pequeno. Toda carinhos... ri, canta, recorda suas canções de



berço... remoça. Ella mesma o enfaixa, encantada, a beijar o seu corpinho tenro e côr de rosa.

Como é linda uma creança! E' a benção, é a sagração do amor. Um filho purifica a mãe, por mais criminosa que ella seja!

Carlos e eu ficamos extacticos, a olhal-o, num encantamento sem fim. E' nosso filho, pensamos, e somos gratos um ao outro por esse bem supremo que nosso amor nos deu.

Hoje veio-me esta carta:

"Lourdes.

Você sabe o que é o remorso, minha filha?

Não sabe, não deve saber: mas sei-o eu. Você teve confiança em mim, acreditou na minha amizade de mãe, quando afinal eu não era mais do que madrasta, e como tal procedi. Pois hoje, minha filha, venho pedir-lhe que me perdõe. Mesmo que você tivesse errado, e muito, o que não creio, não fomos nós que a atirámos ao erro?

Como a vida ensina! Não ha nada como um dia depois do outro.

Lydia casou-se; não sei porque artes conseguiu que sua avó, mesmo em vida, lhe desse tudo.

A eterna historia do rei Lear, recorda-se?

A pobre velha, que uma paralyisia atacou, vive aqui commigo, sem ver nunca mais a filha querida. E o remorso tem falado!... Ella se arrepende amargamente do que fez você soffrer, na sua cegueira.

Deus escreve direito por linhas tortas...

A paralyisia e o abandono de Lydia serviram para mostrar-lhe os erros, e agora quer ver a você é quer que você a perdõe. Chora como creança. Dá pena!...

E' uma pobre velha paralytica, pobre e abandonada, que só conta commigo, que também já nada valho; você não quererá perdoal-a?

Soubemos que você foi demittida a bem do serviço publico e isso mais augmentou os nossos remorsos; si sua avó aguentasse, eu a levaria até abi, onde ainda tenho uma casa. Mas não sei si ella poderá supportar a viagem.

Venha você, Lourdes, trazer-nos o seu perdão.

Venha alegrar a nossa casa, pois eu sei, eu tenho a certeza de que Lourdes não errou. O seu caminho será recto como a sua alma.

Mãezinha."

Respondi-lhe assim:



"Mãezinha.

Bemdictas sejam as suas palavras! Eu tinha a certeza de que a senhora algum dia havia de conhecer a verdade.

Eu lião errei perante a minha consciência; mas perante a sociedade, sim. Vivo com o meu professor; elle é meu esposo perante Deus, emquanto não o pode ser perante os homens. Sou feliz como se pode ser feliz na terra, e Deus já abençoou o nosso lar com um filho, que é o nosso enlevo.

Eu irei ver vovó (que de todo o coração perdôo, porque ella inconscientemente me empurrou para a felicidade), si poder levar Carlos e meu filho.

Sem elles não posso ir; elles são toda a minha vida.

Vovó consentirá em receber-nos?

Abraço-lhe, mãezinha, de todo o coração.

Lourdes."

A resposta desta carta foi um telegramma:

"Venham, sua avó muito mal.

Helena."

XXI

Quanta cousa aconteceu!

Todos os romances terminam bem, não por phantasia do escriptor mas porque na vida todos os caminhos nos conduzem por um trilho, mais ou menos direito, para a paz, para o esquecimento, para a tranquillidade.

Quando chegamos a S. Paulo, vovó estava muito mal, pensávamos que morresse.

A sua idade, os seus soffrimentos moraes, tudo auxiliava a moléstia; mas existem no nosso organismo recursos que ainda os médicos desconhecem... e a prova disso é que ella sarou. Já está na sua cadeira de rodas, que minha Madrasta pacientemente empurra, satisfazendo os seus caprichos de doente.

Pobre vovó! Quanto chorou quando me viu! Com que lagrimas me pedia que a perdoasse! E' tão fácil perdoar quando se é feliz... *

José Carlos, o meu filho, conquistou-a. O seu primeiro bisneto!

Ella ri para elle, encantada, nesse desvanecimento dos velhos que se vêm renascer nos descendentes.

Um novo acontecimento. A mulher de Carlos foi assassinada pelo amante!



Infeliz creatura! Carlos mandou que se fizesse o enterro á nossa custa, e comprou-lhe um terreno, no cemitério, para que ella não vá para a valia commum.

Lastimamol-a de todo o coração.

Carlos quer, agora que pode, legitimar a nossa união.

A mim, isso seria indifferente; não serão as palavras do juiz e a benção do sacerdote que poderão fazer-me amal-o mais do que o amo; mas por meus filhos serão precisas essas cerimonias...

Estamos casados. Que cousa extravagante é a vida! Eu que até agora nada valia, passei a ser uma senhora honesta, na opinião publica!... No entanto, em que mudei?

Vovó e Mãezinha vão commigo; ellas não queriam largar o pequenito e Carlos conciliou tudo, carregando-as.

Lydia não se fez viva; seu desprezo por aquella a quem tudo deve é cruel!

Vovó não fala mais nella; agora a sua única preocupação é José Carlos.

Carlos publicou um livro que foi recebido., com grandes elogio^ pela imprensa.

Que mais quero?

Luctei, trabalhei, venci.

Deus guiou a minha barca, e levou-a ás plagas bemdictas da felicidade.

Meu marido, meu filho, minha casa... tenho tudo!

Nada mais me falta, nem o respeito e a amizade dos meus semelhantes, que, com a noticia de meu casamento, voltaram para mim novamente suas boas graças.

Mamãezinha e Vovó amam-me e luctam para nos demonstrar, a mim e a Carlos, sua amizade. Vovó, então, é de uma ternura sem fim — quer que eu esqueça o que ella foi. Despida daquella capa de orgulho que a envolvia no passado, é a mais doce e suave creatura do mundo.

Olho no espelho e elle reflecte minha figura, os traços irregulares de mamãe, o ar cansado, mas feliz, e o corpo deformado...

E' que, muito breve, virá outro bebê... José Carlos é um só para duas avós... E é muito pouco para o nosso amor; não chega. Por causa disso esperamos para logo outro. Depois, outro, e mais outro... gosto tanto de creanças...

Como a arvore que arrancada do solo pela fúria de um tyclone prende-se ainda á terra pelas suas menores radículas, e, no desespero de querer viver, mesmo cahida não morre, antes cria novas raizes e novos brotos para reerguer-se mais alto, em busca de luz... assim eu fui.

RENATA LUIZA





QUANDO FALA A VOZ INTERIOR

A ESPERANÇA

O DIABO estava preocupado:

só a muito custo obtinha permissão de Deus para pregar peças aos Homens.

Estes morriam a cada ilusão desfeita, parecendo bolhas de sabão que a leve briza arrebenta.

Uns faleciam suspirando por não encontrarem amor na mulher que ideáram;

de outros a vida fugia, aos revezes da fortuna, como os fructos caem ao balançar do galho;

os artistas agonisavam inertes se a fama não os acolhia pressurosa;

impacientes, os guerreiros offereciam o pe>to ás armas homicidas, em meio da peleja, sem aguardarem a vinda da Victoria;

si o Sol queimava as colheitas, os corpos dos lavradores juncavam os campos, por entre as plantações tostadas;

e, quando os cardumes fugiam para o largo, longe das malhas da rêde, as canoas, baluçando á deriva, levavam em seu fundo pescadores inanimados.

* * *

Ninguém tinha coragem para supportar as agruras da sorte;

ninguém prolongava a existencia alem do desengano;

ninguém sabia viver sem realizar os seus desejos.

Não se ouviam choros nem lamentos: os que viviam eram felizes, os que não o eram morriam.

* * *

Era isto que preocupava o Diabo:

na teia de suas maldades, apenas a um e um caíam os Homens.

Nem o prazer das agonias longas e soffredoras Elles Lhe davam.



Quasi não existia o Mal, pois, não sabendo resistir ás dores do Pecado, os Homens viviam puros.

* * *

Muitos mczes Satan passou a architectar e a scismar sobre a fragilidade humana.

Em torno d'Elle as Estações fizeram a sua ronda. Mas, os olhos d'Elle, absortos no pensamento ruim de prolongar o soffrimento, aos poucos perceberam como tudo variava, em volta.

E viram a arvore, atacada pelo Outomno, perder, uma sobre outra, as suas folhas e, após, renunciar a toda vida, á passagem do Inverno.

— A arvore despida e morta lembrava uma creatura attingida pelo desengano —

Mas, quando destruidor e victorioso o Inverno se afastou, dos galhos hirtos resurgiu a vegetação.

O Demónio sorriu, então, de perversa alegria: arrancou dos troncos os primeiros rebentos verdes, muito verdes, e com Sua sciencia profunda e má extrahiu-lhes um veneno.

* * *

E por isto a Esperança faz reviver as almas mortas;

E por isto a Esperança é verde.

OS TRES BRADOS

TRES vezes a matta estremeceira á passagem daquelles brados.

As arvores, em sua linguagem muda, perguntaram umas ás outras o que seria, e as flores lançaram mais longé as ondas de seu perfume, na mesma curiosidade inquieta.

No primeiro brado, havia sons alegres de esperança: viêra como um chamado, tacteando os galhos um a um, penetrando em cada corolla, procurando em cada furna.

O segundo soára mais forte: fôra um bramido impaciente que ritmo-rejára de ramagem em ramagem.

O terceiro — ah! o terceiro brado — se assemelhára a um grito de morte, que correa toda a extensão da mattaria; a um clamor de soccorro ^{ciue}, sem deixar echo, se perdera além.

E as arvores, estremeecendo ainda, perguntavam curiosas, em sua linguagem muda, o que se estaria passando.

Foi da clareira que os tres gritos partiram. Ahi chegou com o sol o jovem guerreiro. Ao vé-la cheia, apenas de luz, surprehendeu-se: porque já não estaria?

Ella lhe havia dito que a ultima estrella seria sua companheira de espera: no céu já brilhava o sol e ainda não chegara!

Soltou então o seu primeiro grito: brado de chamado, cheio de esperança, que iria acordá-la no recanto onde adormecera descuidada. Tomou na aljava a mais bella setta, a setta verde, e atirou-a para o céu, afim de que Elie a visse.

Depois adormeceu, á espera.



* * *

Nuvem por nuvem, o Sol subiu ao zenitli.

O guerreiro acordou: partida a seu lado, apenas a setta verde. Ella ainda não viera, nem ouvira o seu chamado forte. Talvez o esquecimento ou a inconstância a tivessem detido no caminho.

Ella disse que vinha; Ella disse que vinha; Ella jurou..."

E no olhar do guerreiro a cólera se espelhou: — esquecido!

E o segundo brado partiu, sacudindo as arvores frondosas; partiu vibrante de impaciência, borbulhante de cólera. Abalou tronco após tronco; acordou a tudo que dormia; levantou a poeira do chão e arrastou as nuvens do céu.

Mas nenhum echo lhe respondeu.

Uma segunda setta atirou ás alturas, vermelha, vermelha como sangue. E novamente adormeceu, á espera.

* * *

Já a brisa passava, recolhendo as preces que o bosque faz á Noite: o guerreiro acordou.

Sósinho! Só, inteiramente só!

Apenas, partida a seu lado, a setta vermelha.

Elie sentiu a dor da traição. Nada havia pedido e tudo Ella lhe dera: beijos cheios de amor, promessas cheias de fé.

Ah! guerreiro, guerreiro! — tu vivias só, no meio da floresta, altivo nas horas de tristeza, triumphador nos instantes de prazer. Não te faltava nada: tinhas frutos e conhecias os recantos da matta onde as Loucuras moram.

A natureza desdobrava-se em esplendores para saciar-te o espirito; e quanta corça arisca não retardava o passo fugitivo para te ver passar, descuidado e feliz!

Tu eras livre! Cada galho era uma pousada, cada fruto um alimento e cada flôr uma caricia que a Vida te offerecia.

Trocaste tudo pelas palavras d'Ella!

E o terceiro grito subiu aos ares: brado de descrença, clamor de morte: o desespero pelo tudo que perdêra e pelo nada que alcançára.

E triste, e só, o guerreiro soltou uma terceira setta, uma setta amarella.

Um vulto apontou na orla da clareira.

Ouvira os três brados e accorrêra ao ultimo, a sorrir.

Quando a sua mão pequena pousou no peito estava frio e o coração parado.

Rio, Fev. 924.

»

AULIO





EXTRANHO OCCASÛ

HAVIAM se conhecido numa feira de domingo.

Ella era vivaz e airosa mulatinha, de olhos accesos e cabellos em trança, que fazia compras para a casa onde servia. Elie, na folga domingueira, vestindo a sua roupa de brim riscado, apreçava mangas-rosas.

Olharam-se e sorriram-se.

— Bonitas mangas! — gabou a rapariga com desembaraço.

— Quer uma?

— Si quizer dar...

E ella, num meneio felino, estirou a mão recolhendo a linda fructa.

— Obrigado.

— Não ha...

Dali partira o namoro.

Galdino, desde esse dia, largando o trabalho num sitio dos arredores, corria a ver Deolinda ao portão da casa em que era empregada, e conversavam alguns momentos, nesse embriagamento dos enamorados.

Mezes depois, casaram-se e foram viver modestamente num tecto rústico.

Unindo os destinos, não uniram todavia de todo as almas. Galdino era homem trabalhador e contentava-se com o pão de cada dia, feliz de poder tel-o sempre á custa dos seus braços e de dal-o á mulher bem querida. Deolinda, porem, passados os



primeiros enlevos das núpcias, começou de ^entir, em segredo, certo fastio por aquella existencia monotona e sombria.

Elie sendo de habito caseiro, ella sosinha não podia mais frequentar os pastoris, os sambas, as festas ruidosas da matriz... Nem siquer, como dantes, quando ganhava para se vestir, podia também mostrar-se nas ruas de vestidos novos, de sapatinhos na moda, de meias de seda, comprados a prestação ao mascate. Agora, tinha que se sujeitar ao pouco que o marido lhe dava, pouco porque mais não lhe era permittido dar.

Correram os annos e, de repente, o homem experimentou sensação continuada de fraqueza nas pernas, de formigueiros pela pelle, de dôres vagas... O andar não era firme como dantes, por vezes tropeçava. Mesmo assim, trabalhando!

Quando ao escurecer tornava a casa, a mulher avistando-o notava-lhe o passo vacillante, impreciso, tibio. E elle, em chegando, saccudindo-se na rede, murmurava com desalento:

— Estas pernas já não servem para nada!

— Você não mostra ao "doutor"!

— Doutor, só serve para gastar dinheiro, mulher!

Porem, crescendo o mal, elle foi ao medico, um velho medico que ouvia gratuitamente os doentes pobres numa pharmacia da cidade. Examinou-o, bateu-lhe nos joelhos com um martelinho, abriu-lhe as pálpebras mirando os olhos, e, depois, com ligeiro franzido de testa, balbuciou:

— Isso passa.. Isso passa... Tome este remedio... Uma colher de sopa...

Não passava a fraqueza. Antes crescia a debilidade dos órgãos locomotores, com agravo das dores que se tornavam insupportaveis, assim como si estivessem queimando-lhe as pernas por dentro.

Galdino andava como um ébrio e por fim, incapaz para a labuta no campo, ficava em casa, sentado na rede, fazendo foguetes para poder ganhar o pão. Deolinda, vendo-o naquelle estado, fôra obrigada a acceitar uns engomados, trabalhando com certo afinco, embora de má grado.

Mas, o seu caracter cada vez se tomava de maior azedume, Aquilio não era a sorte que esperava... Trabalhar por trabalhar, antes fazel-o para si somente, como outrora. Perdera a vivacidade, ensombrara o rosto, fazia tudo de má vontade.

Galdino dava-lhe reparo, numa grande lucidez de infornado. E o seu coração, que se empenhara para sempre ao amor daquella mulher, enchia-se de immensa magua. Ah! a própria invalidez elle acceitára de sorriso nos lábios si contára com o affecto e a paciência da companheira. No entanto, era aquella ingratição... E, chumbado á rede, inútil para tudo, via a louçania de Deolinda,



adivinhava-lhe os desejos de liberdade, a ancia de gosos, a sêde de vaidades, de alegrias, que elle não lhe podia proporcionar... Deolinda não nascera para arrimo de um paralytico!

Certa tarde, quando a rapariga sahiu para levar á fregueza uma roupa engommada, afrontando a chuva que cahia, Galdino viu-lhe claramente no semblante um vinco de fadiga, de sacrificio.

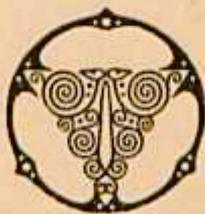
O aguaceiro batia no zinco da coberta, escorria pelos caminhos, enlameava tudo.

Com o pensamento, o homem acompanhava os passos de Deolinda debaixo do temporal, o vestido collado ao corpo, os pés molhados, a roupa engommada envolta cuidadosamente num oleado. E a pobre tendo de ir tão longe! E aquelle viver que se prolongaria por muitos annos, talvez. Q medico não dissera que os doentes como elle duravam bastante!! Triste consolo! Vida de prisioneiro, sem ter ao menos o sedativo de uma caricia...

Sentado na rede, o tabetico fitava doloridamente a braza do cachimbo... Vida longa, assim!! Assim!! Não seria melhor acabar de vez?... Relutou diante de uma idéa... Quiz dominar-se... Mas, tenazmente, a mão foi se debruçando pela borda da rede, os dedos se estiraram e o cachimbo cahiu sobre uns maços de foguetes...

• Quando Deolinda, voltando a casa, vencia os últimos trechos de caminho, ouviu rumores de alarme e viu no céu uma grande mancha côr de sangue, extranho occaso de inverno...

MARIO SETTE





A CAÇA

A HISTORIA regista o facto de todos os povos terem sido primitivamente caçadores.

Naturalmente, como acontece ás nossas tribus selvagens, isso vem do facto de ter sido a arte venatoria a mais fácil, e talvez a única então, capaz de lhes proporcionar os meios de subsistência. A evolução levou-os depois ao mister de pastores e só muito mais tarde foi sendo a sua atenção despertada para a agricultura, que relegou para plano inferior a occupação primitiva.

Nos tempos actuaes a agricultura, associada á pecuaria e ás industrias, veio tirar á cynegetica o caracter de profissão; mas, a despeito disso, não desapareceu a arte da caça, taes os seus attractivos, tão amados ainda pelos homens de alma san e physico viril. Todavia, existem ainda em nossos sertões individuos que exercem a caça como meio de vida, fazendo o commercio de carne e pelles.

Facto incontestado é ser o exercício da caça incomparável deleite para os que se acham bem no contacto directo com a maravilhosa e inegalavel Natureza brasileira.

Na solidão de uma matta virgem, ou em uma canôa sobre o dorso de um dos nossos grandes rios, ou ainda contemplando uma de nossas empolgantes cachoeiras em turbilhões de espumas, o caçador se surprehende em um mundo indecifrável, cheio de mysteriosas emoções que o envolvem em suave mysticismo, mais intenso que aquelle que porventura o empolgasse na silenciosa nave de uma cathedral. Nesta, contempla o homem as grandezas artificiaes, sua obra profana; ali a grandeza incommensuravel da Flora e da Fauna brasílicas, em sua infinita variedade, a formar polycromica cathedral, onde a Natureza falia com muda eloquencia de Deus e cuja liturgia obedece a leis immutaveis, defesas ao capricho humano. E' dentro dessa Natureza que o homem se julga pequeno, mas é ahi que enrija o corpo, adoça o caracter e predispõe o espirito para a pratica do bem.

Só caçadores poderão gosar a suprema doçura desses momentos, porque uma caçada em nossos sertões constitue o melhor refugio para os que se asphyxiam na atmosphaera do urbanismo, impestado pela degradação de



caracter, pela depravação de costumes, pelo mais feroz egosimo. E' o único esporte capaz de nos transportar aos são costumes de nossos antepassados, paulistas que foram todos fervorosos cultores da cynegetica.

Quem não caça não é homem — disse o saudoso e exímio caçador paulista dr. Joaquim de Paula Souza.

Com effeito, quem carregou toda a sua existencia nas cidades, escravo das tolices e arrebiques da super-civilisação, incapaz de um bello exercício, a cavallo, a canôa, ou a pé, na manifestação mascula de uma caçada, não é um homem completo; quem assim viveu, dormindo durante o dia e esialfando-se durante as noites nos clubs chics, nos cinemas immoraes, e nunca prelibou os prazeres de uma temporada em barracas, ao pé de amovel fogo, de bons companheiros e da orchestra magistral do vento tangendo a fronde de nossas mattas virgens e da palpitação da vida animal dos sertões, nem "assistiu jamais, com alma attenta, ao magestoso adormecer da Natureza", nem, como disse o grande brasileiro que foi o general Couto de Magalhães", nunca caçou nas solidões vastas, silenciosas, cobertas de palmeiras e cachoeiras alvas, nem viu o cervo, ao raiar do dia, sacudir orgulhoso sua facha de aspas ponteaguda, nas campinas floridas das lagoas dos sertões; quem não ouviu o rugir da onça acuada nas sapopemas das florestas virgens do nosso interior, o pio saudoso das perdizes em campinas sem fim, ao cahir da tarde, ou o grito melancolico do guará (que é o nosso lobo); quem nunca viu isso tudo, nunca viveu, nem pôde jamais avaliar a grandeza do nosso paiz e dos prazeres mais salutaes que a natureza proporciona ao homem.

Affirmam alguns ser a caçada própria de caboclos, mas na sua indolência olvidam que só espiritos cultos, capazes de comprehender a grandiosidade de nossos sertões, só os que possuem noção elevada do bello, podem beber na solidão das nossas mattas virgens as mais elevadas inspirações. Grandes homens, espiritos cultivados no conhecimento de variadas sciencias, médicos como Joaquirr de Paula Souza, cultores da sciencia do direito, como seu irmão Bento Francisco de Paula Souza, sábios e scientistas como Emilio Augusto Goeldi, Carlos Euler, Schereiner, Burmeister, o príncipe Zu Wied, militares como Henrique Silva, o grande e saudosíssimo brasileiro general Couto de Magalhães, e muitos outros, foram todos caçadores apaixonados. Embora estrangeiros alguns, foram unanimes em proclamar os encantos das caçadas brasileiras.

E' Varnhagen (Visconde de Porto Seguro), brasileiro que tanto honrou nossa pátria por seu saber, por seu patriotismo e por suas qualidades de homem de fina educação, quem diz, em seu livro *A Caça no Brasil*:

"O exercício da caça, indispensável ao selvagem para buscar alimento, converte-se para o homem em uma distracção licita com que dá trégua aos cuidados e trabalhos do espirito, robustecendo o corpo e geralmente o coração. Os passeios ao campo, que as caçadas occasionam, são hygienicos, e o modo com que nellas se occupa o espirito do homem abastado e independente, o desvia do ocio ignavo que muitas vezes conduz á molleza e outros vícios. A caça é o simulacro da guerra e para muitos herões foi ella^o tirocínio; e a experiencia prova que geralmente os caçadores, como os guerreiros são soffredores, tolerantes e generosos. Foi seguramente por jssp que Platão e Plínio a aconselharam e que Lycurgo a recommendava á juventude na sua republica. Além disso, nenhum outro exercício dá ao homem melhor idéa da sua superioridade sobre todos os viventes e, por conseguinte, nenhum é mais proprio para lhe infundir tão profundamente^o reconhecimento que devemos ao Creador, que nos dotou com a intelligencia^{cl} que tudo avassalla.

Por outro lado, é no exercício da caça que os homens mais se nivelam uns aos outros, ficando expostos aos mesmos perigos e vestindo quasi iden-



tico traje; só prevalece o verdadeiro mérito fundado no saber caçar e no valor. Porisso na antiguidade foi a caça considerada complemento essencial da educação dos reis e senhores.

Desta apreciação do exercício da caça se deve concluir que só damos tal nome á das aves e animais, para que o homem tem de usar dos recursos da sua intelligencia, dos seus dotes physicos e todo o apuro dos seus sentidos, afim de vencer a força, a agilidade e a astúcia dos irracionaes, que quer ter a gloria ou a satisfação de atacar. Este exercício pôde ministrar noções á zoologia, e comprehende, digamos assim, a parte mais gentil desta sciencia; e das fileiras dos caçadores sahiram observadores naturalistas da tempera de Azara, Audubon e Reid."

De facto, o exercício constante da caça, além do vigor physico, desenvolve no homem todos os seus sentidos. A vista apura-se em tal grau que, quer no campo, quer no recesso das mattas, o caçador distingue logo a presença de uma perdiz, de um macuco ou de uma cotia, onde olhos profanos não descobririam cousa alguma. O *mimetismo* ⁽¹⁾, protecção natural de que gosam muitos animais, especialmente as perdizes e as codornas, bem como a cotia, o macuco, os urús, desaparece ou annulla-se deante da vista apurada do caçador. Mais de uma vez, dentro da choça de uma cêva, no luscofusco da tarde, pude distinguir e atirar a cotias, quando, sentado ao meu lado, companheiro pouco affeito á caça nada enxergava, apesar da minha insistência apontando-lhe a caça e ordenando-lhe atirasse.

Assim como o pescador de profissão distingue á distancia, no mar, o cardume de tainhas ou sardinhas, onde outros olhos não vêem senão agua e ondas, o caçador distingue no matto todos os sons — o estalido de um graveto pisado, o pisar de um passaro na folha secca, o latir de um cão a larga distancia, o tropel da caça accossada pelos cães, o leve vibrar das mattas ao éco de um tiro desferido a distancia considerável — o que ouvidos não educados no exercício da caça não receberiam sinão como rumores confusos e indefinidos.

O caçador pratico, logo que o macuco bate as azas e empoleira, o que só acontece com o chegar da noite, dirige-se á arvore onde elle pousou, e ahi o distingue e atira; se não pôde fazel-o, vae para casa e, na madrugada seguinte, volta para debaixo daquella arvore e com os primeiros signaes do dia atira a presa cobiçada.

Se, detendo-se em qualquer ponto da floresta, ahi deixa esquecido uni objecto, no dia seguinte, e mesmo dias depois vae buscal-o, sem errar em absoluto o ponto onde esteve. Dahi se inferem as qualidades de orientação que o habito fias caçadas desenvolve no homem.

Muitos são os artificios inventados pelo caçador para vencer a asiucia e a agilidade das caças de varias especies. Entre esses, vamos passar em revista os mais usuaes.

Arataca. — Consiste em um madeiro pesado, collocado transversalmente sobre o caminho habitual da caça, suspenso em uma das extremidades por meio de uma armadilha que a caça faz desandar ao passar por baixo, recebendo a morte com a queda do madeiro sobre o dorso. Até onças são mortas no sertão por esse meio.

Fojo. — E' uma fossa de um metro de diâmetro e dois de profundidade, cuja bocca é dissimulada com ramos flexiveis e leve camada de terra; a caça, ao passar desapercebida, cae ao fundo do fojo e ahi é morta ou

(1) *Mimetismo.* Propriedade que têm alguns insectos, aves e quadrupedes de se confundirem, pela cor, com os galhos e folhas onde vivem.



apanhada viva. Km muitos são collocadas abatizes, pedaços de madeira dura, de pontas aguçadas, fincadas no fundo, com as pontas para cima. Ahi a caça encontra quasi sempre a morte.

Para os tatús, que em algumas regiões causam graves prejuizos á lavoura, os roceiros usam o fojo com as paredes e fundo revestidos de paus roliços e bocca a descoberto. Basta collocar dentro uma carniça qualquer, para que os tatús ahi vão cahindo, um atraz de outro, sendo apanhados muitos de uma vez.

Chiqueiro. — Quadrado de alguns metros, cercado de todos os lados, tendo uma porta de taboa corrediça, que fica suspensa por meio de um cordel ligado á parte superior da porta e que, para mantel-a suspensa, é ligado a uma mola de pau, ou armadilha, debaixo de um estrado collocado no interior do chiqueiro. A caça, engodada pelo milho que está sobre o estrado, penetra por elle e com o 'seu peso desanda a mola, fazendo cair a porta. Muitas caças, veados, queixadas, caetetús, pacas e cotias são victimas desse laço. Para os queixadas e caetetús, entretanto, não ha necessidade da armadilha. Faz-se o estrado a começar da entrada do chiqueiro e ao nivel do chão, avançando dois metros para dentro, mas de maneira que, nessa extremidade, fique elevado do chão um metro. Os porcos entram por cima do estrado e, chegados á extremidade, saltam para dentro do cercado. Quando procuram sahir, começam a rodear as paredes da prisão, mas ao envez de pularem para cima do estrado, passam por baixo delle, sem nunca atinarem com a sahida. E' sabido que os porcos do matto não elevam os olhos, tanto que ao caçador, rodeado por elles e na imminencia do perigo, basta trepar em um toco ou galho de arvore a meio metro de altura, para evitar as suas aguçadas e perigosas presas.

Juquiá. — E' um grande balaio raso, de taquaras, tendo uma pequena porta ao lado. Posto de bocca para baixo, colloca-se na porta uma esteira de taquarinhas flexiveis, preparadas a canivete, e traçada ou amarrada a barbante em duas travessas de taquara mais resistente. Dá-se á esteira a fôrma de uma telha, de modo que a entrada para o juquiá fique franca; na extremidade que fica dentro do juquiá, as taquarinhas formam um feixe emmaranhado. As aves, como macucos, jacús, urús, inhambús, etc. cevadas antes de se collocar a rede, (*fo*, se chama na roça) penetram pela bocca da esteira, levantam com o proprio esforço as taquarinhas e penetram, arrastando-se, na prisão, de onde não mais podem sahir porque, cada vez que tentam fazer, encontram as pontas agudas das taquarinhas, que as detêm no intento da fuga. No juquiá apanham-se bandos inteiros de jacús, urús e muitos macucos e inhambús.

Arapuca. — Pequena armação de pedaços de pau ou taquaras, em cuja armadilha se collocam alguns grãos de milho presos a uma rachadura nella praticada. A ave, ao bicar o milho, faz desabar a armadilha e a arapuca, perdendo o apoio que a mantinha suspensa de um lado, cae-lhe em cima e a prende.

Girou. — Estrado de madeira roliça, que os caboclos fazem sobre galhos de arvores, ou quatro paus fincados, geralmente, sobre um *barreiro*, que as caças frequentam, attrahidas pela natureza salitrosa do solo. Durante a noite ficam em cima, á espera da caça, que matam d'ahi, passando a noite a salvo da surpresa de alguma onça pintada.

Muitos outros artificios existem ideados pelos caçadores, como os pios para imitar o canto das aves e attrahil-as ao alcance da espingarda, os quaes se fabricam de taquara, de madeira, de chifre e até de vulcanite e bocal de ouro, para macucos. Estes, os inhambús, os urús, as juritis acodem admiravelmente ao pio, quando hábil o caçador.



Um habilidoso e inteligente caçador de Piracicaba chegou á perfeição de fazer uma machina de piar macuco. A um mecanismo de relógio adaptou um pequeno folie, cujo tubo terminava na bocca do pio; accionada a machina de relógio, esta, de cinco em cinco minutos, premia o folie que, por sua vez, soprava o pio, reproduzindo com perfeição o pio do macuco. Tudo collocado em elegante caixinha, o caçador a levava ao matto, collocava-a no chão, entre folhas seccas, e, commodamente escondido em improvisada choça, outra cousa não tinha a fazer senão esperar que o macuco acudisse ao reclamo do seu traíçoeiro e hypothetico companheiro.

Ha ainda a armadilha de arma de fogo, que a própria caça faz disparar, recebendo a carga de chumbo. Tal armadilha, evidentemente, deve ser rigorosamente prohibida pelos sérios perigos que offerece, sendo certo que mais de uma victima humana ou de animaes domésticos tem produzido.

O venerando sr. Carvalho Barros, de Botucatú, quando, ha cerca de cincoenta annos, residiu na Fazenda *Barreiro Rico*, para evitar os estragos que á criação andava a fazer uma onça, foi ao matto em companhia de um camarada e deixou, em lugar apropriado, uma armadilha com espingarda de dois canos. Durante a noite, da casa da Fazenda ouviu-se a detonação de um tiro; ao amanhecer dirigiram-se ao lugar da armadilha onde, de certa distancia, viram a féra morta; o camarada, no auge do entusiasmo, correu a gritar e atirou-se deitado sobre ella; immediatamente outro tiro partiu e aquelle infeliz pagou com a vida o seu entusiasmo precipitado. A impressão recebida por aquelle respeitável lavrador, de facto tão lamentavel, foi de tal ordem que elle nunca mais caçou, conforme a mim proprio affirmou trinta annos depois.

Há mais, para engrossar o numero, uma armadilha, invenção de um amigo e por elle revelada uma noite, em alegre convivência de barraca, á beira do rio. Faz-se uma gaiola grande e forte, dividida ao meio, com duas portas, uma para cada compartimento, de maneira tal que, quando uma das portas desce, a outra se levanta. Prende-se era um dos compartimentos um cachorro, ficando o outro com a porta suspensa. A onça vem, fareja o cachorro, rodeia a gaiola e entra pela porta aberta, lambendo os beiços, certa de que vae comel-o; mas, nem bem entra, desanda a armadilha, a porta cae, a outra se levanta e o cachorro, ganindo de medo, vae em disparada louca, a contar que a onça está presa. Ninguém 'será capaz de negar mérito a tal invenção...

Se ao caçador abastado não se impõe a necessidade de usar de certos ardis para obter caça, mercê das excellentes armas de fogo que pôde adquirir e do auxilio de valentes matilhas, o mesmo não acontece aos caboclos indolentes ou ás tribus selvagens. Estas, além de suas flexas, pouco efficientes, teem que confiar á astúcia o bom êxito de suas caçadas. Uma de taes astúcias, que consiste no uso do fogo como auxilio da caçada, relata-o o general Couto de Magalhães, no seu livro *O Selvagem*:

"Tendo-me encontrado com uma partida de indios *Chambioás*, conta elle, nas margens do Araguaya, que andavam caçando, segui com elles para um lago que ficava a não muita distancia da margem. Effectivamente lá chegámos e elles, depois de verificarem de que lado vinha o vento, prenderam fogo ao campo em semicírculo, de modo a cercar o incendio a parte do lago onde nos achavamos, para o fim. diziam elles. de caçarmos umas tartarugas de terra firme, pequenas mas de sabor deliciosíssimo, que existem em todo o valle do Amazonas. Com effeito, esse modo de cacar com o fogo é excellente, porquanto apenas o fogo ganhou certa extensão, as tartarugas começaram a procurar o lago, onde nós as apanhavamos em abundancia e com grande facilidade: dentro em pouco, porém, de envolta com tartarugas, começaram a vir cobras que, como ellas, vinham procurar no lago asylo contra o fogo; e as cobras, filhos de jacarés e outros reptis

eram tantos que nós, os christãos (*tori*, nos chamavam elles), subimos sobre arvores, deixando aos *Chambioás* o resto da caçada; e nem elles, familiarizados naturalmente com aquillo, desistiram delia senão quando o fogo chegou tão proximo que o calor se tornou insupportavel; circumstancia em que nos niettemos pela agua a dentro e atravessámos o lago, conduzindo enormes coilares das taes tartarugas, presas pelos pés com cipó."

Também entre os nossos caçadores se emprega o fogo para desentocar caças. Quando uma é acuada em uma toca e não ha uma enxada para caval-a, fazem um fogo na entrada e com o chapéu impellem a fumaça para dentro; a caça, asphyxiada, é obrigada a sahir (*espirrar*, na gíria venatoria), e é então quasi sempre segura pelos cães.

Emprega-se ainda o fogo numa pescaria muito interessante e proveitosa, chamada em São Paulo de pescaria de *facho*. Arranja-se um feixe de lascas finas de guarantan de tres a quatro metros de comprimento, amarradas com cipó. Colloca-se esse feixe ao comprido, na canôa, de maneira a exceder alguns palmos da prôa. Deita-se fogo á extremidade do feixe, que vae sendo impellido para a frente cada vez que ameaça a madeira da canôa, não mais se apagando, devido á excellente combustibilidade do guarantan; deixa-se rodar a canôa ao sabor das aguas, que os peixes, attrahidos pelo clarão e deslumbrados pela phantastica luminaria, affluem em enorme quantidade e formam ao redor bellissima esteira de prata e ouro. Os pescadores, munidos de físgas de cabo curto, outro trabalho não teem que ir físgando os peixes e, com rápido movimento, leval-os com a própria físga para dentro da canôa.

Lembremos, porém, que tal pescaria só produz bom resultado com noite muito escura e de bastante calor.

Em 1904, tomei parte em uma pescaria de facho, na fazenda de um parente, no rio Tietê, pouco acima da confluência do Sorocaba; achei-a simplesmente phantastica. Além da belleza que o clarão do facho imprime ás aguas e ás margens do rio, o barulho produzido pelas aves empoleiradas e pelos animaes em pouso, que, tolhidos de pavor, fogem em desabalado tropel e bater estonteado de azas, empresta ao quadro feição verdadeiramente fóra do commum.

Na referida pescaria apanhámos dois ou tres dourados e enorme quantidade de corumbatás.

Repetimos: a caçada organizada a preceito, é o melhor derivativo para a vida extenuante e os apertos do nosso deplorável urbanismo. Nada melhor para desanuviar o espirito e robustecer o corpo do que alguns dias consagrados a esse nobre genero de esporte.

Quantos conhecemos nós, infelizes como esse Jacintho da *Cidade e as serras*, de Eça, com o espirito vergado ao peso das *responsabilidades sociacs* e as entranhas combalidas pela constante ingestão de *mayon-aíses* indigestas, *foie gras* intragaveis, *champaiihadas* e noites mal dormidas, que recuperam todo o seu vigor physico e espirital em alguns dias de caçada e ao voltarem pela tarde á barraca ou ao rancho, precipitam-se, com appetite que faria delirar de inveja a Pantagruel ou seu pae, ao virado de feijão, ao palmito, á paca assada ou ao arroz com passarinhos!

Esses mesmos Jacinthos, habituados aos salões dourados e luzes deslumbrantes, aos charutos mais caros que finos, aos mil enganos da vida elegante, pensarão decerto nessa occasião em trocar tanta cousa incommoda e difficil pel'



*"O balanço da rede, o bom fogo
Sob o tecto de humilde sapé;
A palestra, o hmdii, a viola,
O cigarro, a modinha, o café!"*

Depois, que somno de pedra sobre a rede, sobre a cama de campanha ou mesmo sobre o leito improvisado e perfumoso de folhas de palmeiras!

Ao amanhecer, posta em movimento toda a comitiva, ao iniciarem-se na maior alegria as proezas cynegeticas do dia, lançando os olhos para as campinas sem fim, as mattas verdejantes e cheias de mysteriös indefinidos, o estirão de rio que vae despenhar-se na cachoeira alva e sussurrante, absorve-se na contemplação desse quadro grandioso dos nossos sertões, visto ainda hontem, nos dias anteriores, mas sempre cheio de novas surpresas e novas emoções.

Isso tudo, é porque

*"Cada um delles tem na alma
um mundo inteiro
de perfumes, de cânticos, de flores."*

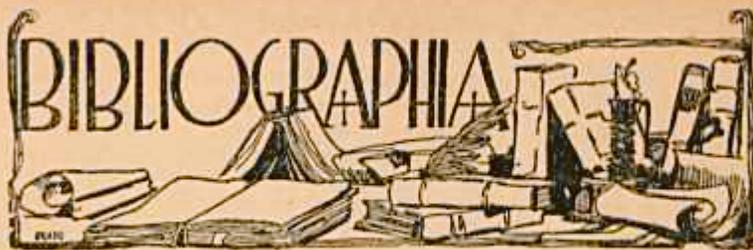
Nesse vasto scenario em que a Natureza se desvela em demonstrar, em sua grandeza infinita, a pequenez humana, o caçador murmura, cheio de contricção:

*"Eis a vida nas vastas planícies
Ou nos montes da terra da Cruz,
Sobre a terra só flores e glorias.
Sob o céu só magia e só lue."*

BENTO ARRUDA

(Do livro "Por mattas e campos", a saliiir.)





MACHGAS — Odilon Azevedo — Leite Ribeiro — Rio, 1924.

Ha annos que não apparece uma estréa tão forte como esta. Abordando um genero que pelo abuso e pelo falseamento dos imitadores mette as obras num dilemma: ou óptima ou péssima, O. A. realisou a primeira ponta — fel-a óptima. Não imitou ninguém, abriu o seu caminho e conseguiu ser absolutamente novo ao batear a velha ganga da já revelha literatura regional, ou assim chamada graças á curteza do vocabulario critico. Seus typos são vivos, porque suam verdade no desenho e na côr; suàs paizagens, incisivas, não lembram paizagens de ninguém, mas resaltam as que a nossa natureza creou; sua lingua é vivacissima e pinturesca, como a de nenhum outro e genuinamente brasileira, rica de um sabor inconfundível. "Macegas" é, etn summa, um grande livro, e se Odilon Azevedo já não anda virado e revirado na mesa da analyse critica, como um caso, é que a critica entre nós não existe ou quando finge existir não passa de politica literaria — com a nobre excepção do fulgurantíssimo Aggripino Grieco.

Mello e Cunha — ALGUMAS REGRAS DE CALCULO MENTAL — Monteiro Lobato & Cia. — 1924.

O Sr. professor Mello e Cunha condensou nas cincoenta paginas deste volume uma serie de regras, que sem duvida prestam grande auxilio aos que, tendo que jogar diariamente com números, não podem contar com o auxili das modernas machinas calculadoras. Retendo-as de memoria, o que não é difficil dada a clareza com que são expressas, qualquer um de nós será capaz de resolver mentalmente os pequenos problemas arithmeticos que a toda hora se nos apresentam.

Adoptado para as escolas primarias, e posto em mão de professores hábeis, muito concorrerá para o desenvolvimento da mente infantil, dando-lhe o habito dos raciocínios rápidos, o quer dizer que dois proventos vêm a caber num só sacco. E' preciso, porém, que o treino seja diário e obedeça á gradação racional que lhe imprimiu o autor. Aliás, sendo uma gymnastica cerebral, entra pelos olhos que, como em toda gymnastica, deve haver methodo e perseverança. Do contrario, inúteis e prejudiciaes os esforços.



*Ernâni Faria Alves e Leonídio Ribeiro — AMPUTAÇÃO EM
SECÇÃO PLANA — Monteiro Lobato & Cia.*

Os distinctos médicos Drs. Ernâni Faria Alves, livre docente de clinica cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio, e Leonídio Ribeiro, laureado pela mesma escola e pela Academia Nacional de Medicina, acabam de publicar excellentes trabalhos em que reuniram as suas observações sobre problemas cirúrgicos a que a ultima guerra trouxe solução cabal: os da amputação immediata.

Muito bem escripto, revelaria, se não fossem conhecidas já, duas intelligencias de escol. Porque o expressar-se bem é demonstração de que se pensa e se reflecte com methodo. Idéas atabalhoadamente enunciadas nunca são idéas que subsistam.

Quanto ao valor scientifico da obra, foge-nos competencia para dizer, razão pela qual nos limitamos a trasladar para aqui estas palavras do professor Brandão Filho:

"Todos os pontos aflorados estão bem discutidos e elucidados, não deixando a menor duvida do espirito dos que procurarem na sua leitura o conhecimento perfeito do assumpto."

E, fechando a sua apresentação, acrescenta que a leitura da obra "impõe-se a todos, sobretudo áquelles que, no desempenho de sua profissão, são frequentemente levados a prestar socorros a indivíduos victimas de accidentes traumaticos."

Ha a adduzir que o trabalho typographico é admiravel, principalmente a capa, muito simples, e de bello effeito.

*JARDIM SECRETO — Francisca de V. Basto Cordeiro —
Monteiro Lobato & C. — 1924.*

E' sempre com agrado que vemos nomes femininos a encimar capas de livros. Quando nada, estão a provar-nos que o nivel intellectual da mulher brasileira vai ascendendo, em evolução lenta, por certo, mas natural, sem saltos súbitos nem descahidas lamentáveis.

Aliás, essa convicção parece arraigada. Porque, em se tratando de livro de senhoras, tudo se conjuga para lhe dar apresentação condigna. O proprio operário graphico parece que se deixa levar pela galanteria e põe o melhor de sua arte no confeccional-o. E' o caso desta brochura da Sra. Basto Cordeiro, da qual as officinas da casa editora fizeram um mimo, que por si só recommendaria a industria typographica paulista.

E não andaram mal. Merece-o a obra.

Revelador de "toda a subtileza de um espirito feminino, este livro de instantâneos é um álbum de perspectivas d'almas: de pensamentos, que são imagens; de reflexos, que são observações.

"Ha muito do proprio coração e do espirito da autora, e nesses se revelam a distincção e a ironia fina de quem foi intima da Felicidade e reconheceu de perto os áulicos dessa Rainha da Hypocrisia que, quando se retira, leva consigo o seu cortejo de lisonjeiros.

"A autora passou pela vida, não como indifferente, mas colhendo o que poude no jardim da illusão: flores que, nem por terem espinhos algumas, deixam de ser formosas."

Isto posto, só nos resta esperar que a autora persevere até que se alce á plana a que lhe dá direito sua intelligencia tão optimamente evidenciada nesta série de considerações.



Estas cento e poucas paginas contém uma historia de amor, narrada de maneira muito pessoal. Ha, por certo, muito que extirpar e emendar, mas o innegavel é que ha personalidade, ha graça, ha interesse, circumstancias que fazem com que a leitura não dependa de esforço. Lamentável, apenas, que a autora se tenha deixado influenciar pela literatura em moda, de feitio a que expressões menos distinctas e scenas um tanto cruas lhe embacem a crystallinidade, tanto mais sensível em se tratando de trabalho de mulher.

A. Almeida Júnior — CARTILHA DE HYGIENE — Monteiro Lobato & Cia. — 1924.

Está em segunda edição este utilissimo livrinho, que realisa na verdade a velha chapa, pois contem no menor frasco a melhor essencia... E' uma constatação que se faz com jubilo, tanto maior quanto se verifica que ainda esta foi mandada tirar e está sendo distribuída pelo governo do Estado de S. Paulo, o que vem demonstrar que autoridades e particulares não deixam perecer a campanha higienizadora a que Oswaldo Cruz deu tão brilhante inicio na Capital Federal. Não foi felizmente fogo de palha o que lavrou então pelas camadas cultas do paiz.

A "Cartilha de Hygiene" não é por certo nenhum miraculoso talisman salvador cuja só distribuição resulte em proveitos phenomenaes. Não. E' preciso trabalhar com ella e, neste capitulo, a missão cabe ao professor. Fazendo comprehendidas de crianças as lições, o autor fez obra notável. Fazendo-as praticar por creanças, o professor completal-a-á. Aliás, em ultima analyse, é deste que depende o futuro da faça, pois a mente infantil facilmente se deixa afeiçoar á maneira dos modeladores que lhe puzerem dedos.

Joaquim Pereira de Camargo — LIÇÕES DE TACHYGRAPHIA — Monteiro Lobato & Cia. — 1924.

Poderoso elemento de auxilio a reporters, secretários de camaras ou correspondentes de casas commerciaes, a tachygraphia vai aos poucos ganhando em nosso paiz aceitação dos que se destinam áquellas profissões, constituindo parte obrigatoria dos programmas dessas escolas de commercio que cogumelam espantosamente por ahí. Fazia-se sentir, porém, a falta de compêndios adequados e que coordenassem em poucas lições o indispensável para a aprendizagem completa da curiosa graphia hyeroglyphica. Os que por ahí correm não preenchem essas exigencias, mal grado sejam quasi todos aproveitáveis e dignos de acolhida.

Verificando esse facto e tendo já publicado sua contribuição, o professor Joaquim Pereira de Camargo metteu hombros ao trabalho de reforma de sua obra, refundindo-a completamente e nol-a apresentando com uma serie de trinta e poucas lições e uma alluvião de exercicios, nos quaes se ha de amestrar o lápis incipiente.

No genero, não conhecemos trabalho tão completo, o que, aliás, não admira dada a capacidade e a dedicação do seu autor, que durante muitos annos leccionou essa disciplina na Escola Normal da Capital.

Quanto ao trabalho material, nada deixa a desejar.



Depois da Grammatica Expositiva, de que nos deu os dois melhores compêndios de quantos existem, Eduardo Carlos Pereira intentou elaborar uma "Grammatica Histórica", empresa de que se sahiu com a galhardia que era de esperar-se de quem se lastrava de tão profundo conhecimento da lingua. A acolhida que lhe fizeram os doutos e os iniciandos foi a melhor possível; uns, porque viam na nova publicação consubstanciarem-se os conhecimentos que tinham a respeito, accrescidos de novos, e todos acompanhados de farta documentação; outros, porque encontravam, afinal, o livro de que careciam para o complemento do seu estudo do vernáculo.

Surgida ha poucos annos, encontra-se já na quarta edição, o que representa muito para um compendio superior e de tomo volumoso.

Estabelecido, pois, o mérito da obra e a sua apresentação como trabalho graphico, vamos abrir espaço para o registro de uma opinião abalçada como a do professor Mario Barreto. Em carta sua ao autor, lê-se o seguinte:

"O meu collega mostra-se inteirado de todos os progressos da Philologia romanica, e isto não de um modo atropelado e superficial, senão com pleno e maduro conhecimento, e com a habilidade necessaria para adaptar os resultados desta investigação ao ensino dos estudantes dos nossos lyceus. Que me conste, uma só grammatica histórica da lingua portugueza tínhamos até agora, — a do Dr. Ribeiro de Vasconcellos, professor da Universidade de Coimbra, obra officialmente approvada em Portugal, e recommendada por eminentes glotologos, nacionaes e estrangeiros. Uma vantagem vê-se logo que leva a grammatica histórica de Eduardo Carlos Pereira sobre a do illustre cathedratico de Coimbra, e é que este não tratou da Syntaxe, — lacuna, realmente sensível, tendo-se limitado á Phonologia e á Morphologia. Da syntaxe tratou o meu distincto collega de S. Paulo com methodo e grande cópia de doutrina.

A grammatica histórica que o senhor acaba de dar á luz, se fôr introduzida em nossas escolas, creio que produzirá excellentes frutos, e será para o ensino do portuguez o que são para o francez as obras de ũar-mesteter, de Clédar, de Brunot, ou para o castelhano a de Menéndez Pidal."

CRIMINOLOGIA — *Ingenicros* — Trad. Haeckel de Lemos —
Editores, Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo.

Ingenicros é hoje uma das mais altas expressões da cultura universal, maximê em matéria de Direito. No capitulo criminologia, não lia na Air.érica quem se lhe vantagem. Fundador da escola psycho-pathologica, alçou-se a plana singular, em cujo derredor se agitam satellites, que só lhe fazem crescer o brilho das idéas de que se fez pregoeiro e que, assim, ganham o consenso unanime dos mais autorisados centros culturaes do novo e do velho continente.

Em nosso paiz, sua influencia não se tem feito sentir como de mister. Mal grado a grita pela reforma do Codigo Penal de que vem sendo portadores esclarecidos articulistas, não ha apontar, afóra a Penitenciaria de S. Paulo, que realiza parcella do programma preconisado, iniciativas tendentes a minorar a serie de males que provem da nossa falha legislação. No parlamento, ainda não encontrou éco a lição da moderna sciencia do crime. A atenção desviada para nugas de politica, não podem deveras os paes da patria preoccupar-se de tão agigantados problemas, cuja solução



aliás envolve uma serie de cogitações e estudos especializados, infelizmente ainda não feitos entre nós.

Vem, pois, muito a tempo a traducção que o sr. Haeckel de Lemos empreheu da "Criminologia". Facilitada assim a leitura, que tão fácil já o seria no original, não fosse o descaso com que olhamos para o trabalho dt nossos irmãos sul-americanos, é de esperar fructifique, arrastando os estudiosos do direito e os nossos homens públicos para a moderna corrente de pensamento que impera nos dominios da sciencia do delicto.

Para tratar detidamente deste volume, far-se-ia necessário demorado estudo, sem logar aqui. Sendo de mero registro esta nota, registraremos apenas o seu apparecimento, chamando a attenção cio leitor para as theses que o autor aborda, cada uma das quaes é um mundo de suggestões a desafiar a agúcia dos estudiosos.

*COMO SE APRENDE A LÍNGUA — A. de Sampaio Doria —
Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1924.*

No ensino da lingua, a tres grãos se ha de obedecer: 1.º) o ensino da leitura e da escripta; 2.º) a assimilação da lingua; 3.º) o uso da lingua — cada um dos quaes se subdivide em varias phases. A aprendizagem do ler e escrever, por exemplo, comprehende o trabalho preliminar da associação da visão das palavras ao sentido que exprimem, a que se segue a leitura expressiva, culminando na declamação, de que hoje tão apaixonadamente se cuida nas altas espheras sociaes.

A assimilação do idioma se desdobra na aquisição do vocabulario, no conhecimento dos factos da lingua e na assimilação de estylos — o que tudo redundna na facultade de usar a lingua, posta a prova no falar e no escrever, no dom de improvisar em linguagem perfeita e no lançar desembaraçadamente ao papel as ideias que nos aprezem.

Quanto ao primeiro grão, tudo vae pelo melhor. De dia para dia cresce o numero dos adeptos do methodo analytic, com razão reputado o mais compatível com a mente infantil. Respeito ao segundo é que grande parte dc professorado inda labora em erro, processando-o á velha maneira, sem attender para a ordem em que devem ser ministrados os conhecimentos. Esquece-se que, no desenvolver deste passo, ha que considerar o cabedal de conhecimentos que a creança possui e a sua capacidade cerebral, o que dá em resultado atafuharem-no de definições que o pobre estudante está longe de comprehender. Colloca-se-lhe nas mãos uma grammatica e espera-se que só com isso o ignorante se faça sabedor...

Entendamo-nos, porém. Ninguém está a despejar as grammaticas para a valia commum do esquecimento. Não. As grammaticas têm papel a desempenhar. Mas, sendo exposição lógica e scientifica dos factos da lingua, estão completamente fóra do alcance da comprehensão juvenil. Sobrevindo a exigencia do mestre, eis papaguear tão ridículo quão lamentavel. Ha que ensinar o que nellas se contem, mas lançando mão de outros recursos, isto é, da exposição pedagógica, durante a qual o alumno entre em contacto directo com os factos ensinados, "observando certos usos, partes essenciaes do discurso, relações lógicas das phrases e palavras na estrutura geral das sentenças. Do que observarem, resaltar-lhes-ão espontaneamente regras grammaticaes."

Taes ideias, de ha muito victoriosas em nossos centros de cultura, não tinham, porém, encontrado quem as corporificasse em livro para professor e discipulo. Andavam no ar, até que o eminente pedagogista Dr. A. Sampaio Doria, após prégal-as de sua cathedra na Escola Normal de S. Paulo, resolveu compendial-as numa série de lições. Tituladas com



acerto — *Como se aprende a língua* — constituíram a vanguarda dessa reforma de processos, que já ganha proporções. E' que, adoptadas nas escolas paulistas, sua acção se tem notabilizado pelos mais auspiciosos resultados, principalmente no que se consubstancia no completo banimento da decoração. O que outrora se não aprendia ou se aprendia com ganas de estraçalhar o compendio massador, aprende-se agora prazerosamente.

E' bem de ver que a doutrina não soffre innovação. Innovou-se apenas a tradicional maneira de expor, sem se perder de vista o velho ensinamento de que os factos devem ser estudados frente a frente, o observador em face das realidades. Para tal, a exemplificação porfiada, a repetição frequente das explicações "sempre verdadeiras, claras sempre, embora incompletas. O ensino não pôde ter rigores de lógica abstracta. Os alumnos só ficam sabendo realmente, aos poucos, indo e vindo, com successivas repetições, realidades variadas, nas quaes terminam por notar o que nellas houver de commum."

Collirando maior efficiencia no ensino, o autor lança mão dos diagrammas. Mas, os diagrammas, longe de serem um *methodo*, como os chrismaram observadores superficiaes, não passam de processo visual para facilidade da comprehensão do pensamento na estrutura da phrase. Curioso seria que a simples eschernatização passasse a ter taes fóros...

Também não se arroga este compendio qualidades milagreas. Não. O *Como se aprende a língua* não é, pelo proprio autor, considerado a só medicina no caso. Longe disso. E' roteiro seguro, mas carente de desenvolvimentos que o professor lhe ha de dar. Veja-se o que diz o autor:

"Pelos exercicios diários de analyse, nos moldes aqui apontados, os alumnos poderão, se guiados por mão de mestre, assimilar os bons escriptores e, como consequência, falar e escrever bem o idioma.

Restará, á medida que o forem assimilando, fazerem os alumnos exercicios, escriptos e oraes, de reproducção do que lerem, de descripção do que observarem, de composição do que imaginarem. O mecanismo verbal destes trabalhos adquirirão nos exercicios systematicos de analyse e na leitura diurna dos bons escriptores."

Releva frisar a importancia da analyse, que "procede, acompanha e domina" a todos os exercicios. Mas analyses em que "a razão lógica prevaleça sobre a preocupação da phraseologia technica", e que dêem ensejo a que os alumnos logrem estes benefícios:

1.º) aquisição de vocabulario, com sentido exacto, no contexto das phrases;

2.º) conhecimento de usos autorizados, ainda que não se lhes enunciem as regras grammaticaes;

3.º) e, sobretudo, maior capacidade de entender a linguagem."

Eis tudo: aprender a grammatica pela lingua, não a lingua pela grammatica — palavra de ordem que mais imperiosa se faz ouvir aqui do que alhures. De facto, paiz de immigração que somos, impõe-se-nos bem falar e escrever a lingua vernacula para que ella se mantenha integra e poderoso factor da unidade nacional. E sobremaneira importa promover a sua assimilação na escola, maxime na escola primaria. Ahi é que se ha de operar o completo assenhoreamento dos que serão os cidadãos de amanhã.

O *Como se aprende a lingua*, já approvedo para as escolas publicas de S. Paulo, consta de tres volumes: o elementar, o médio e o complementar, abrangendo os dois últimos a matéria do que o antecede, é claro que exposta de conformidade com o adeantamento em que já se encontrarem os discipulos. Tem assim applicação em todo o curso do ensino da lingua.



PROSAS ESPARSAS — Heitor Moniz — Imprensa Official —
Bahia — 1924.

Esta brochura que nos vem da Bahia, sobre deselegante, traz sob o titulo designação capaz de desanimar o leitor: *Crônicas de jornal*. . . Deletreiamos-lhe, porém, as paginas e não diremos de todo perdido o tempo que nisso puzemos. Interessam, como as do ensaio sobre Gregorio de Mattos, que o autor se esforça em proclamar "bom, honrado e patriota", ao envez de capadocio desbocado como em geral é tido.

Ha ainda a destacar capitulos sobre Julio Cesar da Silva e o professor Carneiro Ribeiro.

Raul de Azevedo — SENHORAS E SENHORINHAS. —
S. Paulo- 1924.

Elegantemente encadernado em couro artificial, acaba o sr. Raul de Azevedo de publicar este volumezinho — "Senhoras e Senhorinhas". Trata-se, como o proprio nome está a indicar, de vários trabalhos em torno do eterno feminino, ora contos de enredo fútil, ora considerações de louvor a mulheres bellas e illustres. Como trabalho graphico, um mimo.

A CIDADE DO VICIO E DA GRAÇA — Ribeiro Couto —
Costallat & Miccolis — Rio, 1924.

E' espantoso como o horrivel progresso positivista transforma nossas pacatas cidades brasileiras em metropoles banaes. Um dia ha de vir em que o estrangeiro, á cata de côr local, procurará em vão uma cidade brasileira. Essa transformação é tão rapida que o livro de Ribeiro Couto, escripto em 1922, já nos descreve um Rio de Janeiro que não existe mais. A cada pagina o leitor lembra-se do passado, do Rio de antes da Exposição do Centenario, da Exposição de D. Pedro I e do Sr. Epitácio Pessoa. Mas, se o Rio muda todos os dias, se cada anno elle perde um pouco de sua feição de cidade brasileira, o carioca continua sempre o mesmo. Rasgam-se avenidas, derrubam-se morros, transforma-se a cidade mas o carioca continua com os mesmos hábitos, O carioca é romântico. Numa cidade modernissima, de vida intensa, o bom habitante de S. Sebastião do Rio de Janeiro continua a viver com a mesma calma, o mesmo despreendimento. A' noite elle sahe de casa sem chapéu dar sua "voltinha na praia", a namorar como se namorava nos tempos de Macedo. Aos domingos é o carioca dos arrabaldes que se despeja pela cidade. O carioca continua apesar de tudo a admirar a lua (ha tanta lua no Rio), a admirar os tenentes (ha tantos tenentes no Rio...). E' o prestigio romântico da farda, recordações sub-conscientes dos tempos, heroicos em que os soldados iam á guerra.

Ribeiro Couto, com aquelle seu charme encantador, descreve-nos desta vez o Rio de Janeiro, a cidade mulher, a cidade do vicio e da graça. E' á noite, quando desaparecem os typos internacionaes dos homens que trabalham, que uma cidade vive sua vida verdadeira. D'ahi essa impressão tão forte do Rio, do Rio verdadeiro, lendo a "Cidade do Vicio e da Graça". Um livro diurno sobre uma grande cidade não conseguiria dar uma impressão forte de verdade. As grandes capitaes são como as corujas: vivem á noite. A vida diurna é a mesma em New York, Londres ou Bombaim.



Este ultimo livro de Ribeiro Couto deve datar da epocha em que elle usava pince-nez. Hoje que elle usa possantes oculos de tartaruga não pode mais escrever um livro como este. Esses pormenores são os imponderáveis que tanto influem na vida sensível de um poeta. As observações finas, sentimentaes, com essa ponta de ironia que caracterisa tudo quanto escreve Ribeiro Couto, só podem ter sido registradas atravez de um pince-nez espirituoso. Um homem escondido atraz de vastos oculos de tartaruga não pode ver a vida que passa da mesma maneira que um cavalleiro que a observa a olho nú.

Raramente tivemos um prazer tão grande como agora, lendo esse livro encantador: "A Cidade do Vicio e da Graça". Livro de poeta, cheio de observações tão justas, tão verdadeiras, que nunca ninguém as fez por não saber observar como Ribeiro Couto. Como toda a gente o A. sentiu fortemente esse encanto extranho do Rio, que nos prende sem sabermos porque. E' um duplo prazer sentir os encantos do Rio atravez do temperamento raro de Ribeiro Couto.

*HISTORIAS QUE O TEMPO LEVA — Luis Camara Cascudo
— Officinas Monteiro Lobato — S. Paulo.*

O sr. Luis Camara Cascudo é um estudioso da historia de sua provincia: o Rio Grande do Norte. Vasculhando archivos e fazendo reviver, pela bocca de anciãos remanescentes, episodios da vida politica daquelle pedaço do Nordeste, não se deixa, porém, obsedar pelo documento. Tem-no em boa conta, mas não esquece o leitor. Assim, ao envez de encher paginas e paginas de massudos traslados tabellioaes, conta-nos os casos que intenta fazer conhecidos por meio de reconstituições que têm tanto de exactas quanto de interessantes. Lê-las não custa esforço.

Quanto ao mérito do historiador, diz-nos Rocha Pombo, em prefacio, o que de melhor se pôde dizer.

*ACTIVIDADES DE LA LIGA DE LAS NACIONES —
Cosme de La Torriente — Edição de Rambla. Bonza y C."*

O sr. Cosme de la Torriente emprehende, neste alentado volume, uma obra assaz meritória, qual a de divulgação de noticias sobre a pouca conhecida acção da Liga das Nações. Não o faz, porém, apenas com documentação valiosa, o que seria massador, mas acompanhando-a de explanações que se leem com proveito. E' que — dil-o o illustre prefaciador — "foi escripta com clareza, com estylo elegante, com ordem e methodo, com abundancia de dados, por um homem preparado por suas condições pessoais e por sua historia diplomatica, militar, jurídica e politica para tomar parte nessas empresas e dar conta delias, pelo que havia de resultar um trabalho de exposição, de juizo e de propaganda sob todos os titulos notável".

*RECEPTION DES SIGNAUX HORAIRES, Renseignements
météorologiques, sismologiques, etc., transmis par les Postes
de T. S. F. de la Tour Eiffel, Lyon, Bordeaux — Bureau
des Longitudes — Paris — Editores, Gauthier-Villars et Cie.*

A technica das ondas hertzianas fez inumeros progressos durante a guerra, o que vem sendo relatado em centenas de obras que atafulham as



nossas livrarias. Este volume que o *Bureau des Longitudes* acaba de publicar não pretende expôr, mesmo summariamente, todos os processos actualmente empregados para emissão e recepção dos signaes hertzianos. Ao contrario, ministra excellentes informações sobre os inethodos e apparatus de recepção que interessam directamente aos sábios, marinheiros, aviadores e meteorologistas, sobre o emprego dos signaes na distribuição da hora, determinação das diferenças de longitude, diffusão de informes meteorologicos ou sismologicos, etc.

O MEU IDIOMA — Othoniel Motta — Monteiro Lobato & Cia.

Livro que alcance quarta edição lia de ser por força optimo livro. Alcançou-a "O meu idioma", do Sr. Othoniel Motta e não com favor, pois é na verdade valioso instrumento de aprendizagem do vernáculo. O maior mérito que lhe reconhecemos é o de forrar-se ao cansativo methodo de nossos grammaticos teimosos. E' uma dissertação que se lê sem que engulhos nos venham azedar o bom humor.

Para ensinar a evolução do latim para a lingua de nossos dias, indispensável a documentação palpavel. Compreendeu-o o autor, apresentandonos, após a explanação theorica, uma selecta em que o estudante pôde por si mesmo e objectivamente verificar os tramites por que passou a lingua de Camões. Ademais, nos casos dubitativos ou controvertidos, poderá soccorrer-se dos commentos que lhe adduziu o autor, cujo saber melhor se patenteia ahi.

Em matéria de historia da lingua, não conhecemos trabalho mais explicito e intelligente. Pôde, sem esforço, ser lido por quem não tenha obrigação da lição a estudar... Aliás, o facto de chegar em tão pouco tempo a quatro tiragens é significativo.

*CODIGO COMMERCIAL BRASILEIRO — Edição da Cia.
Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo.*

A primeira edição do Codigo Commercial Brasileiro, organizada pela direcção da "Revista de Commercio Industria" de S. Paulo, exgottou-se em pouco tempo, sendo reclamada com insistência uma nova tiragem. Esta vem de ser posta á venda, em volumes elegantes e solidos.

Nada se lhe pode arguir. Apresenta-se sem lacunas e em dia com a legislação, destacando-se o accrescimento dos últimos decretos sobre o imposto de vendas mercantis.

CRONICON — Benito Peres Galdós — Editora: Renacimiento — Madrid.

O sr. Alberto Ghirardo vem emprehendendo a publicação dos inéditos de Benito Pérez Galdós. Já nos deu cinco volumes, o primeiro dos Quaes occupado por excellent estudo de sua lavra sobre o grande escritor espanhol. Os demais constam: um, de trabalhos de arte e critica; dois, i'e commentarios políticos; e um de theatro, juntando-se-lhes agora este, de chronicas.

Louvores merece o illustre argentino que tão devotadamente se entrega á tarefa de salvar do olvido essas admiraveis paginas de Galdóz,



o que não representa apenas o saldar de uma dívida para com sua memória, como principalmente um real serviço ás letras espanholas.

Creemos nada ter a acrescentar sobre a personalidade do autor. Diremos apenas que estas chronicas, tnal grado se tenham tecido em torno de evento, de 1883 a 1886, interessam deveras ao leitor.

ARTE DE AMAR, Julio Cesar da Silva — Edição de Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo.

Está publicada a segunda edição da "Arte de Amar" de Julio Cesar da Silva. Vem accrescida de varias composições que concorrem sobremaneira para a unidade do poema inicial, que, no consenso unanime da critica, é uma das mais ricas gemmas de nossa literatura.

Confirma-o a reedição, rarissima em se tratando de versos, neste paiz de poetas e poetastros.

FIGURAS E SENSACÕES, Pericles Moraes — Editores: Lello & Irmão — Lisboa.

Dentro destes estudos ha ideias, ha juizos criticos aproveitáveis. Perdem-si, no emtanto, em meio dos excessivos cuidados para que a frase cante, o que aliás não é singular. Em nossa literatura, é de muitos esse mal.

O sr Pericles Moraes, que seria capaz de nos dar bons ensaios de critica, compraz-se apenas em esflorar de leve os assumptos, borboleteando com a preocupação de "fazer literatura". Comtudo, é de ler-se o volume, em que ha paginas interessantes como as sobre a tristeza de Maupassant.

COLHEITAS DE OURO, Jorge Salis Goulart — Editora: Livraria Universal — Pelotas.

O sr Jorge Salis Goulart faz, ao prefaciari este volume, verdadeira profissão de fé nacionalista. Acha que os nossos poetas "vivem a idealizar mundos imaginativos", esquecidos de que a "realidade envolvente é mais encantadora do que todos os castellos" e os concita a voltarem suas vistas para o meio e a gente. A proposito, diz:

"Ainda está por nascer o extraordinário Homero brasileiro, que, cantando os lances mais arrojados da raça, desperte no animo da nacionalidade a seentelha miraculosa que tenha a virtude de levantar todas as populações como um só homem, no formidável afan de organizar a Patria em bases solidas'.

Não se arroga, porém, esse papel. Mais modesto, limita-se a cantar as bellezas da vida rural, tão ricas de inspiração nas pampas rio-grandenses. Seus versos, correntios e calmos, fazem-nos bem aos citadinos, que temos ganas de nos atirar para o campo, a viver o seu adoravel bucolismo.

DONA GLORINHA — Tranqulinô Leitão — S. Paulo — 1924.

Dona Glorinha são contos que a gente lê com agrado. De episodios mínimos da vida quotidiana, sabe o autor tirar partido, urdindo em torno delles enredos interessantes. Escriptos com fluência, não dão trabalho á cachimonia: vae-sc-lhes ao fim sem esforço.



O que é de louvar-se é o facto de serem todos elles limpos de scenas ou frases de duvidosa moralidade. O autor timbra em eÜininal-as a umas e outras, de sorte a que o livro não faça corar á leitorazinha desprevenida, qualidade não somenos, quando a tendência predominante é para o amoral.

Aliás, não é só aqui que patenteiam essas virtudes. O sr. Tranquillino Leitão é autor de uma série de romances invejáveis, não só pela acção intensa, como principalmente pelo feitiço educativo e moral, o que lhe tem valido applausos de austeros paes de familia.

*GUIA ILLUSTRADO DO VIAJANTE — Jacintho Silva —
S. Paulo — 1924.*

O sr. Jacintho Silva acaba de publicar um trabalho sob todos os titulos meritorio: o "Guia Illustrado do Viajante" para a cidade de S. Paulo. Organizado a capricho, não só na parte material como na collecta de dados exactos, está que nada se lhe pode pedir a mais: vae preencher cabalmente os fins a que se destina, isto é, vae ser perfeito Bacdeker nas mãos dos forasteiros que nos visitem.

S. Paulo não é mais a velha cidade provinciana. Ruiram as atarracadas e massiças casas de larga beirada e em seu lugar se erguem hoje altos prédios que, se não attingem á altura dos furacéus *yankees*, não deixam muito remota a esperança de que em breve tempo venhamos a possuil-os que taes. O movimento de suas ruas é admiravel excepção entre as grandes cidades (não dizemos capitães) do paiz. Menor apenas que o do Rio, é, no emtanto, muito outro: sua primacial característica, muitas vezes assignalada por escribas de vario tomo, a actividade productiva, o *struggle-for-life*, em opposição á de Sebastianopolis, actividade mais de macaco... Cidade do trabalho uma, "cidade do vicio e da graça" outra.

Tudo isso, porém, não vem ao caso. Queremos apenas frisar que S. Paulo já tem muito que mostrar ao visitante. Fóra dos programmas officiaes — soldadesca, cobras de Butantan, sortes pelos presos da Penitenciaria, cantoriã na Praça da Republica — o "Guia" aponta uma infinidade de coizas, que, sem falar das fabricas, dão para semanas de passeio. E' tel-o no bolso e sair pela manhã para voltar á tarde, sem perda de um minuto, pois que a informação vem a tempo e hora.

Mesmo aos que aqui moramos presta serviços. Nós não conhecemos S. Paulo. Vivemos a queixar-nos de sua falta de attracções, mas o facto é que as possui. De natural pouco expansivos e retrahidos, mettemo-nos na casca e pomo-nos a dizer mal da cidade sem horizontes...

O Guia Jacintho como que nos descobre um S. Paulo novo e — o que é mais — facilmente accessivel. Deve ter custado esforços insanos, mas o facto de vir prestar tão relevantes serviços dve ter pago de sobra ao intelligente organizador. Resta agora que não páre ahi a serie promettida.

*EL ALMA DESNUDA — Aleira Bonazzola — Ed. Agencia
General de Libreria y Publicaciones — Buenos Aires.*

A sra. Aleira Bonazzola manda-nos de Buenos Aires este seu "El alma desnuda". Versos, mas não estréa. Esta é de ha tres annos, com o "Horas de sosiego", titulos que accusam notáveis progressos. Que agora ec apresenta a poetiza capaz de grandes surtos — diz-nos a leitura. Não escondendo os seus mais reconditos anseios, põe-nos deveras sua alma á



mostra em todas as páginas do livro, phase que ha de naturalmente passar para dar logar a orientação mais alta, que lhe virá com o tempo.

O que não ha negar é que se lhe reserva logar saliente nas letras sul-americanas.

A NOVA LEGISLAÇÃO DA INFANCIA — Levi Carneiro
— Ed. Empresa Bibliographica Moderna — Rio — 1924.

A importancia do problema da assistência á infancia avultou com a guerra. A necessidade de homens para alimentar as fauces do Moloch insaciável só então abriu olhos a governos e particulares. Compreenderam afinal que creanças abandonadas serão maus homens e se deram de todo a trabalhar o soldado de amanhã.

Passou a tormenta, mas a lição ficou. E já hoje, governo algum faz má cara á obra de assistência. Mesmo nos paizes novos, como o nosso, vae-se arraigando o ensinamento.

Procura-se assistir material e moralmente o infante desamparado. Dá-se-lhe de comer e de vestir; dá-se-lhe instrucção e educação; e se votam medidas tendentes a assegurar-lhe a saúde e o bem estar, veoando-lhe o trabalho até certo ponto e prohibindo-lhe a presença a espectáculos de pouca moralidade, capitulo este, porém, que precisa ser alargado com a mais severa fiscalisação das exhibições cinematographicas.

Tudo isso se encontra muito bem compendiado nesta obra. Afuroando a moderna legislação dos mais adeantados paizes, o sr. Levi Carneiro traz-nos animadoras noticias e ao mesmo tempo as põe em confronto com o que temos feito. A desproporção é flagrante, mas, attendendo-se á nossa qualidade de rascidiços, que só de ha algumas décadas se refazem de convulsões inevitaveis, resulta-nos saldo animador.

E' tempo, no entanto, de dizer do trabalho particularmente. Lemol-o com agrado. O autor tem a expressão fácil e se mostra profundo conhecedor da matéria. As mais recentes leis estrangeiras são de seu completo conhecimento, bem assim os estudos dos mais autorisados escriptores da especialidade. E' de lamentar-se que, plenamente habilitado para tal, não tenha feito obra de maior tomo.

LENGUAS DE DIAMANTE — Juana de Ibarbourou — Edi-
tor, Maximino Garcia — Montevideo — 1924.

Nem só trabalhos de agulha vão bem ás mulheres. Fôra dahi muito ha que mondarem. No campo das letras, por exemplo, donde não poucas vezes têm-nos sahido melhores que os representantes do outro sexo. Em nosso paiz podem-se apontar casos em varia época. Ainda agora, si possivel formal manifestação de preferencias, si viável um escrutinio em matéria de si tão movediça e fluctuante, o "principado" da poesia iria ter a femininas mãos.

Não só, porém, entre nós. Nos outros paizes do continente, correm as coisas pelo mesmo teôr. A sra. Juana de Ibarbourou é um dos mais altos poetas do Uruguay contemporâneo. Seus livros denunciam um temperamento de eleição como raros se encontram entre os escriptores do outro lado. Quando se fala da literatura d paiz amigo, seu nome é dos primeiros que occorrem.

Este volume não veio assim revelar-nos a grande poetiza. Conhecia-mol-a já. Elie veio, sim, alicerçar os nossos juizos, aliás accordes com



os da crítica sul-americana e com os do proprio publico, pois é facto que se apresenta em segunda edição.

Tecidos com desenvoltura, sem excessivos cuidados de ourives, que as mais das vezes annullam o alcance da emoção, é um regalo ler-lhes os versos. Lemol-os, com inusitado interesse. E' que, através da forma se aninha o pensamento, pensamento nobre, alevantado, caminhando para a perfeição integral. Ha, por certo, versos propriamente de amor, em que se revela a autora despejada de preconceitos. Mas, raros. Quasi sempre o seu amor se nos mostra espiritual, ganhando-lhe a lyra magníficos accentos, como nesta poesia, que singularmente nos agradou:

"Amante: no me lleves, si muero, al camposanto.
A flor de tierra abre mi fosa, junto al riente
Alboroto divino de alguna pajarera,
O junto a la encantada charla de alguna fuente.

A flor de tierra, amante. Casi sobre la tierra
Donde el sol me caliente los huesos, y mis ojos
Alargados en tallos, suban a ver de nuevo
La lámpara salvaje de los ocasos rojos.

A flor de tierra, amante. Que el tránsito asi sea
Más breve. Yo presiento
La lucha de mi carne por volver hacia arriba,
Por sentir en sus átomos la frescura dei viento.

Yo sé que acaso nunca allá abajo mis manos
Podrán estarse quietas.
Que siempre como topos arañaran la tierra
En médio de las sombras estrujadas y prietas.

Arrójame semillas. Yo quiero que se enraicen
En la greda amarilla de mis huesos menguados.
!Por la parda escalera de las raíces vivas
Yo subiré a mirarte ai los lirios morados !"

Si as anthologias não andassem tão desprestigiadas, e reunissem de-
veras pérolas, não meros pingos d'agua, seria lá o lugar deste poema.
Nada lhe falta a que culmine em pura emoção.

Não é, porém, único. Que tal ha muitos, a totalidade quasi. E mais
uma vez se constata o desacerto do critico bilioso. Nem só trabalhos de
agulha cabem a dedos femininos. Também a poética. O que é mister é
que haja talento.

A FILHA DE DONA SINHA' — Mario Sette — Recife, 1924.

O que caracteriza a obra do sr. Mario Sette, o que a torna incon-
fundível entre quanto escrevem os modernos escriptores brasileiros é —
concordam todos — a suavidade com que elle sabe amar a sua terra e os
homens e as cousas que á face de sua terra urdem na vida uma trama da
felicidade simples ou de soffrimento resignado que o commove; chamam a
isto o seu lyrismo ingênuo.



Não sei como deva chama-lo nem esta ignorancia me entristece. Não creio em classificações litterarias; ao fazer-se uma synthese de historia litteraria ou um estudo a largos traços, é provável que tenham ellas alguma efficiencia, mas, em se tratando de um escriptor isolado, suas características, seus modos de ser e de crear necessariamente resaltam e ei-lo que foge ao molde do agrupamento. Ademais, penso estarmos numa phase de transição: exgottou-se o realismo e não appareceu ainda a escola que o viesse substituir.

Acredito pouco na viabilidade do futurismo que mais me parece ter sido a prparação para um individualismo completo, fecundo e generoso. Si este, ao completar-se, quizer fingir de escola, imitará de alguma sorte o scepticismo que crendo absolutamente em si mesmo se quer impor a todos os temperamentos...

No escriptor pernambucano concorrem dous motivos para não o etiquetar numa escola e são a imprecisão actual das escolas e suas condições pessoallissimas. Os enredos de suas paginas são impressionistas com fortes aproximações ao romantismo; em certos diálogos e muitas scenas o romancista a tal ponto se objectiva em minudencias, que envia o espirito do leitor a algumas maneiras individualisadoras de Flaubert.

Mas ao final de tudo vê-se que tudo isto são palavras e o sr. Mario Sette é muito simplesmente o sr. Mario Sette...

Tudo isto é comprovado pelo seu ultimo romance, *A Filha de Dona Sinhá*. O prosador pernambucano continúa essencialmente o mesmo de "Senhora de Engenho", "Rosas e Espinhos" e "Palanquim Dourado".

Olha a paizagem com os mesmos olhos, sente a vida com a mesma disposição de alma; prendem-no ainda os aspectos communs, simples da vida que não se fantasiou de adultérios, ou crimes passionaes, de todas essas cousas que quebram o rythmo suave, sem explosões nem arroubos, que em a ser uma sombra harmoniosa de felicidade no destino em que resôa. Não ha intensidade de entrecho nos seus livros mas sempre uma vida subtil que se move de modo a prender a atenção.

Tem-se censurado ao sr. Mario Sette deformar a realidade das cousas. Na sua retina tudo se esbate, na sua retentiva tudo se suavisa — é verdade. Numa estrada sertaneja, Clóvis de Assis e companheiros sentem um *quê de desmaio, de amavio* de luz na paizagem; o romancista descobre um louro suave nos cabellos de nossas sertanejas em cujas mãos que seriam quasi fidalgas vê ainda os traços azues das veias. Seus personagens são mysticos cantaros hebreus transbordando doçura e bondade pelas estradas da vida. Parodiando o versículo bíblico, os viajantes que entram a cidade abençoada de sua arte sacodem, ás portas, o pó das sandalias. Em testemunho contra a vida...

Mas será isto um mal? Eu não sei fazer critica; sou um leitor que lê attentamente nem quero passar disto; resalvo assim meus erros de julgamento que serão também os erros de minha sinceridade.

E' por não aceitar a vida como ella é, que o sr. Mario Sette cresce em minha admiração. As cousas têm a lógica de sua acção, que é a vida e são susceptíveis também de uma lógica humana de interpretação que é a arte. Elles são uma realidade; nós, porém, podemos pensar delias uma realidade differente. No fundo ellas continuarão o mesmo inevitável, mas que importa?

Rondando em torno da esphinge, ameaçado de morte, sabendo impossível uma fuga — a gloria maior do homem será aceitar corajosamente o destino, mas a ventura maior será sonhar um coração sensível e bom dentro do monstro... Arte é este sonho!



Só a Belleza justifica o minuto de soffrimento que vivemos sobre a terra — pensou o sr. Ronald de Carvalho; dentro do ephemero, a belleza é uma esmola da realidade transcendente aonde não chega a vida.

LUIZ DELGADO

SÃO PAULO NA FEDERAÇÃO — Sousa Lobo — São Paulo, 1924.

Eis ahi um trabalho que, sob vários aspectos, se impõe á admiração das intelligencias cultas e dos bons e sinceros patricios.

Atravessamos uma época em que desgraçadamente os objectivos mais nobres, as preocupações superiores, cedem lugar a um individualismo repugnante, porque de outra coisa quasi se não cuida, alem do interesse pessoal. E abstrahindo dessas cogitações absorventes, dessa egolatria, muito pouco resta para que, com segurança, se arrisque alguém a fazer prognósticos sobre uma benefica evolução no estado mental dos nossos patricios, fazendo-os úteis collaboradores nessa obra a que nos deveram impellir circumstancias de mérito na ordem dos valores moraes, sociologicos, políticos e administrativos.

Querendo o autor reivindicar para S. Paulo, entre as varias unidades federativas, os fóros que lhe competem, como expoencia de valia economica, como o mais forte núcleo de incrementação agrícola e industrial, não era logico subtrahir-se a um estudo de analyse sobre os factores que contribuem de modo directo para esses grandes surtos de ousadas iniciativas, para essa visão maravilhosa de progresso, abrangendo horizontes fechados á myopia dos que constituem a quasi totalidade da *gens* nacional. E dessa investigação, desse estudo comparativo, a que o Snr. Souza Lobo submetteu de um modo synthetico, mas com uma clarividência esmagadora os vários elementos que constituem a patria brasileira, que é que resulta? Aquilio que deve ser para nós outros, os que não partilhamos de estreitezas regionalistas, uma convicção baseada em argumentos que não podem ser eliminados ou sophismados, porque o engenho mais casuistico, a mais forte dialéctica, recuam diante das cifras, na sua eloquencia e na sua verdade. E nem por outra razão um dos illustres prefaciantes deste livro, alem de "*forte*" o qualificou como um "*livro de verdade e de patriotismo*".

Um dos aspectos mais interessantes, no trabalho do Snr. Souza Lobo, é o referente á nossa organização politica, exdruzula e original, sahida do cerebro dos legisladores constituintes republicanos, como sahiu Minerva da cabeça de Júpiter e que resultou essa amálgama, esse produto teratologico, a que se dá o nome de Republica Federativa.

Para o Snr. Souza Lobo, que revela conhecer a sociologia politica na sua estrutura e nos seus processos de adaptação e construcção, não é defensável o regimen que mereceu de um representante politico sul-riograndense (citado pelo autor) a classificação rigorosamente justa, quando disse *não saber o que seja* esta Republica qualificada com o rótulo de *federativa*. E ahi está porque, no seu lúcido espirito, na sua visão sociologica, encarando os mais sérios e momentosos problemas da actualidade nacional, não tem o Snr. Souza Lobo motivos para entusiasmar-se com o regimen que copíamos da Norte-America, desprezando os elementos raciaes, historicos, etc., para, em virtude de uma experiencia relativamente longa, proclamarmos hoje, a fallencia quasi absoluta de semelhante regimen. Porque a apparente unidade nacional, que para alguns espiritos levianos se torna objecto de envaidecimento, é reduzida pelo autor á sua justa expressão: "crear uma força de cohesão capaz de conter a unidade nacional". E' muito



ou antes, ella não existe. E a *união*, como critério geographico, se reduz, no seu coeffericiente social, político e administrativo, á insignificância das coisas nullas. Qual o remédio para esses males? O autor o insinua claramente: é a *confederação*. Para elle somente o ensaio dessa nova fôrma, "pôde crear uma força de cohesão capaz de conter a unidade nacional". E muito folgamos em subscrever as idéas do Snr. Souza Lobo, na hypothese, aliás corroboradas por testemunhos historicos, cuja força não se pode desprezar. E não somente o aspecto doutrinário.

Ha ainda outras circumstancias invocadas pelo autor e que valem como argumentos positivos, na especie. Por exemplo: a situação do Estado de S. Paulo, que evolue, que é já uma brilhante affirmação sob muitos aspectos, com toda a sua potencialidade economica, com todo o seu dynamismo industrial, e no entanto, sujeito ás aventuras de um regimen parasitado.

Encarando o problema immigrantista com a seriedade e com o interesse que aos brasileiros se impõe, estuda o Snr. Lobo os seus vários aspectos, demonstrando-lhe a urgência e opportunismo. E para que nenhuma duvida e nenhuma objecção se possam contrapor aos seus argumentos, mostra como os Estados do Sul, mercê da corrente immigratoria, suprepujaram em pouco tempo o nordeste brasileiro, que estaciona na fatalidade climatérica, na indolência primitiva. E a sua argumentação é neste ponto irretorquível, porque lhe são bons amigos os números: e, no rigor da estatística, encontra o fundamento do que avança. Mas será o autor um pessimista? Absolutamente não. Nem ha um vislumbre de *derrotismo* em tudo quanto escreveu. Também nenhuma preocupação de detrahir o que é nosso.

As suas palavras têm um cunho de são nacionalismo, desejando para os brasileiros, sobretudo para os que têm a maior responsabilidade administrativa, uma comprehensão efficiente do papel que lhes incumbe, no momento historico que atravessamos.

Relativamente ao Estado de S. Paulo, (que é o *icit-motiv* da obra) o que affirma o Snr. Souza Lobo representará uma hyperbole?

Visou, por ventura, incensar Ídolos? Evidentemente não. As suas phrases representam, é certo, um ardente hymno de exaltação á terra que lhe foi berço; mas é para convir que esse enthusiasmo corresponde, paralelamente, a uma convicção — e bem profunda, no autor deste livro. Elle crê na continuidade do progresso, sem nenhuma solução, no meio paulisu.

Basta que se attente para as ultimas linhas do Cap. III, onde o autor, após a demonstração de que "o quadro da formação racial do sul do Brasil é completamente differente da formação do Centro e do Norte" — o que elle demonstra á luz da estatística, escreve, *in fine*:

"A vigorosa e proeminente civilização de S. Paulo, as suas immensas riquezas e o assombroso poder de sua economia, não são um producto espontâneo do presente, ou a florada semeada pela Federação, como fazem acreditar os descontentes da grandeza paulista". E enumerando os factores, que são causa dessa grandeza, observa ainda:

"A urdidura desses factores do progresso, fizeram de S. Paulo o coração da nacionalidade, o eixo economico do Brasil e o fio a prumo das finanças nacionaes.

A paz, o trabalho, e a energia moral dos paulistas ergueram São Paulo á altura de uma das mais eminentes civilizações da America, approximada dos Estados Unidos e equivalente á da Argentina".

E essa conclusão não exprime conceitos arbitrarios. Decorre de premissas, que são para encher de orgulho, não somente os nascidos em S. Paulo, mas todos quantos collaboram llo seu vertiginoso progresso.

Quiz o autor alicerçar as suas opiniões, citando, a proposito de cada uma das suas theses, verdadeiras autoridades em assumptos historicos, sociologicos e economicos. E muito bem andou para que se o julgue sob



uma feição de impessoalismo, tão obstante ter pelo torrão natal a carinhosa ternura de filho extremo.

Um espirito brilhante, que é Mario Villalva, escrevendo sobre este livro, disse que o Snr. Souza Lobo conquistaria, mercê de sua obra, um posto de honra, collocando-sc entre os dois mais illustres sociologos brasileiros — Oliveira Vianna e Alberto Torres. E assim é, sem que essa collocação exprima qualquer favôr.

A estrutura sociologica em que assenta o autor as suas affirmações, de que deduz principios, não' é esse arcabouço superficial, em que se exhibem pseudos sociologos, discreteando no seu pauperismo sobre factos e circumstancias cujo critério analyticô resulta de uma formação mental, solidamente estabelecida. E eis porque não regatearemos os nossos modestos louvores ao magnifico e patriótico trabalho do Snr. Souza Lobo.

RUFIRO TAVARES.

Recebemos mais :

Journal des Débats Politiques et Littéraires — Parrs. (Rue des Prêtres-Saint Germain l'Auxerrois, 17).

Revista do Gimn.ásio Vinte Oito de Setembro — Rio de Janeiro.

Boletin de la Asociaçion del Trabajo de Buenos Aires (Florida, 524).

Ibérica — orgam do Instituto Ibero-Americano de Hamburgo. (Rothenbaumchausee 5).

O Estudo — Orgam do Gymnasio Anglo-Latino de S. Paulo. (Av. Paulista, 127).

Il Pasquino Coloniale — Semanario de critica — S. Paulo. (Rua Lizerô Badaró, 142).

A Escola — Revista de Pedagogia — Rio (Rua Set> do Setembro, 51).

Mercure de France — Paris (Rue de Condé, XXVI).

Inter-America — Orgam de intercambio intellectual americano, editado em inglez e espanhol — New York (407 Westh 117th Street).

Motivos Colombianos — Mensario — Cidade de Panamá (Calle 4^a, n. 36).

Sciência Medica — Mensario de medicina e sciencias affins — São Paulo e Rio (Rua Sachet, 8).

Revue Bleu — Quinzenal — Paris (Boulevard Saint Germain, 286).

Revue de l'Amérique Latine — Mensario — Paris — (Rue Scribe, 2).

La Revue Hebdomadeire — Paris (Rue Garantière, 8).

France-Amcrique latine — Mensario do Comité France-Amérique — Paris (82, Champs Elysées).

Le Strade — Orgam do Touring Club Italiano — Milão (Corso Italia, 30).

Chacaras e Quintões — Mensario — S. Paulo (Rua Assembléa, 18).

Dom Quixote — Semanario — Rio (Rua D. Manuel, 30).

Terra Natal — Mensario — Natal — Rio Grande do Norte (Rua Felipe Camarão, 88).



EDUARDO PRADO, O ESTHETA

Os indús escreveram em um dos seus maravilhosos livros de alta philosophia sagrada:

"...Só as creanças ou os ingênuos e não os doutos, falam das faculdades contemplativa e pratica como se fossem duas. EHas não fazem senão uma, porque ambas conduzem exactamente ao mesmo fim; e o lugar que obtém os partidarios de uma o obtém também os partidarios da outra".

Parecer-nos-á que taes palavras tenham sido escriptas realmente por indús, para só por indús, entretanto, serem comprehendidas, se — não se meditando mais seriamente sobre o significado transcendente da tmaxima, — deixarmos escapar á maior argúcia o senso espirital e verdadeiramente idealista da alma indú.

Mas, não, ha tal. Não me recordo bem quem já tentou classificar como duas entidades distinctas, o homem do oriente, do homem do occidente, pelas características normaes da contemplatividade e da actividade, esquecendo-se, talvez, de que a contemplatividade é uma das mais bellas fôrmas da actividade.

O Occidental, realmente, realiza o que idealiza: a sua contemplatividade é "material"; o oriental não realiza quasi sempre o que idealiza porque a sua contemplatividade é espirital, é "contemplatividade". Mas, uma grande acção material implica necessariamente uma grande natureza espirital: a medida da acção é o sentimento do qual ella promana. Eis porque, assim como lia acções repentinas,

"irreflectidas", como se diz vulgarmente, acções também ha demasiado reflectidas, l que por um desses formidáveis paradoxos da natureza intellectual do homem thvirtuam o seu real valor, ou mesmo, annu'lam-se ante a sua própria grandeza.

Será o caso indú? Não o sabemos. Temos apenas uma grande inclinação a crer que tal tenha sido o "pathos" do homem extraordinário que foi Eduardo Prado.

O valor material que apparenta a singularidade das organizações moraes é, ou melhor, torna-se profundamente enigmatico, quando se percebe nellas, nessas mesmas organizações moraes, toda a sua potencialidade espirital. O mysticismo está cheio de taes exemplos, mineralizados, como bem diz o admirável autor dos "Motivos de Proteo", numa especie de egoismo inqualificável que offusca o aspecto de "creadorps" que verdadeiramente os caracteriza.

Penso, julgo que esse é que foi, de facto, o verdadeiro e o mais interessante, pelo menos o- mais flagrante traço individual da personalidade privilegiada de tão nobre patricio. Em verdade, a boa mãe Natureza juntou á sua belleza physica, a belleza moral e a elegancia de espirito..

Não lhe foi, todavia, de grande proveito, ou de grande vantagem tal característico. Antes pelo contrario: deu-o e dal-o-á sempre e cada vez mais o triste aspecto de um egoista "refiné". Aos espiritos despidos de preconceitos, pelo menos, elle se apresentará sempre assim: como um



desses curiosos, mas já vulgares typos da literatura franceza, da theatral principalmente, "pleins de savoir, mais sans savoir faire", que nos mostra Bataille. Por isso, talvez, é que a maior parte dos seus biographos encontra hoje uma grande difficuldade em achar um logar convenientemente adequado ao grande paulista, na historia geral da intellectualidade brasileira.

Não sei se por orgulho, ou mesmo por egoismo, ou se ao inverso, por demasiado amor ao leigo, é que Eduardo Prado se nos apresenta assim, envolto em uma desproporcionalidade espantosa, fazendo-o sobresair e destacar, com o seu espirito fulgurante dentre os espiritos de seu tempo, como o mais apto a produzir, sem ter p'opriamente produzido.

Porque, em synthese, o que são as "Via-gens", o que é a "Illusão Americana", ou ainda, o que são as "Collectancas", para o génio maravilhoso de Eduardo Prado?

Não ha nelles, principalmente naquelle segundo livro, o descortino e a largueza de vistas com que se revelou Rodó por exemplo, deante do génio "yankee" no seu admitavel "Ariel". Ao menos o valor material da energia moça e da vitalidade assombrosa desse povo-rei, foi por este ultimo, melhor interpretado. E' que Eduardo Prado amou demasiadamente o mundo antigo para que pudesse crer, como aquelle que o mundo moderno tivesse, quando muito, a belleza intellectual da lógica...

Comtudo, Eduardo Prado foi o mais espiritualista dos espiritualistas. Eis o mais admiravel de todos os seus bellos predicados. Ninguém melhor do que elle soube cultivar essa maneira espiritual de vida que Renan considerava quasi impossivel aos espiritos demasiado trabalhados pela cultura scientifica. Sentia-se feliz ao medir suas forças com o Argus da sciencia moderna e se deixar arrastar ao turbilhão das indagações, ao emmaranhamento atordoador das sciencias positivas para com a sua própria versatilidade delia sair, desembaraçadamente, e livre, ir pairar nas regiões mais amplas do espiritalismo, onde o seu génio desassombrado de artista lançava vãos prodigiosos de creação. Abi, então, se revelava como realmente era: um espirito viril, a quem a variabilidade de formas cm que a sabedoria engastou a vida intel-

lectual do homem, nada embaraçava — facilmente promptamente apto a vencer, por força de erudição, os maiores obstáculos, afastando-os do caminho que o le-gasse á verdade.

Nem tampouco desdenhou a "mentira convencional" da vida social quando cila, por intermedio da arte e do botn gosto, nos dá sensações de vida e de prazer espiritual. Ninguém, como elle, soube amar com verdadeiro carinho e paixão a extraordinaria belleza das artes "minores" da civilização jornalreira reconhecendo a belleza particular, a belleza circumstantial e deliciosa que na vida social representam essas adoáveis e saborosissimas "reveries des urbs", desde o chinezismo feminino dos vestidos, até ao futurismo promissor dos annuncios. Para elle, como para todo o verdadeiro estheta, o senso espiritual da belleza tinha que ter logicamente uma apparencia de delicadeza e de graça que só ás coisas leves e vaporosas se harmoniza. A sentimentalidade esthetica de Eduardo Prado tinha o ideal da fôrma como um sonho e não como um pesadeHo. Dahi, a sua interpretação da natureza tão bem se identificar ao seu sentimento da perfeição fazendo-nos comprehender que não é na ríspida aspereza dos cscarpamentos ou m glauca monotonia dos grandes mares, nem tampouco no húmido emmaranhamento das terriveis mattas, que se verifica a verdadeira belleza da natureza; nesses aspectos bravios, a sensibilidade humana atordoa-se, quando não opera um movimento de retrocesso provocado pelo meio a que elle não se adapta.

A harmoniosa perfectibilidade de seu senso esthetioo da perfeição, culminava, então, como um requinte de sua idealidade peregrina: porque, de facto, não ha, ahi, a perfeição e a harmonia, sobretudo a delicadeza e o esmero com que a belleza se revela em seus aspectos campesinos. E, mesmo todos os grandes motivos de magnificência aterradora e de majestade tragica da natureza, que substanciaram a arte de muitos, foram antes prismatizados pelo espirito humano, assumindo assim um character puramente humano. Ora, a grandeza humana nunca poderá alcançar a grandeza incommensuravel da natureza; e a natureza, em sua benevola prodigalidade, limitou o alcance máximo da capacidade humana a uma simples copia...



Será esse, pois, o motivo da pouca importância literária de Eduardo Prado? Será esse o motivo de não ter Eduardo Prado nos deixado uma obra que, pelo menos, pudesse ser justificada pelo seu próprio espirito?

*

Grande Eduardo! Sempre que leio o teu nome, recordo-me logo daquelle infeliz "Dorian Gray", que o gênio incompreendido de Oscar Wilde immortalizou, e da sua "subtilissima esthetica dos perfumes"! A analogia é insignificante... mas, tiveste, também, a mesma percepção apura-la das coisas leves e subteis.

Tu, grande paulista, foste, antes de tudo, um homem; soubeste bem interpretar aquella "profissão universal do homem" que Guyau diz ter a única e a verdadeira finalidade na natureza humana: pensar e avaliar. Foste um estheta, mas um estheta da verdade e da moral. Tiveste a mesma sensibilidade, quasi feminina do amigo do Sibyl Vane, e a sensibilidade encantadora do homem que vê na arte a grande finalidade da vida espiritual humana, mas que, temperada pela rijeza masculina da tua organização viril, dava-te o cunho perfeito e definitivo de um athleta do pensamento.

Amavas a fragilidade como só o forte pode amar-a... E se cultivavas os perfumes e as flores, a graça encantadora do gesto e a subtileza espiritual da palavra, é porque eras um forte de espirito « de sentimento, um justo^ um equilibrado cuja^ sensibilidade vibrava pelo rythmo da eurythmia normal da vida. — Foste, na verdade, um dos espiritos mais pentis e mais perfeitos que, como o subtil Abbade Cofgnard, floresceram sobre a Terra!...

*

Todavia, sente-se que Eduardo Prado não escreveu o que desejava escrever; não deixou o que desejava deixar.

Goethe nos fala# não sem algum receio, de uma horribilissima doença, de uma estranha doença intellectual cujos trágicos symptomas se revelam na insaciabilidade de termos para expressar pen-

samentos. Não poucos soffreram desse estranho mal: e Eduardo Prado, — quasi que o podemos affirmar, — delle foi victima. O que escreveu, escreveu-o num tom simples e familiar, omitindo muitas coisas do que escrevia, e pondo em cada palavra sua uma tinalidade mixto de tristeza e de angustia.

Viajou muito. Era a sua maior preocupação. A^ solidez da sua erudição e da sua cultura pouco vulgares, como em qualquer circumstancia demonstrava^ opulentiaido assumptos os mais insignificantes, — juntava a experiencia e a pratica da certeza revelada; e desde off empoeirados escaninhos dos multiseculares santuarios do oriente, em cujas paredes negras dos negros subterrâneos ainda se esboçam as sombras pallidas da fantasmagoria indo-asiatica, — até aos perfumados e cálidos camarotes de "l'Opera", perquiriu com a serenidade de um estheta perfeito e a argúcia de um erudito, sem nos deixar, todavia, as impressões que nós sentimos que o grande amigo de Eça de Queiroz deveria deixar.

Egoismo? Não o cremos.

As suas "Viagens" fazem-nos revelações maravilhosas. Nas suas paginas, como em "Collectaneas", ha a mesma grandeza e a mesma sumptuosidade dos conceitos carlyleanos, assim como a mesma feeria dos contos orientaes das "Mil e uma noites". Definiu a arte, seus fins e suas leis; explicou-nos a differença entre o gênio antigo e o gênio moderno. Disse sobre a Natureza e sobre a intelligencia humana o que só um Ruskin ou ura Taine poderiam dizer... E, entretanto, não nos satisfaz!...

Não creou, pôde-se dizer^ não fez nada que se possa considerar como verdadeiramente digno de seu grande, fino e educado espirito de artista. Todavia, delle poder-se-á dizer sem receio, o que Emerson disse de Goethe nos "Super-Homens": "Não ha nelle nenhum poeta, mas vintenas de escriptores, poetas ou não; nenhum Colombo, mas centenas de capitães de navios; nenhum Demosthenes, nenhum Chatham^ mas não sei quantos habilissimos oradores no parlamento ou no tribunal; nenhum propheta, nenhum santo, mas faculdades inteiras de theologia; nenhum sábio, mas sociedades scientificas, bibliothecas innumeraveis..."



Assim era Eduardo Prado.

"Mais... combien de fleurs, et des fleurs charmantes et des mieux parfumées, se sterilisent, sèment leurs pétales inutilés, avant de realiser le fruit promis et attendu!!..." lamenta De Iyassus nos seus "Spectacles Antiques".

Não serás, entretanto, um incompreendido, nem o teu nome sonoro e suave, ficará jamais esquecido para os que, dentre

o estúpido e ephemero alarde pomposo da vulgaridade, sabem distinguir a serenidade, do bem e a suavidade do bello, que dão ao "nobre" de espírito o aspecto que intimidada aos fracos e aos maus, e que inspira a mais absoluta confiança aos bons « aos fortes.

Hermes da Fonseca Filho

("Correio da Manhã", Rio)

AFRÂNIO PEIXOTO, ROMANCISTA

(Trecho final de um ensaio de c+l.e doutrinaria sobre a sua obra)*

Vejamos como nas boas naturezas as forças más, insensivelmente, se neutralizam: assim como o estudo das sciencias naturaes fez com que em Afrânio Peixoto se pudesse conservar intacto o amor da natureza e da vida, o seu scepticismo, por ser essencialmente infenso a toda systematização, nem consentiu que se emparedasse em puros dominios de analyse, nem sufocou o artista sob o peso de uma construcção lógica, dessas com que o individualismo philosophico tem por norma orgulhosamente suicidar-se.

Nem de longe lia em mim a intenção de fazer critica propriamente literaria da obra de Afrânio Peixoto, e sim falar da physionomia moral com que se me revela; mas devo dizer que o apurado gosto que se lhe nota, desde a publicação da "Esfinge", e cada vez mais seguro, não poderia alijar-se a tanta vivacidade e frescura, a tanta espontaneidade, se não fôra ainda animado, interiormente, por aquelle mesmo espírito idealista com que escreveu as paginas de "Rosa mystica".

Criticos de responsabilidade, como o Sr. Tristão de Athayde e Ronald de Carvalho, têm-no collocado entre José de Alencar e Machado de Assis, no quadro da nossa literatura de ficção, mas sem desconhecer que de ambos ha nelle um traço característico, deve-se dizer, no entanto, que o que o liga a Alencar é natural, faz parte mesmo da sua natureza e é o que elle deverá esforçar-se por desenvolver, ao passo que, de Machado, o que se lhe nota é influencia literaria, exterior, que o tem levado a preciosismos de expressão e a at-

titudes mentaes que, a meu ver, não durarão. Refiro-me ainda a esse ou aquelle excesso em que, por vezes, tem sido, apparentando um negativismo que toda a sua vida desmente, e no proprio Machado era de certo secreção de intima e profunda ferida, que ninguém já desconhece, e a que faltou, até quasi os seus últimos dias, o bálsamo da fé, que só elle reconforta.

Em todos os romances de Afrânio Peixoto apparece, de facto, um personagean, pelo menos — e é assim o Dr. I/sboa na "Esfinge", o "Gonzaga" de "Maria Bonita", o Zoroastro e o Dr. Virgilio de "Truta do Mato" — que é como que o eco do intimo pensamento com que julga Afrânio estar construindo a sua obra. Lembram, não resta duvida, os typos sinuosos de Machado, indecisos mas sábios, ou melhor, sábios, espertalhões, serenos na apparencia mas soffredores nu fundo, de grande bondade que se disfarça com pequenas maldades puramente mentaes, mixtos de timidez e passividade intelligente ante a vida, e de audacia negativista ante todos os ideaes. Taes typos soramados pôde-se bem verificar que fazem Afrânio, que fala directamente nas "Parabolas". São negadores superficiaes e ardentes amantes da vida; mas vem da creação delles e da revelação das "Parabolas" o attribuir-se a Afrânio feição materialista, que nunca manteve, rígida e espessa, nem mesmo na sua obra *it* sciencia, toda ella, como já demonstrei, de character eminentemente pragmatico. Seja como fôr, ao observador vulgar não pôde deixar de impressionar muito aquella constante victoria da vida material sobre a vida do espirito, tão explorada nos «cu*



livros, aquella constante negação, directa ou indirecta, dos supremos fins nobilitantes da existencia. Nós, porém, podemos dizer que ha talvez em tudo isto ainda, uma affirmação indirecta. E' o oroprio]r. Lisboa quem, na "Esfinge", nos revela o segredo do escriptor: "O gesto é uma confissão" — diz elle — "Diz menos a idéa, porque é apenas um movimento abortado. Só a acção vive integralmente".

Há assim em Afrânio Peixoto, com todos os defeitos linherentes ao pragmatismo de origem científica moderna, um apologista da acção, mas tão longe está da grosseria materialista que a sua obra não tem nem os caracteres exteriores especiaes do naturalismo, ou melhor, só acolhe do que se concertou chamar naturalismo, o que é commum a toda verdadeira obra de arte, que não pôde desconhecer a natureza. Já o disse Longhaye: "Pur idéalisme, réalisme pur: deux chimères. Ni le plus fantastique des poètes ne s'affranchit tout à fait des réalités sensibles, ni le plus minutieux photographe de lettres n'échappe à la nécessité de mettre du sien dans sa vision des choses, par ou' il les idéalise déjà". G. Longhaye — Dix-Neuvième siècle - - IV — Le roman.

Mas não resta duvida que ha uma corrente naturalista, e é a que diminue o homem de tal modo, que elle fica sendo ura puro juguete das forças naturaes. Ha era Afrânio também, não resta duvida, essa tendenciia, é ahí que se pôde observar a influencia de Machado sobre a rua obra, no período que vem de "Esfinge" a "Parabolas". Todavia, é conveniente advertir -que a natureza era para Machado idéa ainda muito mais abstracta do que a que geralmente delia se tem. Por isso disse delle Mario de Alencar que fez "naturalismo ás avessas" e é, de facto, psychologia, toda a sua obra, como o é a parte da de Afrânio, cm que se lhe altera a visão idealista das coisas. Ambos tanto Machado como Afrânio, são, na realidade, dois espiritualistas desorientados, amargos, vesgos muitas vezes, mas espiritualistas. Viveu Machado e vive Afrânio a concertar com a razão a visão ingénuia dos sentidos. Quasi sempre, porque lhes falte a consciéncia religiosa dos fins da existencia, sae-lhes peor a emenda do que o soneto... Mas, de boa fé,

não se lhes pôde n'lgar a ordenação, o gosto, que jámais se alKaram á grosseira visão puramente materialista, sensualista da vida. "Dans l'art comme dans la vie. tout git á maintenir l'union ordennée, normale, des deux éléments qui nous fon*. hommes: l'esprit et la chair, l'ame e les sens. En conduite ou en littérature, qui la professe ou la maintient est proprement spir.tualiste". (Longhaye, obr. cit. 53).

Quem poderá negar que Afrânio manteve, em toda a sua obra Kteraria, este equilíbrio?

Até em relação ás semelhanças que podem ser notadas entre alguns de seus romances e os de outros autores, ainda se pôde adduzir que taes affinidades são verificadas justamente com escriptores de feição essencialmente contraria aos processos naturalisticos, de espirito a que repugna uma concepção puramente materialista da vida. Ha em "Maria Bonita", por exemplo, a amplificação do mesmo quadro em que se move o destino de "Maria Rosa", de Xavier Marques, o admiiravel artista seu contrerrâneo.

Tanto a novella de Xavier como o romance de Afrânio recordam o mesmo drama tão commum, e que já a poesia de Garcia Rosa, cm Sergipe, assim resumiu:

"Tenho pena de ti porque és formosa
E não sabes talvez que a formosura
Torna ás vezes a moça desditos;".

Ainda mais verdadeiro é o seguinte: Afrânio amplificou o proprio dr.t.m.'i, e além de o ter deslocado do cenário baqueilas, ao mesmo tempo melancholvas e ardentes praias do Norte, para o interior bahiano, para o se' o do revolto sertão, que é também como um vasto mar de gentes semi-barbaras cm eterno conflicto coin as muralhas de artifiq'illidade da nossa vida urbana e propriamente politica, deu-lhe um sentido, transformou o que no outro é desenrolar de paixão rude e simples, cm exemplo de uma eterna irritação dos deuses contra a virtude e a belleza dos mortaes.

Em "Maria Bonita" o idylio, que é todo o "Mania Rosa", quasi que se deixa dominar pelo espirito de analyse, mas o pessimista que Afrânio Peixoto quer ser, ainda assim não ousou fazer de Maria Bonita instrumento consciénte dc malda-

dc. O mesmo senso moral que fez com que Xavier Marques fizesse de Maria Rosa uma flor, cujo viço magnetisa as brutas paixões humanas que, por fim, a destroem, mas sem macular-lhe a pureza inata, a humana simplicidade, o ingénuo encanto, teve-o Afrânio ao modelar Maria Bonita, raro sonho, dolorosa beleza, um dos typos — note-se bem — mais puros, mais nobres, mais suaves, mais espirituaes de toda a nossa literatura de ficção.

IXfferença notável, porém, é, como já fiz ver, esta, e em que se verifica, ma's uma vez, o idealismo do autor de "Maria Bonita": Xavier Marques reflecte estheticamente o drama e o seu scenario; Afrânio Peixoto reflecte ainda a philosophia mesma desse drama, uma especie de convenção raciocinada de que as cousas bellas e boas são, por isso mesmo, fadadas á infelicidade, á amargura, á ruina precoce, á desgraça. E este seu modo de ser, é tão accentuado que afinal a gente fica a imaginar, lidas as duas formosas obras de arte, que nada as irmana senão a suggestão dos titulos: "Maria Rosa", "Maria Bonita", e < mesmo soffrimento.

A outra afinidade merece também séria attenção da parte de quem queira* fazer a critica da sua obra de artista, e é a que se deixa ver entre um dos seus typos mais perturbadores e até perversos e uma celebre personagem do já distanciado Garrett. De facto, a Joanninha de olhos verdes e mysteriosos das "Viagens á minha terra", do grande romântico porluguez, reaparece com o mesmo nome, se bem que de olhos negros, em "Fruta do Mato".

Attenda-se á differença de meio physico e social e verificar-se-á que o que ha de naturalismo no livro recente de Afrânio, ainda é o mesmo que já se podia notar na obra do nobre romântico peninsular — e pôde ser encontrado m obra de todo verdadeiro artista: um grande e poético amor da natureza mas, porque poético, eminentemente humanisador, configurador, diria Chamberlain, do objecto a que se refere. Eis porque a natureza que nos descreve Afrânio parece viver também vida humana, vida de sentimento e idealidade, ou melhor: foi uma permanente penetração da paisagem, do meio physico pelo espirito do paisagista — e

não só o contacto vulgar entre a sensibilidade humana e o meio ambiente — a ponto que o que mais se deixa ver é o homem, o seu amor, as suas dores, as suas alegrias impressos sobre a face das cousas que o rodeiam. E é assim desde a "Es-finge":

"Entrou á tóa por Petropolis, ao longo das avenidas solitarias, olhando as estrelas trémulas, as arvores adormecidas, o rio preguiçoso que fluia, sem ruido, e encontrando um ou outro caminhante, cujos passos ressoavam apressados no lajedo... A luz franzina e espaçada das lampadas cercava-se de um halo branco de umidade: borboletas negras, de olhos accesos e asas pesadas, esvoaçavam em torno, num esforço insistente e baldado, querendo penetrar o mystério da chamma. Ille pensou, em amargura, que se agütava também inquieto, em torno da illusão."

Pôde-se dizer de Paulo que o seu "de-sejo vencido" fizera aquella "ultima harmonia de Petropolis", emprestando meditação, tristeza, contnicção, fátiga ás cousas sobre que demorava o olhar inquieto e triste. Assim fôra já em Alhenas ao deparar-se com a mulher a quem deveria decifrar e sacrificar a sua illusão de creador: a sua humanidade de homem culto, tocado pela graça do amor, faz que a paisagem se revista de toda a melancólica majestade, de toda essa límpida poesia da sua historia, mas que nem todos podem ver e sentir.

"Desembarcaram, e em carro descoberto rodaram pelo cúes movimentado do Piru, depois nas ruas desertas de Falero, avenida que fechavam lá no fundo as cclumnas brancas e arruinadas de wn templo. Ia-se aproximando o rochedo da Acrópole, coroado de mármores e memorias sagradas... O sol poente, do outro lado do mar Jonico, para além das montanhas do Peloponesd, submergia ainda o Partcnon numa poeira dourada. Manchado a espaços pelo verde escuro dos jardins, um casario branco e indistincto estendia-se entre as colinas. A do Museion Carecia avançar-lhes ao encontro. Em IJcabète, recuada e ao lado, vivia ainda, num cimo, uma aspiração para o céu... Quasi rasa, colonos, perdia-se no fumo da distancia. A sombra violenta do Hincito, fechando o horizonte, como que tinha um aspecto de tristeza meditada.. .

Elle pronunciava algumas palavras, apenas indicando os sitios e louvando o encanto da paisagem e absorvia-se as veses olhando para o rosto della harmonioso com a serenidade perfeita daquelle scenario...

O encanto da tarde, a majestade evocadora dos logares, um tepidú sópro de primavera que desabotoava os campos e apressava os corações, deu-lhe a sensação deliciosa de poesia e de graça, em que a tristeza do qu, passou se juntava intimamente ao encanto do que vivia.."

Como se vê, são as cousas que vão ao encontro da alma que as chama, domina dora, senhora do tempo que as gerou, destruiu, fez resurgir...

E Paulo fala por isto a linguagem da poesia, a única que é digna do mesmo homem, quando assim pôde sentir-se, mais vivamente, á semelhança do creador:

"Dos recessos da lembrança uma idéa despertou, tomou-o uma emoção silenciosa .. e nos lábios desabrochou timidamente, uma imagem de movimento, em algumas palavras sem som...

fercebeu Lúcia nos lábios delle esse frêmito sonoro que palpitava, como asa que ensaiasse voar:

— A belleza de Athenas o fetr poeta f Bile balbuciou com emoção grave e profunda :

— Deuses! homens! eu vi, eu vejo Helena!"

Não é esta a visão de um verdadeiro materialista. A predominância do espirito aqui se impõe irresistível, como um mundo majia nobre e mais bello que se sobrepõe ao mundo das coisas e até mesmo ao que se poderia chamar o mundo das sensações directas e immediatas.

Ita talvez ainda por ali e, além, positivamente, nas paginas da "Esfinge" algo daquelle maleficio que faz o pernicioso encanto das obras de D'Annunzio. Mas este mesmo que é elle senão um grande espiritualista desviado, doentio, soberbo como Satanaz dos proprios erros? Que é elle senão o espirito audaz que só ouviu a promessa da ressurreição da Carne na vida eterna e abriu as azas da revolta, de brilho fascinante, sobre as próprias trevas do coração infeliz, infinitamente ambicioso? Mas aquella ressurreição não pôde casar-se ás impurezas da carne e, de facto, o que ficará da obra de

D'Annunzio lia de ser o que cila diz do homem, mesmo maldita, sob o peso da maldição, mas sempre grande, porque de brilho mais intenso fulgura o scillo do e>pirito de Deus sobre a sua frente, a que as paixões, o orgulho incendiam.

E Afrânio quão longe está de qualquer satanismo, poderá avaliar quem souber observar o cuidado, a medida com que elle revolve o mundo mesmo das paixões e do orgulho, que ha de ter também no fundo da alma.

As suas confissões tão leves, são tão indirectamente feitas que jámais, pôde-se dizer, esqueceu Afrânio os christianissimos preceitos de respeito a si proprio e horror ao esoadalo.

Esta predominância do espirito em toda a obra literaria de Afranib Peiocoto ajnda se faz mais notável nos seus últimos romances — "Maria Bornita" e "Fruta do Mato". Nelles como nos de Machado de Assis, a paisagem não é feita da cuidada pintura das coisas — forma-se naturalmente ante o leitor attento pela força mesma de irradiação dos personagens que a reflectem, trazem-na llo olhar, nos modos, na linguagem. E ainda mais predominante, diremos, que em Machado, porque mais moderada, mais medida, o que subentende mais força espiritual, pois o espirito é sempre mais senhor seja do que fôr quando principia por ser senhor de si mesmo. Ora, na obra de Machado o homem se move num meio puramente humano, isolado de tudo o mais, ao passo que na obra de Afrânio esse meio é o mais importante, o mais vivo, o que ma-is lhe interessa, mas assentado por sua vez num maior circulo de mysterio, sobre a natureza a que domina e ama.

Onde também se pôde verificar esta predomimneia do espirito em todas as obras de arte do autor de "Maria Bonita" é no seu amor ás idéas, amor de que estão cheios todos os seus livros. Desde a publicação da "Esfinge" levantou-se a duvida entre criticos valiosos, comp José Verssimo e Mario de Alencar, se o autor ali desenvolvia uma these. Fico ao lado dos que, nesse como em todos os demais romances de Afrânio, encontram não só uma these, mas uma multidão delias — se não todas tão claramente expostas como a da inferioridade do nosso mestiço,



a péssima these que afeia "Fruta do Mato", pelo menos, com maior discreção, todas ellas transportadas dos seus livros de sciencia. Não devo repetir o que a maioria delias me merece.

Mas o que toda a sua obra literaria revela, ao contrario do que com certeza, pensa o proprio Afrânio, é uma grande bondade.

Já se disse que Machado de Assis como que tinha vergonha de ser bom e escondia as dores de seu coração nesse mundo mysterioso que é "a lagrima que ri" nos olhos do humorista. Não será esse o mais mysterioso dos mundos em que a alma humana, naturalmente christã, como tão profundamente já dizih TertuRiano, esconde a sua intima e original nobreza? Mas o caso de Afrânio é um pouco differente. EUE não tem vergonha de ser bom. Teme talvez um pouco que s» o tenha por incapaz de maldade, attendendo que a vida é uma guerra. Não hó isto, porém: quer que o que tem de bom ne coração também se imponha, não porque elle proprio o recommende aos olhos do mundo, mas por força mesmo do deiiu-teresse com que se apresenta, assim em meio a um turbilhão de ironias, a este mesmo mundo que a tudo impõe o sello do interesse.

Então, por vezes, se lhe aguça demasiadamente, como se deu com Machado, a capacidade de desmentir todo o bem que o seu coração sabe querer. Mas o tom sombrio que então se espalhava sobre a obra de Machado era sombrio mesmo, tão sombrio, tão impenetrável, que se chega a duvidar se tem valor a hypothese da sua

bondade. Lêde, porém, da obra de Afrânio, a pagina mais amarga. F,' evidente a superficialidade do seu rancor, do seu des-
p*eso, do seu nojo, da sua descrença dos homens. O que ha, sim, algumas vezes, sobre uma esplendida affirmação de amor A vida, sobre a fronte mesma da belleza a que adora, é a sua lagrima sincera, o brilho da sua magoa, pelo sentimento do passageiro de tudo e da imperfeição que a tudo fere, lagrima que rola, ás vezes, e busca esconder-se num vasto seco de aguas revoltas, agitadas mas nunca tenebrosas e realmente ameaçadoras.

Também, como já disse, não é de meu proposato fazer critica da obra literaria de Afrânio Peixoto. Quiz sômente mostrar que ella, na sua complexa objectivação intellectual, sendo a manifestação mais espontanea e, ao mesmo tempo, a mais profunda, é, em muitos dos seus aspectos, como que uma tímida, mas dolorosa e, ror isto, preciosa retratação de muitas falsas e levianas affirmações do seu scepticisrao, esse scepticismo que, parecendo ser a nota predominante em toda a sua obra de cientista, de pensador e de artista, é, no entanto, a meu ver o que menos diz da sua própria natureza, deixando-se vencer a cada passo pelas affirmações idealisticas do seu senso pragmatico das realidades soiaes ou por esta força de sentimento e de poesia que o fez um dos artistas mais queridos e mais merecidamente admirados do Brasil contemporâneo.

Jackson de Figueiredo

("Gazeta de Noticias", do Rio).

NOS JARDINS DO VERBO

*Words are things; and a small ârop of ^{sent}
Falling lik dew lipon a thought, produces
That lyhich makes thousands, perhaps mil-
[tivns thinh.*

Lord Byron — "Poetical Works"

Recordo-me com grande saudade dos meus tempos de menino, quando na alegria matutina dos dias de inverno paulista, sahia de casa para as aulas do Gymnasio de S. Bento. Eu morava em S. Paulo nessa época, A capital da grande terra dos bandeirantes ainda não tinha essa opulência escandalosa das for-

tunas rastacuéras. O univesitarismo da era imperial declinava na febre democrática dos governos preocupados com o progresso material do Estado. O conselheiro Antonio Prado, essa energia renovadora da paucéa, começava a modificar a cidade, rasgando-lhe nos flancos antiquados as avenidas rectilineas e as ruas amplas cheias de sombra e architecturas civilisadas. Foi nessa ocasião que eu conheci Baptista Pereira, que então sahia da puberdade para os azares da vida literaria. Elle foi o meu professor de portuguez. Era uma criança sympathica, em cuja physionomia illuminada havia uma



certa pretensão pedagógica. Gostava de leccionar aos mais rebeldes, procurando conquistar a bemquerença dos alumnos com a ternura da sua voz, que soava clara e amavelmente aos ouvidos attentos da meninada. E, de facto, elle sabia prender a attenção dos discipulos com uma palestra instructiva decorada por uma imaginação fértil em surpresas agradaveis. Conversava as suas aulas, deliciando os alumnos com historias interessantes que sabia tecer em torno de qualquer incidente havido no decurso das lições. Já então, admirava aquelle professor um pouco mais velho do que eu, que sabia tanta cousa bonita a respeito dos homens. Cresceu-me na alma uma grande admiração por Baptista Pereira, que foi para mim uma especie de Robinson Crusóé da ilha maravilhosa do meu sonho infantil. Admirei-o ingenuamente, na timidez respeitosa dos meus doze annos. Elie espantava a minha ignorancia selvagem com a vertigem de uma cultura precoce.

Já nessa época, Baptista Pereira gosava em S. Paulo de merecido renome. Companheiro de redacção no "Commercio de S. Paulo", de Eduardo Prado e Affonso Arinos o seu espirito nem por isso deixava de brilhar entre esses dois focos da historia literaria do paiz. A sua personalidade tinha relevo proprio, que dispensava o prefacio dos elogios amistosos. Escrevia com rara scintillação, a ponto de impressionar profundamente os espiritos mais cultos da nossa politica e das nossas letras. Como jornalista, literato e promotor publico, numa idade em que os moços de hoje dão ponta-pés em bolas de couro, elle conseguiu crear em torno do seu nome um grande halo de admirações sinceras. Com a intelligencia cada vez mais polida pelo uso constante das boas leituras, Baptista Pereira conseguiu empolgar os ânimos mais displicentes com a clareza pura do seu estylo que tinha o tom maravilhoso de acordar nos espiritos adormecidos a belleza suggestiva das imagens originaes. Escrevendo com simplicidade, sem empolados ridiculos, elle sabia adornar os assumptos mais áridos com a vegetação colorida de pensamentos cheios de uma alegria natural.

Quando Eduardo Prado morreu, Baptista Pereira foi quem soube com maif arte engrinaldar o corpo inanimado daquelle heráldico pamphletario. A biogra-

phia que escreveu no mármore do tumulo do autor de "A Illusão Americana", contém paginas que parecem ter sido fundidas no bronze sonoro da prosa de Cha teaubriand. E' uma marcha fúnebre de periodos saudosos que, de vez em quando, se illumina de bondade, irisados por uma alegria triste de aurora que perde a luz no bojo tenebroso das nuvens borrascosas. E a gente sente em cada palavra a crystallisação de urna lagrima. Ha nesse estudo a plangencia dolorosa de um violoncello abandonado no silencio de uma noite deslustrada na refulgencia longinqua dos astros!

E tudo isso, não eram palavras, essas palavras que se desprenderam como folhas mortas da desencantada arvore de sabeloria de Shakespeare: "words, words, words"... Eram as vozes de ouro de uma juventude que palpitava as azas para as regiões imponderáveis de chimera. Na serenidade do seu optimismo de rapaz, fulguravam todas as ansias do espirito que ainda não se desilludira na maldade impiedosa dos homens. Ehc tinha fe na bondade humana e o seu coração generoso sorria na imprevidência innocente dos que julgam a vida um paraíso de sinceridades. Para elle, todo homem era bom e merecia a confiança cega da sua amizade. Sente-se na sua prosa a piedade de uma alma que nunca se envenenou nas amarguras da inveja.

Ninguém melhor do que Baptista Pereira pôde falar do verbo. Durante muitos annos de convivência estreita com Ruy Barbosa, esse oceano da língua, no qual se despejaram todos os rios da litteratura luso-brasileira, elle sentiu a omnipotência da palavra forjada na incandescência do entusiasmo. Alli, perdido na penumbra da monumental bibliotheca da rua de S. Clemente, assistiu aquella argila frágil de Deus se transfigurar nas meditações que eram as madrugadas dos ideaes do povo brasileiro. Teve a felicidade suprema de viver junto daquella luz solar do pensamento nacional, para o qual não chegavam os "abat-jour" de cretone dos nrseros cargos públicos. Embora vizinho dessa formidável absorvencia intellectual, Baptista Pereira não dissolveu a sua personalidade mental na retorta do nosso Cicero trop'cal. Calou-se á sombra da eloquencia e deixou o seu estylo dormir o somno de uma modéstia que não queria



melindrar a alma sensível do batalhador do civilismo.

Se Baptista Pereira houvesse escripto naquella occasião, todo o mundo perversamente haveria de dizer que a sua obra era feita por Ruy Barbosa. Outros poderiam dizer que era elle o autor dos discursos de Ruy. Os filhos de Deus são mãos e não perdoam as revelações do talento.

No entanto, ha uma grande differença entre os dois estylos. A maneira de escrever de Baptista Pereira é differente da do conselheiro Ruy. Aquelle empresta á sua prosa uma certa ternura litteraria que se torna aspera na prosa de Ruy, que tem as suas preferencias pela politica. Baptista Pereira tem mais carinhos para com a natureza, que surge nas paginas do seu livro transbordantes de um bucolismo suave que enternece as almas na contemplação dos aspectos da terra. O orador do Senado, não; prefere as paisagens das situações sociaes. Não quero dizer com tal cousa que o estylo do autor das "Cartas de Inglaterra" não encerre um pedaço da natureza em suas linhas. Ao contrario, elle não fugia da flora. Mas, o que eu digo, é que Baptista Pereira preoccupa-se mais com os scenarios da terra. Ha um parallelismo na sua prosa, que não perde os quadros da natureza. Emquanto Ruy Barbosa, cujo estylo mais rhetorico visa demasiadamente a sonoridade larga e demorada doá períodos que saem do pensamento numa lentidão de folha morta, a phrase de Baptista Pereira é mais curta e não se perde em remigios largos que tiram a respiração do leitor. Eis abi o caso.

Que diabo! Eu não peguei da penna para falar do nosso maior tribuno. O meu assumpto é o escriptor daquellas conferencias que tenho aqui á mão, intituladas: "Pela Redempção do Rio Grande do Sul". Pode-se dizer, sem receio, que essa obra não encontra rival na lingua brasileira. E' uma opera de imagens cantantes que soam aos nossos ouvidos com uma musicalidade estranha. Vale por uma anthologia de bellezas do idioma. Ali dentro encontrei vibrando toda a riqueza da nossa linguagem. E depois, não são vocábulos musicados, são vocábulos pensados que dizem idéas profundas. A sua prosa não é arida, ou melhor, não é vasia de pensamentos. Cada phrase tem uma

idéa nova na haste. Além disso, é toda ella escripta na ordem directa, sem pretenções a clássico.

Poucos são os que, como eu, têm o prazer de privar com essa alma delicada de artista, esse symphonista da prosa brasileira. Na intimidade do seu lar, naquella casa colonial da Gavea, atufada dentro de uma vegetação de unatta virgem, o visitante sente toda a simplicidade carinhosa do amphytrião. Conversava-se sobre as cousas de espirito, sentindo-se o cheiro forte da floresta humidecida pelas aguas dos montes. E' um encanto. Baptista Pereira tem a elegancia despreocupada, dos "causeurs" que detestam os açambarcadores de palestra. A sua prosa se embaralha displicentemente na palestra dos outros, com o cuidado de não resaltar. Vê-se que é um homem habituado a tratar com pessoas brunidas em civilizações hellenizadas.

O que me impressiona em Baptista Pereira é a sua bondade. Elie não acredita na perversidade. Olha tudo com uma fraternidade que commove. Dos seus lábios nunca ouvi um alevio ou uma irreverencia sobre ninguém. Para elle, todo o homem merece o carinho do nosso coração. Não se préocupa com os estranhos e só abre os braços para acolher com alegria os que procuram conforto na sua amizade. Ha no seu acolhimento o rythmo do coração satisfeito pela felicidade.

E depois, que horas de prazer a gente passa ouvindo as suas opiniões sobre arte, sobre litteratura. E' sempre um encanto a sua convivência.

Ha occasião que eu sinto tristeza ante a sua bondade — é a terceira vez que falo nesse vocábulo — distrahida como o chapéozinho vermelho entre os lobos famintos. A sua intelligencia espera sempre a recompensa dos homens... E' uma boa-fé que me dá o que scismar. Oh! como a grande ternura entristece as almas com uma alegria ingénua! E' que a felicidade é frágil diante dos empurões do destino.

"l'homme devant le beau se prend á sou-
| pírer;
Sur son coeur trop étroit descend une
| tristesse;
Les hauts plaisirs <Sont ceux qui fon-
| presque pleurer".



Embora Baptista Pereira não tivesse essas esplendidas qualidades moraes que fazem d'elle um espirito generoso, eu não modificaria a minha opinião sobre a sua intelligencia. O homem de talento pôde ter para mim todos os defeitos, mas não deixo de admiral-o. A intelligencia é um dom maravilhoso dos céos, que vence todas as qualidades da virtude. O ser intelligente não depende da nossa vontade. Uma creatura pôde ser bôa querendo; mas não pôde ser intelligenté, por mais vontade que o tenha de ser!

Podem os que não leram as paginas summarentas de vida e de arte, biasphe-mar contra a sua victoria intellectual, que estou certo da immortalidade daquellas paginas onde cantam todas as ansias da justiça de um povo cavalheiresco acostu-

mado aos perigos das lutas sangrentas. Não me interesso pela politica. Na obra de Baptista Pereira só vejo o lado esthetico, que é a garantia da sua perennidade. Escrip-ta com alma de artista emocionado, ella transporá as portas da nossa historia literaria como um documento vivo de um espirito encantado diante da belleza das cousas.

Escrevendo esse livro, Baptista Pereira alcançou o renome que o seu talento merece. Elie escalou o rochedo alteroso da imaginação e sentiu a sua força ir augmentando na proporção que se aproximava dos céos.

Paulo Silveira

("Gazeta de Noticias", Rio)

JOSÉ VICENTE DE AZEVEDO

Soube que alguns collegas já prestaram a Zé Vicente a homenagem que elle merece, referindo-se a elle, saudosamente, nas columnas dos nossos melhores jornaes. Não era, a nós, jornalistas, entretanto, que cabia a sympathica tarefa de lembrar o querido amigo da literatura nacional. Os acadêmicos tinham o dever de fazer um pequeno esforço e abandonar por um momento os interesses materiaes da Academia, para homenagear, de accordo com a responsabilidade de homens superiores, o maior, o mais dedicado, o mais abnegado amigo da Academia Brasileira de Letras.

Os illustres hospedes do "Petit Trianon" esqueceram o nosso Zé Vicente, aquelle Zé Vicente origina^l quasi exotico, que viveu os seus últimos annos dedicando-os á propaganda e ao bom conceito da nossa mais alta representação literaria. Zé Vicente não era um vulgar. Excêntrico desde as balas, que tinha constantemente nos bolsos, ás phrases cheias de ironia e de *double-sens*. elle falava entrecortando as palavras, passando o lenço de uma para outra mão, sorrindo sempre e sempre acariciando a Academia, os seus membros, contando pormenores da vida literaria daquelles illustres homens. Zé Vicente era um almanach acadêmico. Interessava-se pela gloria da Academia e dos immortaes, como se dependessem de uma

responsabilidade sua os louros que elles recebiam. Elle não era, entretanto, um espirito parnasiano; antes pelo contrario. Zé Vicente possuia um sentir renovador, emancipado^l futurista. Elle era um futurista authentico. Prova-o a exquiritice dos seus accessos de felicidade. Dizia elle que, quando era muito feliz, desejava morrer; e contava que por mais de uma vez interrompera a vida com tentativas de suicídio, exclusivamente por excesso de felicidade. Eram os momentos summamente felizes que lhe suscitavam o desejo bizarro de morrer, dizia elle, pois, certo de que a ventura não tardaria a desvanecer-se, elle preferia deixar de existir a ser surprehendido pelo desengano fatal.

E' verdadeiramente futurista essa causa de suicídio... E' absolutamente inédito desejar morrer para evitar que a sua grande alegria seja sepultada pela decepção...

Foi Meira Penna quem me contou ter sido uma das grandes vaidades de Zé Vicente a phrase que Ruy Barbosa pronunciou^l certa vez que ambos visitavam o grande homem. Ruy dissera: — "Na Academia de Letras, o senhor conseguiu tirar azeite das pedras". E era com orgulho, disse-me o Penna, que o nosso amigo repetia o expressivo elogio do maior dos brasileiros.



E o nosso querido amigo desapareceu. Desapareceu das casas de chá, dos salões acadêmicos e das avenidas cariocas, a silhueta amavel e frisonha de José Vicente. Cada vez que a Academia se abria para uma recepção mais pomposa, elle se preocupava apaixonadamente pelo brilho da festa, telephonando, insistindo para que se *iosse*, trabalhando pelo noticiário dos jornaes, esforçando-se para que a homenagem ao vulto do momento fosse illuminada de todo o fulgor, de toda a grandiosidade intellectual e elegante.

E José Vicente não se interessava unicamente pela Academia Brasileira de Letras estatuaría, millionaria e nobre. Não, E-le se interessava por todos os espiritos e por todas as intelligencias intellectuaes. Onde lhe parecia existir a arte de escrever, elle accorria, sorrindo boamente, encorajando, interessando-se vivamente. A Academia de Letras, para Zé Vicente, não se restringia aos bordados vistosos dos illustres cavalheiros que se sentam nas illustres poltronas do "Petit Trianon". A Academia de Letras, para elle, continuava pela Avenida Rio Branco, pelas livrarias, pelos grandes salões, pelos jornaes, pelas ruas, pelos chás, por toda parte onde houvesse gente intelligente que dissesse, pensasse e escrevesse coisas interessantes. Até nós, os pequeninos, que vivemos na penumbra escassa do nosso *abat-jour* jornalístico e trabalhoso, até nós o interessávamos.

Certa vez, em um domingo luminoso de verão, acabava eu de almoçar em minha casa, no Alto da Boa Vista, em companhia de Monteiro Lobato e Peregrino Junior, quando Zé Vicente nos surpreendeu. Queria que fossemos com elle á casa de Alcides Maia. Eu não podia ir. Fil-o sentar e conversar connosco um bocado. Zé Vicente instalou-se na poltrona de couro do meu escriptorio e, chupando uma bala e abanando o lenço, disse coisas originaes, lembrou factos passados da minha vida mundana de um tempo que já lá vai e que eu soubera esquecer. Elle m'as recordou de uma fôrma tão interessante, citando datas, de-

talhando horas, que eu lhe perdoei a irreverência de me fazer sentir que já vivera, dez, doze, quinze annos depois daquelles momentos... Monteiro Lobato cochilava^ enterrado na sua poltrona... Peregrino fingia escrever, sentado na minha cadeira de trabalho... e Zé Vicente falava tranquilamente... e eu lhe disse:

— Perdoo-lhe lembrar-me que já não tenho vinte annos, porque m'o recordou com muita graça e com detalhes interessantes; mas, de hoje em diante, não se lembre mais senão de mim. Eu existo ha poucos annos e sou eu, só eu. Aquella outra, creia, quando me falava nella, ha pouco parecia-me que falava em uma criatura que conheci e que me faz pena... Lembre-se só de mim.

— Oh, eu bem sei... Eu conheci aquella jovem senhora e agora conheço a minha boa amiga, a que me proporciona a ventura de ler coisas interessantes no *Pais*, na *Illustração*, na *Caneta*, no *Para Todos*, no *A. B. C.*, no *Impardali*...

E Zé Vicente continuou a citar « jornaes em que eu tralhava, determinando os dias, os titulos dos meus trabalhos, referindo-se a uma e outra chronica, commentado *suetos*. Zé Vicente fez-me chegar ao auge da admiração, rememorando minuciosamente a minha vida de trabalho intellectual. E concluiu:

— Bem vê que a conheço agora melhor do que d sua velha imagem, do que á sua personalidade antiga...

— Personalidade?... Eu não tinha personalidade... Eu não era ninguém... Eu era uma sombra, Zé Vicente. Eu era um phantasma...

— Por isso é que eu tenho medo de phantasma... — gracejou elle galantemente.

Por essa altura, Monteiro Lobato dormia profundamente. Zé Vicente tossiu para o acordar, e lá se foram elles para a casa de Alcides Maia, creio.

Vina Ceitti.

("O Paiz", Rio)

EÇA DE QUEIROZ

Eça de Queiroz, "vencido da vida", victorioso da morte, vac resuscitar. No fundo dum velho cofre, que mais parece a mala imprevisada dum prestidigitador, surgiram cinco livros inéditos do nosso maior romancista, desse grande D. Quixote da ironia e do sarcasmo que soube investir, victoriosamente^ contra todos os moinhos de vento da nossa Sociedade e da nossa Política.

A noticia desta grande descoberta, descoberta dum novo mundo de sensibilidade, agitou, singularmente, o nosso meio litterario. O feliz achado toma as proporções dum milagre. Eça de Queiroz resuscita... Sentimol-o perto de nós, a atravessar o Chiado, perfil longo e triste^ vagamente curvado, attitude que lhe ficou de ter estado tanto tempo com a verdade nos braços...

Que cofre foi esse em que foram encontrados os inéditos do romancista? Quem os encontrou? Porque razão o cofre ainda não fôra aberto? O que são os inéditos de Eça de Queiroz? Uma bella carta do illustre escriptor que é o filho mais velho de Eça de Queiroz, publicada no "Correio da Manhã", já respondeu a todas estas perguntas. O assumpto, porém, é tão interessante que custa abandonal-o.

O cofre em que rompeu, de novo, o sol brilhante e mordaz do monoculo de Eça de Queiroz — "ex-libr<s" de toda a sua arte — foi um cofre de ferro, sarcophago de recordações, cofre onde velhos papeis, números soltos de revistas, gravatas mortas, livros amarellecidos fizeram ninho' aos dois romances inéditos, ás duas obras cantantes... O cofre ainda não fôra aberto ou, pelo menos, ainda não fôra desvendado, porque os filhos de Eça de Queiroz, retratos admiraveis de seu pae, tendo partido para destinos differentes, só agora voltaram a encontrar-se.

Uma saudade criadora, uma saudade que, só por si já tinha a força duma resurreição, levou-os junto do cofre mysterioso onde fioaram debruçados, como se aquelle cofre fosse um tumulo, um tumulo vivo... Não se enganaram. Quando as suas mãos saudosas mergulharam no fundo do cofre, esperando trazer punhados de cinzas, regressaram á luz trazendo a carne viva das cinco obras pos-

thumas, obras que talvez Eça de Queiroz tivesse escripto na morte, no socego da morte, e as tivesse vindo collocar alli» como aquelles paes extremosos que, na noite de Natal, entregam o mundo aos filhos no fundo dum velho sapato... Verificado o conteúdo, o maravilhoso cofre vae ser despachado para a immortalidade pelos editores, a quem fôr confiado. Será a mala de Eça de Queiroz que fará pagar mais direitos, mais direitos de autor.

Foram encontrados cinco livros, um livro de viagens sobre o qual não tenho informações, um romance com o titulo de "Genoveva", outro romance intitulado "A Capital" e duas novellas sem titulo.

"Genoveva" é uma primeira versão dos "Maiais", com o mesmo assumpto, mas com uma finalidade differente e com novos personagens. E é isso o que interessa. A vida nas obras de Eça de Queiroz não é dada pelos conflictos, pelo enredo, é dada sobretudo pelos personagens, pela densidade da população. As obras do grande escriptor são verdadeiras multidões. Quasi cada phrase é um personagem. Os protagonistas das obras têm que abrir caminho para passar. São os conselheiros graves^ as viúvas bem dispostas, os amanuenses os bohemios, os falhados, os tocadores de fado, os bacharéis formados, os jornalistas de provincia, os majores de reserva, os fidalgos ociosos. Entra-se num livro de Eça de Queiroz como se entra numa cidade tumultuosa. Não ha só um drama nas obras do romancista: ha tantos dramas como personagens ha tantos dramas como almas. Por isso "Genoveva" deve ser um livro rovo, um livro com uma população differente, com novos costumes e novos hábitos. Não são os "Maiais", são outros "Maiais"... Os dramas, em toda a parte, são os mesmos. Os personagens é que são differentes.

"A Capital" é um romance em dois volumes onde se faz a historia dum provinciano, amigo intimo dos passaros e das flores, que cahio, um dia, na cidade e foi, aos poucos, esfarrapando a alma... E' toda a offrasiva dos vicios e das desillusões numa alma branca. E' todo o desmoronar dum Castello de cartas, de cartas



de amor... Não é a "Cidade e as Serras". E' a serra na cidade, a cordilheira na lama. E' um romance de ironia e ternura. E' a historia do "pierret", do "pierrot" aldeão para quem a cidade foi uma Colombina perversa e traiçoeira...

Além do livro de viagens^ ha ainda um livro de assumptos diplomáticos e vários livros de cartas particulares, livros com os quaes não concordo porque não ha talvez o direito, sem consentimento do escriptor, de apresentar como obra de arte o que é apenas obra humana, obra intima. Os livros de cartas são livros destinados, sobretudo, aos investigadores. Ora, se não ha o direito de bisbilhotar as gavetas do escriptor emquanto vivo, também não ha e direito de o fazer depois de morto. A vida do escriptor é a única obra que não se deve editar. Deve ter um exemplar único destinado á familia. Não envolvem estas palavras a menor censura para os fúlios de Eça de Queiroz, por quem tenho o maior respeito e a maior sympathia. Eu sei, de fonte segura, que as cartas publicadas serão apenas aquellas que mantêm um caracter litterario, que têm um interesse publico.

Seja como fôr, Eça de Queiroz vae ser um "vient de paraitre". Vae resuscitar nas "vitrinas", nas criticas litterarias, nas

primeiras paginas dos jornaes. Vae ser discutido — vae existir, portanto. Os quatro ou cinco livros que successivamente irão apparecendo nada accrescentarão á gloria do grande escriptor. Entretanto, chegariam para fazer a gloria de qualquer romancista. Os dois romances de Eça de Queiroz parecem ser anteriores a todos os seus outros romances. De modo que este Eça de Queiroz que veio agora ter conosco é um Eça de Queiroz de vinte e tantos annos que nós não conhecemos ainda, um romancista que morreu durante a vida do proprio Eça. O escriptor envia-nos, do tumulto a sua mocidade. E a mocidade de Eça de Queiroz é forçosamente uma bella affirmação de vida e de alegria.

A estatua da Verdade no Largo do Barão de Quintela appareceu, um dia, com alguns dedos quebrados. Por mais que se procurassem não foi possível encontrar-os. Sabe-se agora onde estavam... Os dedos da Verdade de Eça de Queiroz, as suas ultimas obras, foram esconder-se no fundo do velho cofre de ferro e alli ficaram aguardando a hora do desencanto. A estatua de Teixeira Lopes pode ser restaurada. A obra de Eça de Queiroz é uma verdade completa.

Antonio Ferro

("Jornal do Commercio", S. Paulo)





DEBATES E PESQUISAS

CAMÕES E AS NASCENTES DO NILO

Um dos problemas geográficos que mais agitaram os meios científicos da Europa, nos meados do século XIX, foi o das nascentes do Nilo, o grande e singular rio que dos outros todos se diferenciava pela marcha para o norte, quase em linha recta e sem afluentes, sempre, sobretudo, pelas bruscas e fecundantes cheias que fizeram ao lado do deserto, a terra fértil dos fellahs, humildes lavradores que resistiram, através dos tempos, mais do que os faraós, os califas e vice-reis, comparáveis, apenas, na humildade, às areias movediças e, na resistência, às pirâmides imóveis. O Nilo era um rio de lenda e mistério. A lenda vinha-lhe da história; o mistério era todo geográfico. Descendia a lenda às civilizações mortas que ali tinham florescido, sobrepostas umas sobre as outras, cada qual com a sua característica própria, mas todas com os esplendores das miragens históricas, mais decorativas e enganadoras que as miragens do deserto; o mistério brota das regiões confusas e mal conhecidas do árido centro da África. Descobrir a terra fechada foi para os geógrafos um problema tão apaixonante como, para os historiadores, o problema cerrado dos hieróglifos. A terra que ninguém conhecia,

e a língua de todos desconhecida, provocavam nas rodas científicas o divino, talvez infernal, sem dúvida, humano sentimento que se chama a "curiosidade".

TC partiram expedições sobre expedições para descobrir as nascentes do rio admirável que Homero, o gênio poético, ha três mil annos dissera que descia do céu — fôrta poética superior para dizer, ao mesmo tempo, tres coisas diversas e todas certas, sem nenhuma ser verdadeira: — do céu vinha pelos benefícios que derramava com suas cheias, fecundando a terra marginal para realisar o milagre do mais bello e maior oásis entre os mais áridos e maiores desertos; do céu vinha porque, sem o derrame quasi diluvial das cheias, não podiam avolumar as aguas até á gloria da fecundação; do céu vinha, por ter principio nos "Montes da Lua", plenos de neve que, ao sol tropical se desfazia, e em despenhadeiros se apressava para a formação dos primeiros veios que depois, engrossados por outros veios, attingiam o orgulho com que o Nilo disputa hoje ao Amazonas, senão o volume das aguas, a extensão do percurso.

Não quiseram os homens do século XIX, já materializados pela «ciência ex-

perimental, acreditar na expressão poética de Homero, e desejaram saber de onde vinha o Nilo, certos que do céu vinha. Começaram as expedições, porque os exploradores apenas tinham audácia, e podiam medir esta pela ignorancia. Quando ultimamente, Alphonse Daudet, o truculento *camelot du rei*, agora derrotado nas eleições em França, escreveu o seu livro escandaloso — *O estúpido século XIX* — houve muitas pessoas que se indignaram. Não me indignei. Limitei-me a sorrir, com esta benevolencia e tolerancia em que apostei a minha furiosa combatividade de outrora. Hoje, apreciando as expedições para se deslindar o complicado problema geographico das nascentes do Nilo, realizadas no século XIX, concordo plenamente com Léon Daudet, que o século XIX foi o mais estúpido de todos os seculos, com a sua prosapia scientifica. O que o século XIX tentou e realizou, neste particular, já estava tentado e realizado no século XVI, e verificado no século XVII, com toda, a galhardia e segurança.

Os exploradores portuguezes, a par e passo que iam realizando o périplo da Africa Portentosa, por jornadas successivas á Terra Alta, com Gonçalo-o-Velho; ao Bojador, com Gil Eannes; ao Cabo Tormentoso, com Bartholomeu Dias, e á índia, com Vasco da Gama, iam também penetrando o interior, não se contentando com a devassa do oceano, realizando em paralelo a devassa do continente.

D. Manuel I organ'zou uma expedição do Congo á Ethiopia — verdadeira expedição de "costa á contra-costa", da Africa occidental á Africa oriental, com a aggravante de ser na direcção da sua maior largura, e que se perdeu na tragedia desconhecida.

Particulares, militares e religiosos realizaram varias explorações ás, ainda hoje pouco frequentadas, regiões dos lagos, como se verifica em um dos mappas de Duarte Lopes, explorador portuguez, que, antes de qualquer outro, definiu cartographicamente as nascentes do Nilo. As suas expedições, tão dramaticas e pittorescas, datam de 1578 a 1587, tendo sido dadas á estampa em 1591. Outros muitos deixaram suas narrativas dessas explorações através dos nossos chronistas. A ignorancia do século XIX ou, como diz Léon Daudet, a estupidez, levou os homens a novas explorações, que seriam

de applaudir se tivessem por fim ratificar e completar os trabalhos dos séculos anteriores, em que os portuguezes conquistaram logar primacial.

Mas, não. Os novos exploradores partiram, fazendo taboa-rasa do passado. E depois das novas e dramaticas explorações affirmaram, emphaticamente, o que já estava conhecido, como sendo descobertas novas.

Assim procederam Burton, Speke, Baker, Livingston, Cameron, Stanley, Bellafonds Gessi, Masson e outros que, successivamente, em longas e arriscadas explorações, chegaram a opiniões divergentes, creando motivos de polemica aggressiva entre elles ou com outros scientists. Emfim, depois de tantas explorações, concluíram que o Nilo nasce na região dos lagos, onde vários rios podem disputar-lhe a origem, sabendo-se, porém, que depois de atravessarem dois lagos menores, entram as aguas em um lago maior, de onde brotam dois dos grandes rios da Africa — o Nilo e o Zambeze, seguindo, aquelle para o norte até ao Mediterrâneo, no Egypto, e este para o oriente até ao Indico, em Moçambique, colónia portugueza. Esses lagos são os que actualmente têm o nome de Alberto Eduardo, Alberto Nyanza e Victoria Nyanza. Dirão: — os chronistas portuguezes, como, aliás, toda a literatura portugueza, são pouco conhecidos e, por isso, esses valores geographicos, já marcados nas expedições do século XVI, tinham-se perdido para a civilização. Assim, as nascentes do Nilo eram totalmente desconhecidas no século XIX. Foi preciso recomçar.

O argumento parece-nos inerte. Os verdadeiros sábios não são como o resto do vulgo, que se pôde contentar com a literatura da sua língua, ou, até, apenas com a literatura correspondente á sua classe ou á sua cultura. Com os sábios não succede o mesmo. O sábio tem de procurar para a sua obra todos os elementos em qualquer lingua viva ou morta, universal[^] nacional ou local, onde possa encontrar motivos elucidativos, tanto nos cuneiformes da Assyria, como nos hieroglyphos do Egypto, no sanscrito ou em qualquer das linguas indigeno-americanas, quanto mais em uma lingua europeá que tem obras de renome universal. Demais a mais, no livro mais lido da lingua portugueza, no que tem mais ed-



ções e mais traducções, o mais criticado e o mais cominentado, o mais nacional e o mais universal, — *Os Lusíadas*, encontrou-se a descripção das nascentes do Nilo, com rara nitidez, no canto X:

XCIII

Vê que do lago donde se derrama
O Nilo, também vindo está o Cuama.

XCIV

O ha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberam os ymtigos.

Nada mais preciso. De um grande lago derrama-se o Nilo e o Cuama. Diz o padre JoSo Santos[^] na surf *Ulhidpia*, que os indigenas chamam Cuama ao Zambeze e os geographos modernos chamam Cuama ao maior dos braços do Delta do Zambeze.

As modernas expedições verificaram

que o Nilo e o Zambeze se derramavam do mesmo lago — Victoria Nyanza. Continúa, porém, indeciso onde nasce o Nilo, sabendo-se apenas que nasce na região dos lagos, onde ha muitas toalhas de agua, ou lagoas, atravessando, porém, os lagos Eduardo Alberto e Alberto Nyanza.

Camões o disse[^] antes até dos mapps de Duarte Lopes de 1591, pois que *Os Lusíadas* foram publicados em 1572. O gênio é maravilhoso! Em quatro versos, o grande épico definiu (com a certeza de um lago de onde o Nilo se derrama e a incerteza dos lagos em que nasce) tudo quanto apuraram, antes e depois d'elle, os mais audaciosos exploradores!

Esta é a homenagem de admiração que aqui lhe deixo, nesta semana camoneana, de que o Brasil parece esquecido.

Alexandre de Albuquerque

("O Paiz", Rio)

A MORTE MYSTERIOSA DE CLAUDIO

Não • visitei a residencia de Cláudio Manuel da Costa, em Ouro Preto. Escasseando-me o tempo, preferi buscar a "Casa dos Contos", primitivamente Casa do Real-Contrato, onde, a 4 de julho de 1779, no "segredo" ou prisão especialmente preparada para receber o delicado cantor de "Villa Rica", elle appareceu mysteriosamente morto.

A Casa dos Centos é hoje, em Ouro Preto, a Repartição dos Correios. Enorme edificio de fachada desgraciosa, pelo oitão da esquerda offerece um aspecto mais imponente, por isso que suas paredes, verdadeiras muralhas de fortaleza, descem té ao valle apoiadas em arcadas[^] cujos pegões mergulham na agua pura e getada de um arroio que por ali passa cantando, agora como dantes, por entre as moitas foridas e húmidas. Visto pelo oitão da direita parece afundar-se na montanha que sobe, suspendendo aos flancos o velho casar^o colonial.

A despeito das installações officiaes da Repartição, esse edificio respira ainda a mesma quietude, a mesma monotonia de outr^oora, e de suas paredes escorre um silencio de morte. Dali, no entanto sa-Kiram centenas de arrobas de ouro arancado ao ventre das minas trabalhadas

pelo negro e pelo indio escravos, para se transformar lá fóra, ou do outro lado do Atlântico, nas moedas symbolicas da riqueza ou nos adereços e brincos dos fidalgos e das mulheres ignorantes da horrível tragedia da sua conquista e exploração. Em baixo, realmente, num compartimento mal illuminado, vêem-se os restos da fundição, e numa trave colossal de madeira rija como ferro algum dos rudes operários de antanho deixou pregada uma ferradura... Pelos subterrâneos e no sotam, para o qual se sobe por uma arruinada escada em caracol, defrontei cora o precioso archivo dos negocios do ouro apodrecendo criminosamente. Os livros do assentamento do commercio do Tejuco e do registro do cubiçado metal em toda a zona mineira ali estão roidos pelo bicho e destruídos pela humidade. Quasi todos têm a capa de couro e alguns fascículos são revestidos de um esplendido papel dourado que, a despeito dessa nefasta acção do abandono e do tempo, ainda mantém o seu brilho primitivo. Naquellas annotações, feitas em papel magnifico e com tinta inapagavel, revive toda a penosissima historia do fisco na região das minas. Mas os documentos que servem á historia politica da gloriosa provincia já



não estão ali. Salvou-os, pelas mãos tios seus historiographos, um governo intelligente.

O que, porém, mais me attrahia, transpondo aquelle átrio vetusto era o famoso "segredo" onde se "enforcou" Cláudio Manoel da Costa ou, me.hor, onde os esbirros da tyrannia o assassinaram!

Em tudo, ali, paira infelizmente uma duvida. Os documentos da época dizem que tal segredo ficava em baixo da escada. Fiz abrir o commodo que ali existe e se me afigura impossivel que em tal sitio, sem ar e sem luz, estreito e fechado pela escada que dá accesso ao pavimento superior, houvessem enclausurado o poeta e advogado^ considerado por Xavier da Veiga a cabeça mais culta da capitania, superior ao proprio Gonzaga, e a quem, conforme se lê da sentença condemnatoria dos Inconfidentes, estaria destinada a redacção das leis da republica...

Cerrando a porta, a luz e o ar só podem penetrar ali por alguma frincha da escadaria, aliás, de pedra. Para "segredo" porém, o sitio era o mais improprio. Quem entrasse e sahisse haveria de escutar os protestos do encarcerado, e nem haveria espaço sufficiente para a instalação dos instrumentos de tortura com que então se obtinham as confissões "espontancas" dos accusados.

Existe, porém, logo adiante, e para a direita do edificio, na parte em que foram fechadas a alvenaria, as janellas gradeadas, um compartimento que, na minha opinião, deveria ter sido o theatro da tragedia occorrida na noite de 3 para 4 de abril de 1789. O Dr. Lucio dos Santos, que também não aceita como exacta a tradição que aponta o vão da escada como o celebre "segredo" da "Casa dos Contos", não nos dá sua abalisada opinião sobre qual devesse na realidade ter sido, dentre as divisões delia, aquella onde correu Cláudio.

Esse illustre mineiro, culto e talentoso^ que havia sido feito por duas vezes secretario do governo da Capitania, que era jurista e advogado, além de poeta dos mais delicados, apparece nos interrogatórios, mais tarde considerados, pela proP'ia justiça de el-rei, sem valor juridicOj pelas irregularidades de que se revestiram, apparece ahi fraco, pusilânime, contradictorio, ora negando qualquer conhe-

cimento da conjura, ora dizendo-a real, mas sem caracter politico^ ora accusando como implicados num movimento sedicioso seus mais caros amigos, entre os quaes Alvarenga e Thomaz Antonio Gonzaga. E' perfeitamente sabido que Cláudio Manoel da Costa constituia um dos mais nobres caracteres de Villa Rica, e assim mal se comprehenderia a sua miserável capitulação.

Ali, naquelle casarão historico, eu ia repetindo machinalmente os termos da sentença condemnatoria dos Inconfidentes na parte em que se referiu ao Dr. Cláudio, morto tres annos antes, e que rezam assim:

"Mostra-se" quanto ao réu Cláudio Manoel da Costa que, supposto não assistisse, nem figurasse nos conventiculos que sr* fizeram em casa do réu Francisco de Paula, e em casa do réu Domingos de Abreu, comtudo soube, e teve individual noticia e certeza, que estava ajustado entre os chefes da conjuração fazer-se um motim e levante, estabelecer-se uma Republica independente naquella capitania de Minas; proferindo o seu voto com o réu Alvarenga^ e o padre Carlos Correia de Toledo, tanto na sua própria casa, como na do réu Thomaz Antonio Gonzaga; consta do appenso n. 6, fls. 7, d? devassa desta cidade, e o confessou o réu, no appenso n. 4 da devassa de Miras; em cujas conferencias se tratava do modo de executar a sedição e levante, e dos meios do estabelecimento da republica, chegando ao ponto do réu votar sobre a bandeira e armas de que se devia usar, consta do appenso n. 4, a fls., e o appenso n. 5 a fls. 7f constituindo-se pelas ditas infames conferencias também chefe da conjuração, para quem os mais chefes destinavam a factura das leis para a nova republica, consta a fls. 2, do appenso n. 23, e testemunhas de fls. 98 da devassa de Minas; e tão bem se reconheceu este réu criminoso de lesa-magestade da primeira cabeça, que horrorizado com o temor do castigo que merecia pela qualidade do delicto, que logo depois das primeiras perguntas "que lhe foram feitas, foi achado morto afogado no Cárcere, com a liga; consta do appenso n. 4."

"Ao réu Cláudio Manoel da Costa, pois, "que se matou no carcere" f declaram infame a sua memoria e infames seus fi-



lhos e netos, tendo-os, e seus bens por confiscados para o fisco e camarã real".

A população local é que começou a murmurar não se haver suicidado o poeta do "Epicédio", e de boca em boca chegou até nossos tempos que elle havia sido assassinado, tanto assim que, chamado a manifestar-se o cirurgião-mór de alcunha "Paracatú", lavrara o seu parecer opinando pelo homicidio, mas no dia seguinte, procurado pelo ajudante de ordens do general[^] que ciava o corpo de delicto por inutilizado involuntariamente, pediu-lhe tal senhor que redigisse outro, aceitando, porém, a hypothese do suicidio!...

Deu-se, de facto, Cláudio como tendo apparecido enforcado, por um laço preso a uma prateleira existente no cárcere, mas em posição tal que hoje se faz difficil aceitar-a para um morto em taes condições. A h'atoria repelle quasi pela unanimidade dos seus servidores mais autorisadofí esta hypothese e aceita a de que por motivos ignorados, o governador da Capitania mandara liquidal-o por dois soldados.

Meu companheiro de visita, o Dr. Roberto Vasconcellos, filho do historiador Diogo de Vasconcellos, e apaixonado estudioso das tradições villariquenses, alludiu-me, entretanto, a uma outra versão corrente entre os seus antepassados, e que nunca vi em qualquer dos escavadores da conjuração mineira. Trata-se da fuga de Claud'o Manoel da Costa, promovida por anvgos muito dedicados com assento nos concilios do governo, convindo recordar que elle, por duas vezes, fôra secretario desse governo e que acompanhara um dos governadores numa excursão de quatrocentas léguas pelas costas de São Paulo.

Dá que pensar esta terceira hypothese, pela circumstancia de não se haver já-

mais identificado a sepultura do notável mineiro.

Seja como fôr, "enforcado voluntariamente por suas mãos", como rezava a "Devassa", appenso 4, ou morto por mãos estranhas[^] ou ainda escapo para a Vargem do Carmo, onde consta que nasceu e onde viveu por muito tempo, o certo é que sobre a figura de Cláudio Manoel da Costa paira um indecifrável, um impenetrável mysterio.

Elie um dia havia cantado:

Aquelle que enfermou de desgraçado,
Não espere encontrar ventura alguma:
Que o céu ninguém consente que presu-
[ma,
Que possa dominar seu duro fado.

Por mais que gire o espirito cançado
Atrás de algum prazer, por mais em sum-
[ma,

Que porfie, trabalhe, e se consuma,
Mudança não verá do triste estado.

Não basta algum valor, arte ou engenho
A suspender o ardor, com que se move
A infausta roda do fatal despenho.

E bem que o peito humano as forças
[prove,
Que ha de fazer o temerário empenho,
Onde o raio é do céu, a mão de Jove?

Admirável previsão esta, do seu des-uno. A Corôa decretou, pela sua justiça, infames até seus filhos e netos e confiscou seus bens. A sentença produziu ter-ríveis resultados. Ainda hoje arrastam vida desditosa os parentes de Cláudio. Segundo me informaram, os que ainda restam dessa estirpe gloriosa não passam de mendigos no municipio de Marianna...

Lemos Britto

("Gazeta de Noticias", Rio)

A SEMANA SANTA DOS GUARANYS

Extravagantemente tragicas e extra-
vagantemente burlescas são aquellas scenas das cerimonias da Paixão de Christo. que José Joaquim Machado de Oliveira descreve, no acampamento sulista de Alegre, entre os Guarany's.

A' primeira vista surprehende que um povo na phase selvagem, como os nossos

avós indígenas, de fundo fetichista e de religião inteiramente diversa da nossa, tenha nos seus hábitos o habto religioso de reproduzir os ritos catholicos.

A explicação é simp'es: durante longo período histórico, as terras do sul t'veram a influencia decisiva dos missionários jesuítas, estabelecidos no Territorio da»



Missões. Foi sempre da politica padresca e particularmente da muito subtil e muito pratica politica dos sacerdotes de Loyola influir nos espiritos pelos aspectos materiaes^ impressionando mais os sentimentos que a imaginação. Os principios catholicos foram ensinados aos selvagens mais objectivamente, mais em reproducções de scenas, que em doutrina que elles não podiam comprehender. Em toda a immensa região da Guyana a dramaticidade da Paixão de Christo foi larga e repetidamente representada aos olhos indigenas. Tempos depois desapareceu o dominó dos padres. Mas a impressão ficou funda e indevel no espirito dos selvicolas. Doutrina, principios, ritos, tudo e tudo ficou embruhlado, misturado e confuso na imaginação dos gentios. Sem mais os missionários para lhes guiar religioamente as solennidades catholicas, era natural que, guiados por elles proprios, os cerimoniaes soffressem a influencia barbara, aquelle mixto de selvageria e de civilização que resalta da curiosa chronica de José Joaquim Machado de Oliveira. O escriptor descreve scenas de 1818, em Alegrete, no Rio Grande, no acampamento do general José de Abreu, entre os indios que serviam o nosso Exercito no tempo das campanhas do sul, quando batiamos o caudilhismo infrene de Artigas.

A Semana Santa dos Guaranyes começa no Domingo de Ramos. Ao amanhecer, os gentios marcham para a matta próxima. Voltam mais tarde, em filas, silenciosamente, carregando, ou melhor, vestindo largas folhas de palmeira. E' a ingénua reproducção da entrada triumphal de Christo nas ruas de Jerusalém.

As palmas vão servir para a construcção de duas choças — uma para o ceremonial religioso e outra para os exercicios flagellatorios.

E' justam^onte na pratica dos flagelos que ma's os Guaranyes desvirtuam os officios catholicos.

A' tarde, o povo cerca a cabana do ceremonial. Deante do chefe apresentam-se os homens que se candidatam á honra divina de reproduzir, em pessoa, a figura torturada de Jesus.

E' interessante o costume. A aspiração maior de todos os homens valentes e aquella. Mas o papel de Christo não^{se} pode dar a qualquer, por mais virtu-

des que tenha, por mais qualidades que apresente.

A escolha é feita por meio de um concurso.

Christo soffreu as humilhações mais dolorosas^ os supplicios mais duros e cruéis. Nas solennidades da sua Paixão só lhe poderá ter o papel aquelle que maiores torturas impuzer ao seu proprio corpo.

Os candidatos entram para a choça destinada ás penitencias. Começa a tragedia sangrenta dos cilícios. Vinte, cincoenta, cem, duzentos homens, nus da cintura para cima, ajoelhados, cortam as suas próprias carnes com açoites de couro, brutalmente, impiedosamente, numa fúria e numa insensibilidade de esfriar os ossos. E' horrível. Cada qual quer mostrar maior capacidade de soffrimento e de resistencia, maior numero de golpes na carne viva, maior porção de sangue nas feridas. Aquelle que mais se flagella é o que vae servir de Christo nas ceremonias de sexta-feira. Um servente assiste-os, limpando-lhes as chagas gotejantes, para que o sangue não se coagule. Uns desanimam, ca'ndo desfallecidos; outros, desfallecidos, recomeçam, mal recuperam a lucidez.

E isto se prolonga até á manhã do dia em que Jesus morreu.

Quinta-feira de Endoenças. A cabana das orações amanheceu revestida de preto. Ao centro, numa alta banquetta branca, um crucifixo entre duas velas accesãs em castiças de barro. A sala está toda illuminada de velas mcttlidas em estacas de bambú. No chão — folhas cheirosas; na parede — a pia de agua benta, com um hyssope de cabelo.

Ha no ambiente um tom de concentraçãõ; mas uma particularidade cómica resalta aos olhos: o Redemptor crucificado é obra de escultura indigena — o Christo não tem aquelle ar b'blico, aquella expressão suave que nós todos lhe conhecemos através dos esculptores civilizados — é um indio, a cara de indio, com todos os traços de um habitante das selvas patrias.

Ao meio dia, p'los arredores da aldeia, bate o tambor. Desde os primeiros rufos, as mulheres desatam os cabellos, vestem-se de negro e vêm sentar-se á porta das cabanas, dolent-s, a cabeça inclinada para a terra, em recolhimento completo. Os



filhos que chorem, a casa que caia, cilas dali não sairão, estaticas, como feitas de pedra.

A' noite é a adoração do crucifixo. A mais velha das indias, de mãos postas[^] ronca um pranto desabalado e terrível. A multidão cerca-a compungida, lacrimosa. A carpideira vae narrando, lá a seu modo, em guarany, os martyrios de Je-

— Christo foi morto pelo demonio! sim, padeceu morte o pobre Christo.

E chora e lamenta-se e berra até cair no chão, sem forças, desfallecida. Substituem-na por outra e -as lamentações se prolongam até noite alta. As carpideiras recebem pagamento pela muita lagrima que derramam e quasi sempre são encontradas depois nas vendolas próximas (quem conta isso é o chronista) a beber cachaça lampeiramente, com o dinheiro ganho na cerimonia.

O amanhecer de sexta-feira é silencio como nenhum outro. Não se ouve uma voz; tem-se a impressão de que a aldeia foi inteiramente abandonada. Só quem passar pela cabana dos supplicios ouvirá o ruido dos açoites cortando as carnes dos candidatos ao papel de Redemptor.

A' tarde a aldeia se move. E' o exame dos flagelados — vae-se ver quem merece encarnar a figura macerada do filho de Maria. E' o que até ali resistiu com as mais fundas feridas no corpo, e mais sangue derramado das feridas. PÕem-lhe aos hombros uma tunica preta e cinge-se-lhe a cintura com um cordão de couro.

Ao cair da noite o crucifixo da casa das orações foi substituido por uma grande cruz negra, com tiras de panno branco nos braços.

Só ás dez horas se faz a procissão do enterro. Não ficou ninguém em casa. A procissão sae á rua: á frente um menino, vestido de preto, com a cabeça coberta de panno branco e sobre o panno uma corda de espinhos, carrega uma longa cruz de bambú; ao lado, creanças empunhando velas de sebo; seguem-se meninas de alvas tunicas, cabellos soltos e corôas de espinho cingindo a testa, a conduzir os instrumentos de supplicio da tragedia do Golgotha: o cálix de amargura o azorrague, os cravos, a lança de Longinhos, os trinta dinheiros de Judas.

Atrás seguem os músicos a cantar uma

ladainha chula e a arranhar com os arcos, desesperadamente, rebecas rudes, feitas na própria aldeia. Em seguida um grupo de homens armados de lanças. E*ahi que vae o Christo — o que teve a fortuna e a honra de alcançar as graças de symbolizar a figura do Salvador. Leva as mãos amarradas, a corôa de espinhos rasgando-lhe a testa. Embora martyrizado, embora lanhado e chicoteado[^] não apresenta um aspecto de penalizar. Sente-se-ihe em tudo o orgulho, a empatia da honraria. A escolta surra-o ainda, esbofeteia-o, maltrata-o, como se não bastassem as torturas de uma semana inteira. A' frente segue um pregoeiro, apontando o martyrizado e a gritar num latim horrível:

— *Bccc homo!*

De cada vez que o pregoeiro grita, o Christo guarany faz esforços para mostrar-se aos olhos do publico. Tudo nelle é grotesco e rude: estica o pescoço, ergue a cabeça[^] abre desmedidamente a boca para denunciar que soffre e cae depois em abatimento, em êxtase, querendo imitar e imitando miseravelmente, truanescamente, a expressão biblica do Jesus em caminho do Calvario.

Após elle, vae uma mulher desfallecida nos braços de um homem. E' Maria, a santissima Maria mãe de Christo.

Atrás de tudo seguem as mulheres, com os filhos ao lado, de mãos postas.

A procissão gira pelos caminhos até meia noite. Inesperadamente, dissolve-se[^] como que por encanto.

No dia seguinte o sol nasce com ruflos de tambor e guinchos de pifanos. Desappareceu inteiramente a cabana dos officios divnos: o que se vê agora é um immenso poste erguido para o céu, e na ponta do poste, enforcado, Judas balan-

Vão despedaçal-o. Ruge o tambor, reasoam violas e rebecas, canta-se a Alleluia.

Um bando de creanças e mulheres, acompanhado pelos músicos, sae pelas ruas annunciando -a morte de Escariotes e recebendo espórtulas pelo ^nuncio.

Eis ahi, segundo José Joaquim Machado de Oliveira o que ficou, na inculta imaginação dos nossos avós Guarany, dos beños ritos quaresmaes que lhes ensinaram os jesuitas das Missões.

Viriato Correa

("Correio da Manhã", Rio)

LOTERIA DE S. PAULO

11 de Julho

Sexta-feira

30:000\$000

POR 2\$700

Os Bilhetes já se acham á venda em
toda a parte.

Archivo Nobiliarchico Brasileiro

PELO

BARÃO DE VASCONCELLOS

Neste precioso volume, formato e tamanho de um tomo do Larousse, o autor biographa toda a nobreza do Império do Brasil, ennumerando toda a ascendência e descendencia dos respectivos iitulares e reproduzindo em gravura os brazões de cada uin. Edição luxuosa, da qual restam apenas alguns exemplares : :

PRECO (ENCADERNADO) 606000

Pedidos á CIA. GRAPHICO - EDITORA MORTEIRO LOBATO



Regina Hotel

— tnd « r « ç o Telographico « .. REGINA .. —

Largo de S. Ephigenia, 8 * SÃO PAULO

Este novo hotel oferece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejável. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui *elevadores, rêde telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietários, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

A Revista da Sociedade de Educação

deve ser lida por todos quantos se interessam pelos assumptos didácticos.

Redactores

Dr. A. Almeida Junior

Prof. Léo Vaz

Prof. Brenno Ferraz do Amaral

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

Editora: CU. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

Aos assignantes serão enviados os números já publicados.

A M H I K n u t u r a f l x i n u n i 1 U f O O O



DIARETICOS

1913 } É preciso combater a perda
de açúcar. tonificar o or-
ganismo. regular as funções dos órgãos internos.
essências da vida e restabelecer o apetite e a função
digestiva pelo uso do

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indígenas brasileiras

PAU FERRO . SUCUPIRA

JAMELÃO E CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua



Nutrion

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E o Remedio Jos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

tem no prelo, prestes a sahir, utilíssimos livros escolares e jurídicos, dentre os quaes destacamos os seguintes, que se recommendam pelo só nome dos seus autores:

Olavo Freire . . .	Chorographia do Brasil.
Alvaro J. Rodrigues .	Geometria Descriptiva.
>> >> » .	0 Ensino Professional.
Synesio de Faria. .	Lições de Álgebra: Decomposição em Factores.
	Calculo Differential.
	Calculo Integral.
Dr. Moncorvo Filho ..	Hygiene Infantil.
Othoniel Motta . .	Anthologia Portugueza.
Dr. Reynaldo Porchat.	Direito Romano.
>> >> » .	Da Retroactividade das Leis Civis.
» » " .	Pessoa Physica e Direito Romano.

Desde já acceitam-se pedidos.

Praça da Sé, 34

CAIXA 2-B

S. PAULO



Ultimas Edições da

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

.IH.

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato.	Broch.	41000
ATRAVEZ DA EUROPA, de Afonso Lopes de Almeida	Broch. Em papel fôfo	58000
	t- Em papel jornal	35000
FACUNDO, de Sarmiento	Broch. Em fôft	55000
	Em jornal	38000
DENTE DE OURO, de Menotti Del Picchia. Broch.		45000
MEMORIAS DE UM RECRUTA, de Oswaldo Barroso.	Broch. Em fôfo	48000
	Em jornal	28500
NOS CAMINHOS DO NAZARENO, do Podre Heliodoro Pires.	Broch.	51000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, de F. J. Oliveira Vianna.	Broch.,	88000
JOAQUIM NABUCO e MACHADO DE ASSIS, de Graça Aranha.	Broch.	105000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens.	Broch.	30000
RITINHA, contos de Léo Vaz	Broch.	45000
SAPEZAES E TIGUERAS, contos de Amando Caiuby	Broch.	45000
A MEZA E A SOBREMEZA, de Rosaura Lins. Ene.		75000
JUCA MULATO, (4/ edição) de Menotti del Picchia.	Broch.	35000
O PRINCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, trad. de Rosalina C. Lisboa.	Broch.	35000
A CURA DA FEALDADE, do Dr. Renato Kehl Ene.		205000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira . Broch.		55000
O DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage	Broch.	45000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua	Broch.	55000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do Visconde de Taunay.	Broch.	55000
O PADRE EUZEBIO, de Antonio Celestino. Broch.		45000
VOCABULARIO DE RUY BARÍ50SA, por João Leda, br		55000
DISSE, por Altino Arantes, edição do ^ Grémio XI de Agosto, br.	*	85000
ENCYCLOPEDIA JURÍDICA, por Laudelino Baptista, br		55000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa, 2B-S- PAULO